

MAURICIO NAHAS

O investidor e o mágico



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

MAURICIO NAHAS

O investidor e o mágico



Copyright © 2013 Maurício Nahas

Proibida a reprodução por quaisquer meios (eletrônicos, fotográficos, xerográficos, mecânicos, gravação, estocagem em banco de dados e outros sem autorização explícita do autor, exceto em citações breves com indicação da fonte.

Diagramação para ebook: Schäffer Editorial (www.studioschaffer.com)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nahas, Maurício

O investidor e o mágico [livro eletrônico] : / Maurício Nahas. -- 1. ed. -- São Paulo : Selo GO, 2013.

2,0 Mb ; ePUB

ISBN 978-85-98143-02-6

1. Literatura Brasileira I. Lima, Edvaldo Pereira II. Título

CDD-B869.3

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

GO Livros Digitais

Avenida Ricardo Medina Filho, 435, São Paulo, SP, Brasil, CEP 05057-100

Telefone: (11) 2337-2452

www.golivrosdigitais.com

1ª edição eletrônica: novembro de 2013

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

Capítulo 1

Feliciano jogou pela trigésima terceira vez a tarrafa e o resultado das tentativas anteriores se repetiu: não retirou do mar um peixe sequer. Não estava sendo um dia muito proveitoso. Apesar de haver dias como aquele, nunca perdia o bom humor. Seus amigos sempre admiravam sua capacidade de ver o lado bom das coisas.

– Pelo menos vou almoçar mais cedo hoje e não vai ser peixe, podem ter certeza!

Todos riram muito. Recolheram também suas redes e caminharam de volta juntos, às gargalhadas.

Feliciano Silva de Freitas tinha a pele manchada pelos raios de sol e os cabelos e as barbas brancos, frutos de anos de experiência. Pescador muito querido e respeitado por todos, insistia em dizer que o que lhe fazia realmente feliz era ver todos em sua volta felizes. Não media esforços para atingir esse fim. Empréstava dinheiro sem cobrar juros, apartava brigas, visitava pessoas doentes, rezava por todos, até pelo malfalado prefeito de Esperança do Leste, Anastácio, que empregava quase todos os seus parentes na prefeitura. No fundo todos sabiam que podiam sempre contar com Feliciano.

Depois de algum tempo de caminhada, o pescador se despediu dos companheiros e entrou bem devagar em sua casa. Reparou que o cheiro do feijão ainda não estava no ar e, pelo andar da carruagem, soube que o rango demoraria um pouco.

A casa tinha uma tonalidade amarela e um jardim de margaridas a sua frente. Logo na entrada se viam uma pequena varanda e uma porta branca no meio de duas janelas de madeira, de onde se podia dizer “alô” para quem estava no outro lado do pequeno muro que circundava o terreno. Era próxima do mar, bem de frente a uma pacata rua de terra com poucas casas. Ficava bem

pertinho do mercadinho e da escola, e a poucos minutos do centro da cidade.

Feliciano chegou até a cozinha e viu Laura, sua querida esposa, de costas, mexendo com a colher de pau numa das panelas.

Tirou então uma flor do bolso e pendurou na orelha dela.

– Mulher, que dia ruim hoje! Não me lembro de outro dia tão ruim como este. Sem estresse. Para que preciso de um monte de peixes se eu tenho esta sereia linda em casa?

Deu uma risadinha e saiu logo dali em direção ao sofá, pois sabia que ela não gostava de conversa quando estava na cozinha.

E assim transcorriam aqueles dias calmos do verão de 1974 e praticamente todos os 31 anos que haviam vivido juntos. Feliciano, pescador alegre e despreocupado, Laura, dona de casa contente e dedicada.

No meio da tarde, Laura jogou os feijões em cima da mesa e passou a selecioná-los cuidadosamente, um a um. De repente, interrompeu a tarefa e se levantou correndo em direção ao banheiro. Era a quarta vez em menos de um mês que vomitava e não tinha a mínima ideia da razão de seus enjoos. Eles não podiam ter filhos, tentaram ao longo de muitos anos. Se ainda fosse uma garota, pensaria numa improvável gravidez, mas agora, com aquela idade, tal ideia nem lhe passou pela cabeça.

Laura tinha 48 anos e era a irmã mais velha. Eliane veio dez anos depois. Em seu rosto, podia-se notar a ação do tempo. Seus olhos grandes e seu nariz pontudo se misturavam com sua pele rosada. Detestava quando Eliane dizia que ela estava acima do peso e que precisava pegar leve nas sobremesas. No fundo não entendia como sua irmã teimava em convencê-la a deixar de lado o maior prazer da vida: comer.

Na semana seguinte, após se certificar que Feliciano estava a caminho da praia, Laura saiu de fininho ao encontro de Eliane para consultar o médico da cidade. No fundo achava que o seu recente mal-estar não era nada demais e que logo estaria em casa tomando algum chá de ervas.

Eliane era a irmã comportada que sabia guardar segredo. Casada com Alfredo, dono da única marmoraria da cidade, abriu seu

próprio salão de beleza e, diferente de Laura, fazia de tudo para esconder a idade. Cabelos tingidos, unhas impecavelmente benfeitas, roupas compradas de uma senhora que trazia de tudo da capital, no que dizia respeito à elegância não ficava atrás da mulher do prefeito, sua maior cliente.

O hospital local era muito modesto. Em outras cidades seria considerado um posto de saúde, mas em Esperança do Leste era tratado como um hospital. Suas paredes haviam sido pintadas recentemente, e o cheiro de tinta fresca ainda pairava no ar. Contava apenas com um médico, uma recepcionista muito da mal-educada e uma enfermeira que era casada com o único segurança. Ali, quase tudo era único.

Apesar de pequeno, o hospital contava com aparelhos modernos, recém-oferecidos pelo governo estadual. E, por não ser tão movimentado, atraía jovens em busca da boa remuneração que algumas cidades do interior costumam oferecer a médicos em começo de carreira, como o que começava a trabalhar ali naquele momento. Sem tais incentivos, dificilmente eles largariam a excitante vida que tinham na capital.

As irmãs chegaram muito cedo ao hospital e permaneceram alguns minutos sentadas na recepção, até serem atendidas pelo médico novato, que no início se limitou a ouvir as reclamações de Laura. Em seguida, enquanto escrevia desinteressadamente alguns garranchos numa pequena ficha manchada nas bordas, o médico perguntou de maneira um tanto quanto desordenada sobre seus hábitos alimentares, histórico de doenças na família e se estava tomando algum tipo de medicação. Por fim, examinou-a com muito zelo e chegou a uma conclusão que logo tratou de comunicar, com um misto de satisfação e contundência.

– A senhora está esperando um bebê.

Laura teve vontade de rir de tão desconcertada. Ajeitou-se na cadeira com seu espírito descontrolado.

– Doutor, só pode ser uma brincadeira. Eu tenho quarenta e oito anos de idade. Tentei engravidar a vida inteira.

Aflita, olha para o lado procurando pela irmã. Eliane estava pálida, passada, talvez até mais do que as paredes recém-pintadas.

O médico encarou-a com cuidado. Sua expressão não abria espaço para dúvidas.

– O que faço agora, doutor? – perguntou desconcertada.

– Vamos fazer alguns exames, passar a acompanhar toda a sua gravidez. Para isso, é preciso que nos próximos meses a senhora venha aqui com frequência. Não podemos descuidar do pré-natal.

As irmãs ouviram as recomendações com atenção. Em seguida, Laura pegou Eliane pela mão e elas andaram até a saída. Sentaram no banco de cimento armado que ficava do lado de fora do hospital, embaixo de uma mangueira robusta carregada de frutos. Laura encostou sua cabeça no ombro de Eliane ainda buscando absorver a nova e surpreendente realidade. Quando pode, disse:

– Como vou contar para Feliciano?

– Contando. Ninguém no planeta Terra ficará mais feliz com essa notícia do que ele.

Eliane sentiu sua irmã apertar mais forte o seu braço.

– Mana, no primeiro momento, mesmo me sentindo confusa, a sensação que correu pelo meu corpo foi maravilhosa, nunca me senti tão completa. Você sabe do que estou falando, você é mãe. Mesmo assim, tenho idade muito avançada para isso, todos sabemos que as coisas podem dar errado.

– Nem fala um negócio desses! Se Deus colocou essa criança em seu caminho, alguma razão tem.

Laura silenciou, refletindo sobre as palavras da irmã.

Capítulo 2

Dias depois, Laura e Feliciano almoçaram como de costume e Laura foi para a cozinha, onde ficou a pensar a respeito da gravidez tardia por um longo tempo. Quando começou a escurecer, ela foi até Feliciano, que estava sentado no degrau da varanda. Não aguentava mais guardar sozinha tamanha responsabilidade.

Sentou-se ao lado do marido, encostando sua bochecha na dele. O calor gerado a fez se sentir melhor, mais segura, protegida. Ele passou os braços sobre ela e ficaram ali alguns minutos abraçados, calados, olhando para a grama verde do quintal e ouvindo os grilos que nunca se preocuparam em guardar segredos.

Laura serenamente pegou uma das mãos de Feliciano e a trouxe para sua barriga, deixando-a ali.

– Sente alguma coisa? – disse um pouco encabulada.

Intrigado, Feliciano acariciou a barriga da mulher, sem conseguir entender o que ela estava querendo dizer com aquela observação maluca. Precisava responder à pergunta, mas sabia que uma palavra mal colocada poderia magoá-la, pois, ainda que não demonstrasse, Laura não se perdoava por não ter podido gerar uma criança, e isso a machucava muito.

– Não, meu amor.

Ele fez uma carícia rápida na barriga de Laura e voltou a abraçá-la.

Laura ajeitou-se, retirou os braços dele de seus ombros e passou uma das mãos no cabelo. Era como se houvesse virado uma criança de novo. Estava nervosa, não conseguia esconder. Seu rosto foi ficando vermelho. Sentia seu corpo queimando por dentro, mas as palavras teimavam em não sair.

Feliciano olhava para seu rosto esperando uma explicação para tanta inquietude. Será que ela tomara café demais?

Os dois voltaram a observar o jardim e como se isso trouxesse algum relaxamento a Laura, ela finalmente conseguiu dizer:

– Estou esperando um filho.

No primeiro momento, Feliciano não conseguiu fazer qualquer comentário. Seus ouvidos ficaram lutando para absorver aquelas estranhas palavras. Antes de ele sair do impasse, palavras diferentes, mas com significado semelhante voltaram a lhe perturbar, agora com mais intensidade.

– Vamos ter um bebê! – Laura acrescentou.

Atônito, Feliciano sabia que não se tratava de uma brincadeira de mau gosto. Laura não era disso.

– Você está falando sério? Um filho?! – ele quase gritou, meio excitado, meio desconcertado.

– Sim – disse com a seriedade estampada em sua face. – Ou filha. Devo estar já com uns dois a três meses de gravidez – agora a voz de Laura parecia firme. O peso que carregara nas costas por duas semanas havia desaparecido.

Feliciano parecia não acreditar. Tinha poucas palavras para expressar tamanha felicidade e não usou nenhuma delas.

Laura explicou tudo o que aconteceu. Contou sobre seus enjoos constantes e sobre a ida ao hospital.

– Vamos ter um filho, finalmente! – agora sim Feliciano gritou o mais alto que pode. Ele sorria e beijava a barriga de Laura sem parar. – Precisamos contar para todo mundo, comemorar! O padre Nicolau precisa saber. Deus, mesmo que tardiamente, ouviu nossas preces! – falava tão rápido que quase engasgava. Agora a barriga lhe parecia imensa.

Laura olhou para Feliciano com um ar de ternura. Não se conteve e algumas lágrimas começaram a escorrer de seus olhos. Seus sentimentos eram confusos.

Saltitante, Feliciano demorou a perceber que, por trás daquelas lágrimas, existia um misto de alegria e aflição. Sua alegria lhe pareceu excessiva e inoportuna ao ouvir Laura dizer com voz suave:

– É uma gravidez de bastante risco. Não sou mais nenhuma garota.

Feliciano empalideceu.

Laura o abraçou forte e juntos buscavam dissipar seus temores. Ela sabia que sua decisão não tinha volta. Ele compreendia que a decisão dela poderia ter consequências que não se permitia pensar.

– Estou com um pouco de medo, só isso. Sinto que tudo vai ficar bem, estou mais aliviada agora com você ao meu lado.

Pouco tempo depois, as palavras fluíam mais animadas da boca de Laura:

– Prefere menino ou menina?

Feliciano refletiu, decidindo pela moderação, para não correr o risco de colocar sobre ela algum tipo de pressão.

– Não me importa. Entregarei toda a minha alma e coração, sendo menino ou menina.

Laura deliciou-se com o que acabara de ouvir.

– Andei pensando em Guido, se for menino, e Silvana, se for menina, o que meu marido acha?

– Gosto dos dois.

Conversaram algum tempo. Gozando do luar. Estavam tão próximos agora que seus narizes se tocavam.

A noite estava clara, fazia um pouco de frio, devido a uma brisa que vinha do mar. Deitaram no chão da varanda e passaram a observar o céu. Uma sensação de júbilo inundou seus corações, fazendo-os lembrar de quando se conheceram.

Fora numa linda noite sem nuvens no céu. A lua estava cheia e brilhante e um vento leve mexia o mar. Feliciano estava voltando da casa de sua tia quando observou uma garota sentada na areia da praia a poucos passos do mar. Ela chorava e se lamentava tão alto que podia ser ouvida da distante calçada. Ele se aproximou de mansinho para não assustá-la. Reparou que estava descalça e vestia um vestido verde de rendinha. Ao se aproximar dela, seu coração disparou; chegou tão perto que conseguiu ver a cor dos seus longos cabelos castanhos. Sentou-se então bem devagar à sua direita. Ansiava por conhecer a razão para aquela indisfarçável angústia. Com um pouco de vergonha e bem irritada, ela limpou as lágrimas com as duas mãos. Feliciano precisava ser rápido, caso contrário ela logo se levantaria incomodada com a sua presença e talvez ele nunca soubesse quem era aquela garota.

– Passei quatro meses contando todas as estrelas do céu, eu contei seis mil, quinhentas e duas, acredita? – inventou um número só para puxar assunto.

A garota não disse nada, já estava batendo os pés para se levantar.

– Todas as vezes que fico triste ou preocupado olho para o céu e passo a contar as estrelas. Começo da direita para a esquerda, sempre, pois assim posso lembrar onde parei numa próxima noite. Isso me acalma. No outro dia parece que os problemas já não são tão grandes.

Ela já não chorava. Também não pensava mais em levantar-se. Deitou-se de barriga para cima. Acatou a sugestão do desconhecido e começou a contar as estrelas em voz baixa.

De repente ela virou a cabeça um pouco e seu olhar encontrou o do desconhecido. Ela deu um pequeno sorriso e voltou a olhar para o céu. Nesse momento, Feliciano reparou em como a garota angustiada era linda. O seu rosto tinha mais cor. A pele parecia aveludada. O cabelo era repartido para o lado direito e uma pequena parte caía sobre seus olhos. O sorriso, mesmo breve, impregnara o ambiente e Feliciano achou que a noite ficara ainda mais clara. Estava simplesmente apaixonado antes mesmo de ouvir a voz da moça.

Ela, a princípio, o achou espirituoso. Depois lhe chamaram a atenção outras características que o tornavam engraçado. Garoto franzino, todavia musculoso nos braços e pernas. Olhos e cabelos castanho-escuros. Pele morena queimada de sol. Vestia uma bermuda apertada e uma camisa horrenda, que parecia trazer todas as cores do arco-íris de tão colorida.

Apesar de sua fisionomia ser diferente de tudo o que considerava interessante em um rapaz, sua voz entrava em seus ouvidos e trazia paz ao seu coração, uma paz que, nesses últimos dias, ela estava longe de encontrar.

– Você é um mentiroso, sabia? – disse soltando uma risada pelo nariz.

– Por quê? Acha que estou lhe enganando?

– É impossível você ter contado todas as estrelas.

– Conte sim, seis mil quinhentas e duas. Mas isso requer prática. Quer que eu lhe ensine? – Feliciano desfrutava de cada instante.

– Qual é o seu nome?

– Feliciano e o seu?

– Prazer, Laura. Agora me conta: como você conseguiu esta façanha? – indagou deixando-se ser iludida.

– Contarei, sim, mas só se primeiro você me contar por que estava chorando.

Laura pensou durante um tempo. O sentimento que a andava machucando se extinguiu graças ao simpático rapaz. Ele merecia saber a verdade.

– Minha mãe quer se mudar daqui, mas eu não quero ir, quero ficar morando com meu pai.

– Então por que não fica? Por favor, fica! – ele se viu implorando internamente.

Laura deu uma risada.

– Não é tão simples assim. Preciso convencer meu pai.

Laura tratou de mudar de assunto.

– Agora me fale como você contou todas essas estrelas?

Ele viu que ela não iria mais embora. Ficaram conversando e apontando para céu, um mostrando uma estrela mais brilhante do que a outra. Descansaram na areia até o sol nascer e até que nenhuma estrela mais pudesse ser vista.

Voltaram seus pensamentos para o presente. Ela foi a primeira a falar sobre essas lembranças do passado.

– Lembra que você me enganou com aquela história de ter contado todas as estrelas do céu?

– Bem que tentamos naquele dia em que nos conhecemos, não foi? – respondeu Feliciano rindo.

Os dois se entreolharam e Laura comentou com ternura.

– Em breve, talvez, deitados aqui consigamos contar todas as estrelas do céu, pois não serão mais apenas quatro olhos para contar toda essa imensidão de estrelas, serão seis.

Esquadrinhavam o céu naquela noite calma, em que uma lua gorducha tentava em vão ofuscar gentis estrelas. Laura se encostou

nele e juntos contaram algumas estrelas até dormirem abraçados. Enquanto os sonhos não os levaram para tempos e lugares diferentes, ficaram recordando os momentos agradáveis que passaram juntos.

Capítulo 3

Padre Nicolau estava completando 25 anos à frente da paróquia. Agora com 60 anos se importava cada vez menos com o que os paroquianos de Esperança do Leste diziam de sua rigidez. Tinha cabelos brancos e lisos, repartidos ao meio. Alto e gordo como aqueles padres glutões dos filmes de Robin Hood, guardava uma expressão sempre séria que se traduzia em seu lema – pense bem antes de pecar, pois com o Padre Nicolau você vai precisar se confessar –, que fazia dele um padre temido pelas pesadas penitências. Certa vez, disseram que ele havia feito um homem rezar mil e duzentos pais-nossos por ter roubado mil e duzentos cruzeiros do bolso de uma velhinha. Segundo boatos, este havia sido o último roubo registrado na cidade em quinze anos.

Não havia dúvidas de que Esperança do Leste era o lugar onde sempre desejou estar. Foram diversos os motivos para o padre Nicolau ter resistido aos insistentes convites do bispo para que trocasse de paróquia. Mas, sem dúvida, o que mais estimulava e instigava a vocação religiosa do padre era o fato de Feliciano nunca ter se confessado nos 25 anos de vicariato de Nicolau em Esperança do Leste.

Nicolau fazia questão de parecer doce e amável para perder a fama de padre rigoroso, mas jamais isso surtira o efeito desejado. Havia domingos em que pregava sobre o arrependimento olhando diretamente para o rosto do pescador, mas não adiantava, pois sempre Feliciano estava lá para receber a eucaristia. Ficou sabendo que Feliciano certa vez foi à missa na cidade de Alegria e que talvez tivesse se confessado por lá. Algo que nunca ficou comprovado.

Certa feita, o padre Nicolau teve a sensação de que sua sorte estava prestes a mudar, pois em duas semanas Feliciano visitou a igreja em nove dias diferentes.

Padre Nicolau havia acompanhado zelosamente os sete meses de gravidez de Laura. Sempre que podia, dava um longo beijo e benzia a rechonchuda barriga. Mesmo tentando não demonstrar, admirava o carinho e cuidado que um tinha com o outro. Lembrava-se do primeiro dia que chegou à cidade e de como Feliciano e os outros pescadores o foram receber animados na rodoviária. Pensou logo que eles estariam cheios de pecados para um ato acalorado como aquele. Onde já se viu nem esperar o padre chegar à igreja? Entretanto, guardava a recordação com carinho.

Em todas as festas, principalmente a da padroeira, Feliciano abraçava todos os preparativos se prontificando a reunir e colocar todos para trabalhar. Ficava tudo primoroso, com atenção aos pequenos detalhes e organização impecável. Perfeição que superava sempre as altas expectativas do padre Nicolau.

Era antevéspera do feriado de 7 de setembro, que, naquele ano de 1975, caía numa sexta-feira. A cidade, como sempre, recebia inúmeros visitantes nesses feriados prolongados em busca de suas belas praias. Padre Nicolau acordou cedo, ajoelhou-se no pé da cama e fez suas orações matinais. Levantou, fez tudo o que precisava fazer no banheiro, caminhou até a pequena porta de trás da igreja e pegou os pãezinhos crocantes que o padeiro deixava religiosamente. Rezou novamente antes de tomar o café da manhã. Colocou a batina e se dirigiu para abrir as grossas portas da igreja. Antes que pudesse reparar no lindo dia que fazia, observou Feliciano recolhido nos degraus do lado de fora. O padre lembrou-se então que o parto de Laura havia sido marcado para aquela quinta-feira, véspera do feriado, justamente para evitar problemas devido ao maior fluxo de pessoas.

Padre Nicolau o chamou pelo nome e pediu para que entrasse. Sentaram num daqueles bancos de madeira maciça logo perto da entrada. Mesmo sem estar com as luzes da igreja acesas, os raios de sol cruzavam os vitrais iluminando os quatro cantos.

– Padre, eu estou com muito medo dessa gravidez – Feliciano não gostou do tom da sua própria voz. – Não sei mais o que fazer para tirar isso da minha cabeça. Medito o máximo que posso, mas nada acalma o mar agitado da minha alma.

Padre Nicolau prestava bastante atenção. Incitou-o a lembrar o famoso salmo da confiança.

– Filho, você se lembra do salmo noventa?

Esgotado, Feliciano achou melhor não tentar lembrar. Respondeu apenas balançando a cabeça negativamente.

– Numa passagem, esse salmo diz assim: “Eles te sustentarão em suas mãos para que não tropeces em alguma pedra”. E continua: “Quando me invocar, eu o atenderei, na tribulação estarei com ele”. Sabe o que isso significa?

– Me diga, padre.

Padre Nicolau sentia que suas palavras dificilmente teriam o efeito desejado. Entretanto a expressão confortadora de seu rosto poderia ser capaz de animar aquele espírito atribulado.

– Invoque-o, para passar por esse momento de ansiedade. Que seja feita a vontade de Deus. Além disso, peça para Ele guiar os médicos, os enfermeiros e todos os que cuidarão do parto.

– Eu o invoco a cada segundo. Peço sua proteção com afinco. Um filho nesta altura do campeonato é um presente que eu jamais poderia imaginar. Sabe, à noite, todos os dias desde que eu soube da gravidez, espero Laura adormecer e saio para contemplar as estrelas, a cada uma que conto, rezo uma ave-maria. Foi assim que conheci Laura, contando estrelas, o senhor sabia?

– Não.

– O senhor imagina quantas ave-marias já rezei?

– Não faço ideia. Respondeu contido, mesmo achando graça no que foi dito por ele.

Neste momento Feliciano não se conteve e acabou perdendo a compostura. O padre Nicolau o abraçou bem forte. Ficaram por alguns segundos em silêncio. Ouvia-se unicamente o som das ondas quebrando nas pedras.

– Desculpe, padre. Estou com muitas emoções atormentando minha mente e meu coração – enquanto falava cobria os olhos com as duas mãos. – Quero ser um bom pai, sabia?

– Você vai ser, não tenho dúvida disso – o tom de sua voz era acolhedor.

Aos poucos Feliciano se tranquilizou. Já não se sentia tão sozinho com o angustiante sentimento que preferiu não compartilhar com ninguém. Laura só pensava no bebê. Na verdade, todos só pensavam no bebê, se seria menino ou menina, de qual seria a cor dos seus olhos, se puxaria ao pai ou à mãe.

Devagarzinho, o padre desatou o abraço e colocou uma das mãos na cabeça do pescador, fazendo uma oração. Satisfeito, Feliciano sorriu e fechou os olhos orando junto com o padre e amigo. A camisa de Feliciano já havia sugado todas as suas lágrimas.

Meditaram por alguns minutos.

Feliciano se percebia mais confiante, a energia vinda do padre lhe trazia alento. Contente, sentiu que chegara o momento de fazer o que estava arquitetando há algum tempo e que seria a sua maneira de retribuir todo o carinho e paciência. Acomodou-se e começou a colocar seu plano em prática.

– Tenho um presente para o senhor – disse em tom descontraído.

– Presente? Sua alegria é o meu presente e o presente de Deus.

– Sério, padre. Por favor, não me faça desfeita.

O padre Nicolau tentava compreender, mas não conseguia. O que será que Feliciano podia lhe dar de presente? Seria alguma espécie de doação para a igreja?

– Se for para ajudar na reforma da igreja, tudo bem, eu aceito. Para mim nada, para Deus tudo. Censurou.

– Não é para a igreja, é para o senhor. Feliciano concentrava-se em manter a aparência séria.

– Para mim? – indagou intrigado.

– É, quero me confessar agora com o senhor, pois ando com um pecado gravíssimo.

A notícia deixou padre Nicolau eufórico. Realizaria o desejo que guardava por 25 anos. Enfim confessaria, intratável alma. Tinha a consciência de que não era o momento apropriado para se sentir assim, dada a situação precária do homem à sua frente, contudo não podia lutar contra seus sentimentos. Ajeitou-se no banco e pegou a mão de Feliciano.

– Estou te ouvindo, pode começar quando quiser.

Feliciano reparou uma mudança em sua fisionomia e achou graça.

– Chateei uma pessoa por muito tempo. Pensei algumas vezes em parar com isso, mas o pecado foi mais forte do que eu. – Feliciano fez uma pausa, tentava conferir à cena um ar de dramaticidade.

– Continue, filho – conduzia a confissão com o estômago embrulhado tamanha era sua excitação.

– Era o tipo de brincadeira que eu adorava fazer, sabe? O tal vício do pecado, entende?

O padre foi ficando vermelho de impaciência. Irritado com toda aquela lenga-lenga. Esperou durante 25 anos e agora Feliciano ficava dando voltas. Sabia que ser curioso não era algo condizente com um padre, contudo, queria muito saber que tal pecado era aquele e a quem ele chateou.

Já Feliciano se deleitava com a chegada do grande momento, do momento da revelação. Prosseguiu falando lentamente, palavra por palavra.

– Evitei me confessar com o meu pároco para justamente irritá-lo – reteve o sorriso.

Nicolau percebeu imediatamente que o pároco a que Feliciano se referia era ele, Nicolau. Sentiu-se ao mesmo tempo surpreso e indignado. Sua aparência era a de um pateta.

– Está falando sério? – custava a acreditar que se tratava de uma verdadeira confissão.

– Sim, gostava de ver a cara engraçada dele todas as vezes que me levantava para receber a eucaristia. Sinto-me hoje arrependido – Feliciano não se conteve, deixando finalmente o riso se insinuar.

Padre Nicolau estava desconsolado. Não sabia se ria daquela ovelha ou se lhe aplicava um belo de um castigo. As palavras doces de antes já não ecoavam e a figura do padre durão e intransigente voltava a florescer. Todavia, resolveu não demonstrar fúria. Tramou o troco meticulosamente. Fingiu não saber de quem Feliciano falava.

– Entendo, meu filho. Pecado gravíssimo, sabia?

Feliciano apertava os lábios tentando esconder o riso.

Padre Nicolau balançava a cabeça de um lado para o outro.

– Sabe qual será sua penitência?

– Não, só sei que não pode ser grande, pois preciso chegar para o almoço para ajudar minha esposinha grávida – respondeu bem-humorado o pescador.

Ainda que não demonstrasse, Padre Nicolau já não estava tão irritado. Chegara a sua vez de se divertir.

– Preparado? Como penitência, reze trezentos pais-nossos, trezentas salve-rainhas e, por fim, quinhentas ave-marias. Espera uma noite limpa, com a lua bem cheia, pois você vai precisar de muitas estrelas no céu para contar.

Por um instante, Feliciano achou que o padre estava gozando da sua cara. Mudou sua percepção quando observou a fisionomia inabalável de Nicolau.

– Padre, não vou ter tempo para rezar isso tudo. O senhor sabe, o parto de Laura será amanhã. Vou precisar de umas dez horas para cumprir tal penitência – falava agitando as pernas sem parar. – E ainda tenho que trabalhar.

O padre manteve a mesma expressão firme. A vingança se consumava.

– Pensasse bem antes de fazer, conhece meu lema não conhece?

Pronto, estou ferrado, pensou Feliciano antes de dizer:

– Por favor, padre, só estava brincando. Toda a cidade tem ciência de que o senhor desejava muito ouvir minha confissão, por isso resolvi dar corda à história. Achei que o senhor fosse achar graça.

O padre pensou em continuar, mas em consideração à gravidez de Laura, decidiu pôr um fim na brincadeira.

– Certo, eu posso diminuir consideravelmente a penitência se me responder uma coisa.

– Qualquer coisa.

– Com quem você se confessou em todos esses anos?

– Padre Damião, de Alegria.

Padre Nicolau ergueu os olhos.

– Perguntei para o padre Damião várias vezes e ele me disse que nunca o recebera no confessionário.

– Segredo de confissão, entende?

O padre Nicolau não aguentou e soltou uma sonora gargalhada.

– Seu filho... filho de Deus.

Os dois contaminaram-se pelo riso.

Feliciano levantou deslocando-se rumo à saída.

– Preciso voltar para casa.

– Aonde você pensa que vai? E a penitência?

– O senhor não está falando sério, está?

Pior é que estava, como deixou claro a seguir.

– Reze vinte e cinco pais-nossos e dez ave-marias. Assim você nunca vai enganar novamente um pároco.

Padre Nicolau precisava manter a fama de temido.

Feliciano, sem escapatória, se ajoelhou e começou a rezar.

Terminada a penitência, o padre e o pescador se abraçaram, riram muito e foram caminhando até a porta.

– Estarei orando por vocês, como tenho certeza que muitos outros já fazem aqui na comunidade.

Agora Padre Nicolau podia rezar suas missas em paz. O enigma que mexia com sua imaginação havia chegado ao fim.

Laura sentia uma alegria imensa, era véspera do grande dia. Em breve sua família estaria completa. Nos últimos dois meses era um contínuo entra e sai de gente querendo visitá-la. No fundo, sem se dar conta, Laura gostava de ser o centro das atenções. Todo o enxoval já estava arrumado. Muitas das roupas foram dadas por suas primas e tias, na sua maioria cor de rosa. Parecia que todas haviam esquecido que a chance de nascer uma menina era de 50%.

Pontualmente às nove da noite, Laura chegou para perto de Feliciano, que estava deitado no chão, na parte de fora da casa, e o chamou carinhosamente.

– Vamos, amor, que precisamos descansar. Amanhã teremos um dia agitado.

Foram para a cama. Feliciano ficou a noite inteira acordado. Nem cogitou em ligar o despertador.

Capítulo 4

Eram sete da matina quando Laura e Feliciano chegaram ao hospital. Laura trajava um vestido branco de algodão macio, bem largo e solto nas costas. Seus cabelos estavam presos por uma simples tira de tecido também branco para combinar. Feliciano vestia uma calça jeans e uma camisa polo verde para dentro das calças. Calçava um sapato de couro muito velho que só colocava em ocasiões especiais.

Eliane e Oneide chegaram duas horas depois quando os dois já estavam dentro do quarto à espera do médico. Oneide era irmã e único parente vivo de Feliciano que recentemente pintara o cabelo para não ser confundida com avó quando seu sobrinho nascesse. Foram as duas únicas pessoas que Feliciano permitiu que comparecessem.

A manhã passou, a tarde foi embora. Laura encontrava-se serena e deitada na cama acompanhada de uma enfermeira. O quarto não tinha janelas, com a cama ao centro e uma mesinha ao lado da porta onde se encontrava uma garrafa de água e algumas bolachas.

Já passava das 10 horas da noite e não havia ainda nenhum sinal das contrações típicas do parto. Feliciano se movimentava de um lado para outro feito uma barata tonta.

– Dá para você se acalmar. Assim você vai acabar me deixando mais nervosa – pediu Laura.

Feliciano puxou a cadeira e arrastou-a para bem próximo da cama. Acomodou-se e segurou na sua mão a palma quente de sua esposa. Ele tinha um ar de ansiedade, quase de medo.

– O médico já disse que é assim mesmo, não disse? – Laura conteve sua irritação.

– É, ele disse, mas então por que pede para que a gente chegue tão cedo?

– Justamente por ser algo imprevisível. Se acalma – aconselhou passando uma das mãos zelosamente no rosto suado do marido.

– Você tem razão – Feliciano respirava agitado.

Em seguida, levantou-se, resignado, desviando seu foco para o barulho do vaivém dos carros. A partir do começo da tarde o fluxo de carros havia aumentado consideravelmente e em poucas horas a cidade estaria abarrotada de turistas. Deixou o leito caminhando pelo hospital que se encontrava praticamente vazio.

De repente Laura já não estava mais tão confortável, começava a sentir fortes contrações. O desconforto aumentava minuto a minuto. Advertido pelo marido aflito, o médico não demorou a abrir a porta conduzindo Laura ao local do parto.

Feliciano se juntou a Oneide e Eliane na recepção. Repousavam em cadeiras de plástico desconfortáveis. Feliciano e Eliane extremamente nervosos e Oneide lendo um daqueles livros de romance que já se conhecia o final antes de se passar da primeira página.

Sem se distrair pelo tempo, Feliciano ergueu-se e começou a assobiar uma canção que só ele conhecia.

– Se você continuar assobiando, quem terá um bebê será eu – reclamou Oneide.

O cansaço pelas horas de espera fez com que todos se esparramassem pelas cadeiras. O único som além dos carros era o da recepcionista atrás do balcão lixando as unhas.

No entanto, pouco tempo depois a calma do hospital foi quebrada por barulho de ambulância e gritos de policiais que vinham de carro logo atrás. Subitamente, uma maca revestida com um lençol encharcado de sangue escorregou pela ambulância. Feliciano despertou assustado e correu até a porta. Fixou seus olhos no desespero estampado nos rostos dos paramédicos. Reparou em mais um corpo que, por alguma razão, continuava dentro da ambulância. Provavelmente morto, cogitou.

A inesperada entrada da maca pegou o novato médico de surpresa. Aterrorizado ouvia atentamente os sucintos relatos vindos

dos paramédicos. Descobriu que se tratava de uma mulher, que estava grávida, contudo morta, mas que a vida do bebê ainda poderia ser salva.

Os paramédicos retornaram fechando bruscamente as portas da ambulância e saíram em disparada com as sirenes ligadas de volta para a estrada sendo seguidos pelos policiais.

O novato e agora confuso médico impacientou-se ao se dar conta da cruel situação. Seu estômago se revirava de nervosismo. Apesar de serem dois os capacitados para realizarem os partos, não teriam material suficiente para fazê-lo ao mesmo tempo. Ambos os bebês e Laura corriam sérios riscos se uma decisão não fosse imediatamente tomada.

Feliciano demorou alguns minutos a mais para entender o que se passava. Concluiu que, qualquer que fosse a razão, não deveriam ingressar com uma pessoa em estado gravíssimo justamente na sala onde estava sua esposa em processo de parto. Isso bastou para enlouquecer seu espírito.

– O que está havendo? – perguntou pasmo.

– Não sei, mas não é nada bom. Será que já não levaram Laura para o quarto? – Eliane buscava uma explicação plausível.

– Não, senão já teriam nos avisado – replicou Oneide.

O incômodo era grande, e algo disse a Feliciano que ele precisava para agir.

– Já chega! – gritou aflito.

Ciente de sua loucura, Feliciano cruzou a porta da sala de cirurgia como um foguete descontrolado. Em vão a recepcionista correu atrás dele tentando impedir sua entrada. Ao chegar à sala de cirurgia, ao contrário do que Feliciano esperava, sua presença havia sido completamente ignorada.

Ao seu lado, cercando o corpo que acabara de entrar, estavam o médico e a enfermeira concentrados conversando sem saber exatamente como prosseguir. Feliciano inclinou-se, quase esbarrando nos dois. Em seguida, ao observar o corpo à sua frente, seu ar corajoso simplesmente desapareceu.

– Ó meu Deus! – escondeu o rosto nas mãos. Segurou o grito e a angústia respirando fundo. Sentiu vontade de vomitar ao ver uma

pessoa com o rosto desfigurado. Não fora pelo volume dos seios ele não saberia dizer o sexo dela.

O médico esperou um momento até Feliciano se recompor.

– Sua esposa está bem. Estamos monitorando. As contrações estão ficando mais intensas, demos uma anestesia para ela não sentir dor. Já estávamos nos preparando, quando esta pobre moça, como você pode ver, nos interrompeu.

Enquanto Feliciano se recuperava, o médico continuava a apresentar-lhe os fatos.

– Precisamos tomar uma urgente decisão e é bom que o senhor esteja presente. Se falar para mim que pouco importa, entenderei e começaremos a fazer o parto de Laura. Contudo a moça na maca ao lado está morta e temos pouco...

Sem esperar o médico terminar a frase, Feliciano o interrogou inconformado olhando diretamente em seus olhos.

– Está morta? Então, o que o senhor está esperando para dar continuidade ao parto de minha mulher?

– Vejo que o senhor não entendeu. É sorte, milagre talvez, a criança de dentro dela ter alguma chance de sobreviver, compreende? Entretanto precisamos agir agora, não podemos esperar nem mais um segundo. Falava num tom bem mais incisivo demonstrando a real gravidade. A gravidez de Laura é perigosa, sim, mas, esta criança não terá nenhuma chance se não a tirarmos daquele ventre agora. Preciso de sua autorização, pois não quero ser processado depois se algo acontecer de errado com Laura.

O silêncio era ensurdecedor. Os olhares o alcançavam à espera de uma decisão que precisava ser tomada em segundos.

Feliciano, assaltado pela a gravidade dos fatos, observava Laura ao seu lado deitada com os olhos fechados descansando. Sentiu por um instante uma onda de tranquilidade percorrendo seu espírito, uma sensação de que não estaria tomando sozinho tão penosa decisão. Era o tipo de sentimento que só um casal com anos de perfeita sintonia vivenciava, quando não se precisa de palavras para entender a vontade do outro. Laura já havia feito sua escolha, falava diretamente à sua alma.

Feliciano conformado dá um beijo demorado na testa de Laura. Duas pequenas lágrimas brigam para escapar pelos cantos dos olhos. Encaminha-se até o médico, coloca uma das mãos trêmulas em seu ombro. Com a voz se apagando, com o coração fugindo pela boca e ensopado de suor, pronuncia devagar sem levantar os olhos.

– O outro bebê primeiro. Salvem o outro bebê primeiro.

O médico novato sentiu um alívio percorrer sua espinha. No fundo era o que ansiava em fazer. Apressou-se e, auxiliado pela fria enfermeira, começou imediatamente os procedimentos.

Feliciano virou-se de costas caminhando para fora. Sem sentir suas pernas, desmaiou logo em seguida.

No fim daquela fatídica noite as duas crianças nasciam e gritavam saudáveis pela ocorrência de suas vidas, ausentes, entretanto, do colo de suas mães.

Capítulo 5

Guido recolheu suas bolinhas de gude e se despediu dos amigos. Receava receber uma baita bronca de sua tia caso se atrasasse. Colocou a mochila nas costas e saiu em disparada, quase derrubando a árvore de natal firmada próxima da saída. Virou-se para trás para se certificar de não ter derrubado nada reparando na reluzente e enfeitada fachada da escola. Todos os alunos participaram com afinco da decoração natalina, tamanha fora a mobilização. Sentiu orgulho recordando que fora ele quem recortara as meias estampadas com desenhos de renas penduradas no muro.

O último dia de aula acabara e, como todos os meninos da cidade, Guido ansiava por jogar bola e soltar pipas durante cada momento de suas aguardadas férias. Mirou novamente seu trajeto, não voltando a olhar para trás, percorrendo em cinco minutos o caminho de terra que levava à sua casa.

Guido tinha pele morena e cabelos castanhos com pontas douradas de tanto pegar sol. Olhos castanhos que se transformavam em quase verdes de acordo com a disposição do sol. Altura e peso normal para um garoto de sua idade. Exibia um par de pernas robustas que o estimulava a correr. Alegre e prestativo, era o orgulho de sua tia.

Chegou ofegante ao portão. De lá conseguia sentir o cheiro delicioso do almoço no ar. Atravessou a cozinha e pulou nas costas de sua tia, dando-lhe um baita susto e lascando-lhe um beijão no rosto. Seu infalível plano antibroncas.

Oneide, já percebendo a sua artimanha, aponta para o relógio que ficava na parede bem em cima da geladeira.

– Bateu os pés antes de entrar? Claro que não, vocês nunca batem. Não são vocês que varrem. Atrasado de novo. Você não sabe que horário de almoço é sagrado?

– Jesus não tinha relógio, como ele sabia a hora de comer?

Aos risos escapou em direção ao banheiro, evitando ser beliscado.

– O que foi que disse? Eu vou falar com seu pai. Pode ir lavar as mãos e sentar à mesa que já vou servir.

Foi se acalmando e murmurando consigo mesma. Essas crianças de hoje... cada dia mais espertas.

Oneide era uma mulher de estatura baixa. Bem nutrida e com um corpo compactado, dava a impressão de estar sempre inchada. Com seus 60 anos, só pensava em comer e assistir novela. Vivia da sua aposentadoria, resultado de 35 anos trabalhando de secretária na prefeitura e dos bolos e biscoitos que vendia na feirinha ou em alguns estabelecimentos com dificuldades quando o fluxo de turistas aumentava muito. Seu temperamento eloquente era pouco notado frente a tal disponibilidade em ajudar a todos. Dois anos mais velha do que Feliciano, nunca havia se casado, apesar de sempre se ouvir no meio das ruas de Esperança do Leste comentários do tipo, “Oneide dispensou o ex-prefeito quando jovem” ou “Oneide não casou com aquele corretor porque não quis”. Gabava-se de nunca ter dependido de homem algum.

De quando em quando usava de meios nada ortodoxos para defender seu sobrinho dos meninos maiores. Uma vez, vendo-o apanhar de dois meninos corpulentos, agarrou os dois pelo pescoço e os amarrou presos numa árvore pelo período de uma tarde inteira. Não precisa nem mencionar que nunca mais o importunaram. Gostava de morar do outro lado da cidade, entretanto, na ocasião da morte de Laura, se sentiu compelida a ficar ao lado de seu irmão ajudando na criação do filho recém-nascido. Guido era muito mais que um sobrinho, era um filho.

O grito tão esperado cruzou a casa inteira:

– Vem agora que a comida está na mesa!

Antes que ela pudesse terminar a palavra “mesa”, Guido sentou-se ereto e morto de fome. A sua vontade de comer abalou-se ao deparar com um prato que continha mais verde que a floresta amazônica. Após remexer a mata, encontrou o peixe frito que tanto

adorava. Detestava salada, contudo aprendera que se não raspasse o prato não haveria a desejada sobremesa.

Era uma sexta-feira e faltava menos de uma semana para o Natal. Guido raspou o prato comendo a tão odiada salada. Devorou tudo segurando um arroteo que estava querendo escapulir. Agradeceu à sua tia e foi em direção ao centro da sala. Sentou-se ali, ligou a televisão de formato alogando e contorno de madeira que só pegava um canal, encostou-se no sofá e começou a lustrar com uma flanela laranja suas bolinhas de gude.

Esperou por cinco minutos até que sua tia o chamasse de novo. Agarrou a cheirosa quentinha que havia sido preparada para o seu pai e pegou sua bicicleta dirigindo ao encontro dele. Fazia isso quase todos os dias, menos nos fins de semana.

Guido foi pedalando e controlando a respiração. No meio do caminho, compreendeu o porquê de sua tia andar tão irritada ultimamente. Ano passado Oneide tinha feito um salpicão delicioso que provocou suspiros. Todavia, este ano ela ainda não tinha decidido o que preparar. Entre os moradores de Esperança de Leste existia uma espécie de competição para saber quem levaria o prato mais saboroso para a ceia de Natal que acontecia todos os anos no meio da praça. Na hora do banquete todos ficavam ansiosos para conhecer qual bandeja, de bolinho de bacalhau a rabanada, de torta de limão a empadão de camarão, ficaria vazia primeiro. A primeira bandeja a ser completamente devorada, da qual não restasse uma migalha, era considerada a grande vencedora.

Sem demora o Natal tomou conta de todos os seus pensamentos. Em sua roda de amigos não se falava em outra coisa. Havia sido um bom garoto durante todo o ano e com certeza Papai Noel lhe reservaria um divertido presente. Buscava decifrar como o Papai Noel conseguia carregar tamanha quantidade de brinquedos e de onde o bom velhinho vinha. Sua tia contava que vinha de bem longe, do frio. Isso lhe era óbvio: com todo aquele calor, como alguém que não viesse do frio podia vestir tanta roupa. De vez em quando ele fazia uma analogia e outros pensamentos lhe passavam pela cabeça, "Será que o bom velhinho não era da cidade natal do papai?" ou "Papai é demais e me dá presentes e o Papai Noel

também, só podiam ser da mesma cidade”. No fundo sua analogia fazia algum sentido. Sem que o menino sequer desconfiasse, seria Feliciano quem se vestiria de Papai Noel no Natal que se aproximava.

Aquele 1981 transcorreu maravilhosamente para Guido. Tinha se comportado exemplarmente em todo o ano escolar. Livre de brigas e bagunça, ganhou em seu aniversário de seis anos em setembro, uma bola dente de leite de sua tia e a sua primeira bicicleta livre de rodinhas do seu pai.

Feliciano foi eleito o presidente da Associação de Pescadores de Esperança do Leste. Em pouco tempo produziu grandes mudanças. Forçou as peixarias a pagarem valores mais justos para o pescado e conseguiu mediar junto à Prefeitura a construção de um alojamento decente para a associação. Guido nunca havia visto seu pai tão contente. Depois de muitos anos Feliciano voltara a sorrir, inclusive retornando às missas dominicais para a satisfação do Padre Nicolau.

Para completar, sua tia Oneide finalmente comprara o sofá e o fogão novo que tanto almejava.

Tudo perfeitamente perfeito. Analisou Guido.

Aproximando-se da praia, pedalada a pedalada, sua felicidade transbordava. Avistar a face de seu pai com um belo sorriso fez festa em seu coração. Guido se lembrou do que seu pai não cansava de repetir: “Ser feliz era ver as pessoas à sua volta felizes”. Frase que fazia ainda mais sentido quando na presença de Feliciano. Inflou o peito entregando-lhe o almoço. Sentia-se como se entregasse espinafre para o Popeye ou trouxesse a espada para o Zorro.

Enquanto Feliciano almoçava, Guido sentava-se ao seu lado puxando todo tipo de conversa, com o intuito de prolongar o máximo possível aquele momento, ampliar cada pedacinho de tempo próximo a seu herói, pois sabia que em poucos minutos ele o mandaria retornar. Quando reunido com os outros pescadores, Feliciano não o deixava permanecer por perto. Ele sempre dizia: “Trabalho de criança é brincar”. Todavia, como qualquer criança da sua idade, Guido queria seguir os passos do pai, queria aprender a pescar. Por mais que tentasse resistir, logo foi obrigado a voltar para casa.

A semana passou num piscar de olhos. Era véspera de Natal. As crianças da cidade lutavam contra tamanha ansiedade, os meninos jogando bola nas ruas e as meninas ora brincando de boneca, ora desenhando corações na areia da praia.

O relógio marcava 18h40. Anoitecia rapidamente quando Oneide lhe chamou aos berros.

– Guido! Banho!

Guido cruzou o muro, passando pelo quintal e entrando em casa como uma flecha. Reparou nos membros de sua família cheirosos e bem-vestidos. Ele exalava fedor. Ao olhar o rosto impiedoso de Oneide, tremeu. Contudo, manteve uma fisionomia de valente. Oneide arregaçou as mangas da sua blusa de seda violeta pegando a temida escova que só usava em ocasiões como aquela, quando Guido aparecia fantasiado de sujeira. Esfregou com energia até lhe tirar o couro e o ar de valente do rosto.

Quando chegaram à praça, tudo estava impecavelmente disposto. As luzes coloridas cortavam o céu. Uma mesa de cinco metros de madeira maciça que todos os anos era, por ordem do Padre Nicolau, carregada pelos cinco homens mais pecadores da cidade do alto da igreja até a praça, numa espécie de penitência, estava posta com todos os tipos de doces e salgados. Oneide descansou sua bandeja de rabanada entre os demais pratos e deu uma voltinha ao redor da grande mesa para espiar se algum outro prato poderia estar mais saboroso do que o dela. Só depois de se certificar que não tratou de aproveitar a festa.

Crianças divertiam-se por todos os lados. Os meninos e meninas começaram a brincar de pique-esconde. Os adultos concentravam-se em torno da grande mesa batendo papo e ouvindo melodias natalinas que saíam de um rádio antigo. Quando os ponteiros do relógio da praça marcaram 22 horas, iniciou-se a oração. Todos ansiavam pelo início da oração, pois queriam que ela também acabasse logo, para poderem avançar nas comidas. Entretanto, com o Padre Nicolau, ninguém realmente acreditava que aquela oração fosse terminar muito rapidamente. No exato momento do “amém”, todos já estavam debruçados na ceia. Oneide prestava atenção no

movimento em torno da mesa, vaidosa, sua rabanada era disparado a mais disputada. Em questão de segundos nenhum farelo restou.

Guido e os outros meninos não conseguiam se conter. Em poucos minutos Papai Noel chegaria abarrotado de presentes. Guido tentou localizar seu pai no meio do povo, mas foi em vão. Em suas preces, havia pedido uma flauta e uma gaita, mesmo sabendo que Papai Noel nunca dava dois presentes, pois corria o risco de alguma criancinha no outro lado do mundo ficar desprovida. Mas vai que neste ano a produção tenha sido muito boa e que todas as crianças ganhassem presentes extras. Não custava nada pedir, pensava.

O momento aguardado com tanto entusiasmo havia finalmente chegado. Papai Noel apareceu no fundo da praça com seu saco vermelho transbordando de presentes. O bom velhinho abria o saco tirando brinquedo por brinquedo. Entre os seus melhores amigos, Jaiminho ganhou sua terceira bola, Ademir um carrinho de bombeiros, Vítor um globo terrestre bem colorido e Guido a sonhada flauta. Meses atrás ouvira uma história sobre um garoto que quando tocava sua flauta mágica conseguia encantar todos os ratos e assim expulsá-los da cidade. Com o som da sua flauta Guido, assim como o garoto da história, pretendia enfeitiçar todos os ratos e animais à sua volta.

Contente tentou seus primeiros e desafinados acordes. Momento depois andava à procura de qualquer bicho com que pudesse testar sua melodia mágica. Foi nesse momento que observou o amigo solitário e tristonho chorando deitado num banco numa das extremidades da praça.

Antes de abrir seu presente, Vítor até pensou que fosse uma bola, contudo sua alegria se transformara em frustração. Apesar de o globo terrestre ser bem bonito e refinado com contornos de madeira e possivelmente de grande valia no futuro nas aulas de geografia, em hipótese alguma tinha sido pedido por ele.

Por um instante Guido tentou ficar indiferente à situação, queria mais era aproveitar sua flauta. Porém, em questão de segundos, sua aparência murchou. A flauta havia perdido completamente o encanto. Repentinamente parou de soprá-la ao se lembrar do que seu pai dizia sobre ver as pessoas ao seu redor felizes. Resoluto,

Guido se ofereceu para trocar a flauta pelo globo. Troca prontamente aceita.

– Vítor, o que você pediu para o Papai Noel?

– Uma luneta para ver o céu.

– É Papai Noel está velho mesmo, nem deve mais estar escutando direito. Vamos brincar que daqui a pouco a festa acaba.

Os dois e mais as outras crianças brincaram felizes na praça até uma da manhã. Guido voltou com seu pai enquanto Oneide decidiu ficar papeando um pouco mais.

No caminho de casa Guido reportava sua história com detalhes. Feliciano, que já havia notado o colorido globo embaixo de seus pequenos braços do filho em vez da flauta que comprou com tanta dificuldade, preferiu apenas escutar.

– Não pensei que Papai Noel pudesse se enganar. Vítor pediu uma luneta.

O Papai Noel da noite lhe respondeu convencido da virtude do menino à sua frente.

– Todos podemos nos enganar. Até o bom velhinho.

– É.

– Mas você não se enganou quando trocou de presente com ele – comentou orgulhoso. – Não poderia ter mais orgulho de você, gostaria que ela... – não chegou a terminar a frase. A emoção tomou conta dele, mas Guido nem percebeu.

Tendo esquecido a chave da porta com Oneide, os dois pularam o muro e passaram a esperar deitados de barriga para cima na varanda escura, respirando a maresia. Contemplavam as estrelas em completo silêncio. Feliciano cansado, Guido morrendo de sono.

– Filho, será que conseguimos contar todas as estrelas do céu?

Guido sempre se sentia meio idiota na frente do pai. Virou a cabeça para o lado e soltou uma risada.

– Pai, quantas estrelas há no céu?

– Milhares.

– Não sei não, pai, na escola só aprendi até agora a contar até cem.

– Então vamos contar de cem em cem – respondeu o pai bocejando.

Contaram duas dúzias de estrelas até adormecerem abraçados, sendo depois arrastados para dentro de casa pela sempre vigorosa Oneide.

Capítulo 6

Lucas não gostava de admitir, mas, diferente de todos os seus amigos na faixa dos 10 anos, ele detestava o Natal. Havia passado quatro das últimas cinco datas natalinas na casa do seu tio pirado que ficava do outro lado da cidade, distraíndo-se solitário com os brinquedos que nunca faltavam.

Mas o Natal de 1985 prenunciava ser diferente. Milton, engenheiro renomado, pai amado de Lucas, prometera que naquele Natal não embarcaria numa daquelas plataformas de petróleo gigantescas que ficavam em alto-mar. Lucas estava entusiasmado como nunca. Na véspera ele e Joselina cuidaram incessantemente dos preparativos. Só faltava agora acabar de pendurar as bolinhas na árvore de natal. Olhando para o centro da sala, Joselina observou Lucas ansioso, nunca o tinha visto tão empolgado.

– Jô, eu posso colocar essa estrela prateada no topo da árvore?

– Não, é muito alto para você. Depois coloco com a escada. Pegue as bolinhas vermelhas e as coloque galho a galho.

Com o passar do dia, Lucas deixou o clima de natal tomar conta dele. Dedicava-se para deixar sua casa como deveria ser a casa de qualquer família numa época como aquela, com cara e espírito natalinos. Não podia negar que andava ansioso pelos presentes divertidos que receberia, mas todos eles, perto da presença de seu pai, tornavam-se quase irrelevantes.

A tarde foi embora e a mesa já estava posta com todos os tipos de comidas caras e típicas da data. O amplo apartamento se encontrava todo iluminado por luzes piscantes de diversos tons. Após um banho caprichado, ele e Joselina passaram a esperar Milton animadamente, criando divertidas brincadeiras e assistindo na tela da TV aos intermináveis desenhos natalinos.

À medida que à noite do dia 24 transcorria, Milton não retornava do trabalho. Minuto a minuto, Joselina foi ficando apreensiva, enquanto Lucas seguia inquieto com seus olhos vidrados no relógio de parede do seu quarto.

Perto das dez, o telefone toca. Joselina corre para atender.

– Joselina?

– Sim, senhor Milton.

– Não me espere para a ceia. Tive um problema inesperado no trabalho. Amanhã à tarde estarei de volta. Coma alguma coisa com o Lucas e depois coloque ele para dormir.

– Pode deixar – disse irritada por ouvir mais uma das desculpas esfarrapadas de Milton. Problema no trabalho, até parece. Prefere passar o Natal com uma de suas lambisgoias do que estar com seu filho. Já era de se prever, conversava irritada com seu interior.

– Sabe onde estão os presentes, não sabe?

– Sei sim, senhor.

Ele sempre compensando sua ausência com presentes que ordena sua secretária comprar. Imbecil! – pensou ainda mais aborrecida Joselina.

– Pode dar para ele agora, não precisa mais esperar.

– Cuidarei disso, senhor. Pode deixar.

– Boa noite e bom Natal.

– O senhor não vai querer falar com ele? Ele ainda está bem acordado. – perguntou certa que a resposta seria positiva.

– Estou realmente muito ocupado, avisa que eu estou dando um feliz Natal. Amanhã falo melhor com ele e o levo para comer um McLanche Feliz.

Pela primeira vez Joselina se assustou com tamanha indiferença. Entendia que a morte de Ângela fora dura para ele, mas abdicar de qualquer tipo de responsabilidade afetiva para com o filho era inadmissível para ela.

Apesar de ter sido casada na juventude, Joselina decidira não ter filhos com aquele homem mulherengo e desprezado, hoje seu ex-marido. Olhando para trás, não se lembrava por que havia escolhido tão péssimo companheiro. Fugindo do desgosto do divórcio, indicada por uma amiga de infância, com 33 anos, Joselina

começou a trabalhar naquele espaçoso e opulento apartamento. Com o tempo, desfrutava de toda a confiança dos recém-casados e tinha enorme afeto por ambos. Milton era o patrão perfeito, sempre bem-humorado e atencioso. Ângela, a esposa feliz e dedicada, que sempre tratava a empregada como um deles, de igual para igual. Joselina cozinhava, varria, lavava e passava, fazia de tudo ao seu alcance, sempre pronta para agradá-los.

No entanto, sentida com a morte trágica da querida patroa, Joselina cogitou em deixar o emprego. Refutou a ideia para não deixar o amável patrão e despreparado pai sozinho com um bebê para criar. Só não adivinhava que Milton mudaria tanto após a morte da esposa.

Lucas foi para cama tão choroso que nem abriu seus presentes.

A mesa ficou intocada. Joselina se sentia muito mal. Lucas crescia em amargura.

Com o tempo, aumentaram as viagens a trabalho. Milton inventava qualquer desculpa para se manter afastado. Indubitavelmente Lucas era apaixonado pelo pai quando criança. A estratégia de comprá-lo funcionava a contento. A empregada Joselina se encarregava de afastar todos os bichos-papões de seu quarto. Porém, ao longo de sua adolescência, a raiva e a insegurança cresceram dentro de Lucas moldando sua personalidade egoísta. Por mais que se esforçasse, Joselina não conseguia preencher o vazio que ele sentia em sua alma, uma sede de amor paternal.

Em meio a tudo isso, a dias e noites chorosos, Lucas desenvolveu manchas brancas em seus joelhos e cotovelos. Os médicos as diagnosticaram como sintomas de uma doença de pele de cunho emocional chamada vitiligo. Desde então passou a receber os mais enfadonhos e estranhos tipos de tratamentos que, só ao longo do tempo, quando se compreendeu melhor a doença, passaram a surtir algum efeito.

Com a chegada da adolescência, Lucas evitava toda e qualquer atividade que incluísse praia ou piscina. Procurava, assim, se livrar das brincadeiras e insultos dos meninos maiores e malvados que insistiam em magoá-lo. Apelidos furavam sua alma. Possivelmente, a

única época do ano que o vitiligo não o incomodava era no inverno. Ao contrário do verão, quando precisava ficar dando explicações para o uso de calças e camisas de mangas compridas, no inverno vestia-se normalmente, como todos os demais.

Num dia de verão de uma manhã quente, quando justamente aquele em que completava 47 anos, Joselina foi requisitada urgentemente na escola.

Naquela manhã, a todas as perguntas ela respondia com firmeza. Não se encontrava numa posição confortável para argumentar com o extravagante e bem trajado diretor, contudo, usando de extrema sutileza, conseguiu reverter a decisão de expulsar Lucas da escola.

– Ele só tem 13 anos e já se comporta assim. Imagina quando for um adulto!

– Não vai acontecer de novo. Prometo.

– Cadê o pai dele?

– Viajando a trabalho. No fim do mês estará de volta – respondeu mesmo sem ter certeza.

– Quando ele voltar, quero falar com ele com urgência. Por enquanto, vou dar ao garoto uma última chance! Se ele não mudar, da próxima vez serei obrigado a convidá-lo a se retirar da escola, me entende?

– Entendo, sim. Pode deixar. Conversarei seriamente com ele. Não vai se repetir – disse menos confiante na mudança do comportamento do menino que na certeza de que o diretor blefava. Na ausência de Milton, uma constante, Joselina se tornara responsável por todas as atitudes de Lucas.

– Estamos falados, a senhora pode se retirar.

Sentado, de castigo, no canto escuro e gelado da sala da coordenação, Lucas aguardava tenso o veredicto, se continuaria ou não a estudar na melhor escola da capital. Horas antes se envolvera numa confusão no pátio, em que, com o punho fechado, acertara com força o nariz de um dos garotos que o perturbava, tirando gotas de sangue.

Joselina entrou na sala da coordenação e reparou no menino loiro de rosto largo e pálido sentando encolhido na cadeira de

mogno encostada na parede. Era uma visão lamentável. Ela sentou-se ao seu lado e o abraçou. Tentava convencer o aguerrido espírito calado de Lucas a falar.

– O que houve, meu menino?

– Vou ser expulso?

– Não, claro que não.

Ele não demonstrou, mas estava satisfeito por continuar a estudar ali.

– Todos gostam de você aqui, inclusive todos os seus colegas de turma já vieram me falar que foi o garoto maior que te provocou. Testemunharam até perante o diretor.

Lucas olhava inerte para a mulher de pele cor de caramelo, com rugas nos olhos, quadril largo e cabeça repleta de fios brancos que gozava do seu afeto.

– O que foi que aconteceu para você esmurrar o garoto daquele jeito? Ele brincou com suas manchas, foi isso?

Depois de muita insistência, Lucas resolve falar. Joselina era a única que lhe conhecia e de quem nada podia esconder.

– Ele me chamou de dalmata – disse um pouco constrangido.

– Por que ele falou isso? – perguntou também com vontade de socar a cara do garoto.

– Sei lá. Parece que se diverte. Outro dia me chamou de vaca malhada bem alto no meio do recreio.

– Independente do que ele diga, você não pode fazer mais isso, entendeu? Precisamos sempre ignorar essas pessoas ruins.

Lucas concordou abaixando e levantando a cabeça. Jurando a si mesmo se controlar.

– Não deixa essas manchas insignificantes lhe tirarem a alegria. Estamos tratando delas e logo os resultados aparecerão.

Joselina não falava como a empregada, mas como sua única e verdadeira amiga.

Lucas continuou na escola. Com o passar da idade e a diminuição gradativa de suas manchas, voltou a sentir prazer em estudar.

Milton trabalhava mais e mais longe, porém nunca deixava de enviar mais dinheiro do que o necessário. Comunicara que

novamente não poderia comparecer para o Natal. Lucas pareceu não ligar, talvez porque detestasse o Natal e hoje ainda mais o seu pai.

Capítulo 7

Na praia recolhendo a tarrafa, Feliciano rememorava alguns acontecimentos de sua vida. Suas memórias mais vivas eram das noites em que ele e Laura ficavam sentados a poucos metros do mar jogando conchinhas e trocando beijos. Laura parecia um quadro recém-pintado de tão nítida em sua mente. Ultimamente o mar de sua vida andava bastante traiçoeiro. Em momentos de dificuldades como aquele que estava vivendo, era nas lembranças que encontrava algum refúgio.

As coisas pioraram muito no começo daquele ano. O país passava por uma crise, as peixarias da região estavam fechando e os turistas haviam desaparecido. Ele já não era mais só pescador, era pedreiro, motorista, costureiro, todo serviço que aparecia Feliciano topava fazer em busca de alguns trocados. Acontece que até os outros serviços começavam a desaparecer. Alguns amigos pescadores inclusive já haviam deixado a cidade para tentar uma vida melhor na capital.

Perto de casa, carregando nas costas sua tarrafa esburacada e todas as suas preocupações, uma dor de cabeça insuportável o lembrou de como andava sendo duro com Guido. Desaguava num menino de treze anos todas as suas frustrações. Aumentou ligeiramente a velocidade de seus passos. Desgostoso, pretendia se redimir.

Guido compreendia a situação, sem fazer julgamentos. A aposentadoria de sua tia seguia como o único sustento dentro de casa e, apesar de todo o sacrifício, seu pai não conseguia alterar esse cenário.

O sol já tinha desaparecido quando chegou em casa e reparou Guido deitado de bruços em frente à televisão ligada.

– Fazendo o dever com a televisão ligada, como você acha que vai aprender a matéria?

Guido o encarou com seriedade.

– Já vou desligar. Amanhã tem o campeonato de futebol da escola e preciso dormir cedo mesmo.

– Eu já não disse que televisão e estudo não se misturam? Ou você se concentra na TV ou no livro.

Autoritário, sentiu novamente o peso de suas palavras.

Feliciano deu a volta por trás de Guido sentando-se no sofá.

– Venha até aqui.

Guido levantou-se resabiado. Desligou a TV e encostou ao seu lado. Recolheu um pouco os ombros temendo mais bronca.

– Você sabe que te amo muito, não sabe?

– Claro que sei, pai.

Oneide escutava a conversa na cozinha, com o nariz pregado na porta.

– Você sabe que estamos apertados de dinheiro e que a única forma de as coisas melhorarem é através do estudo, já falei isso contigo, não falei?

– Falou, mas ando tirando notas muito boas, o senhor não tem com que se preocupar – defendeu-se.

– Você já é um rapaz e precisa ter responsabilidade. Uma criança pensa como criança, age como criança. Você é um rapaz, precisa se comportar como um rapaz.

Guido ouvia tudo com atenção. Foram dois longos minutos de recriminações e recomendações que ultimamente se cansara de ouvir.

Enfim as palavras cessaram. Calado, Guido examinava bem o rosto envelhecido e rígido de Feliciano. Notava facilmente que as dificuldades do dia a dia andavam lhe furtando o sossego e o bom humor. Em seguida, passaram a conversar sobre coisas irrelevantes, como os tomates que demoravam a crescer no quintal e a quantidade de sujeira trazida à praia na última maré alta. Riram ao mesmo tempo da história que corria pela cidade sobre a sexualidade duvidosa do policial recém-chegado.

Vendo seu pai mais manso, Guido decidiu aproveitar a oportunidade para expressar novamente seu desejo de conhecer mais sobre sua mãe. Relutara algumas vezes tempos atrás, pois receava aborrecê-lo ainda mais. Contudo, mais maduro, como ele julgava a si mesmo, resolveu depois de muito refletir que era direito seu conhecer mais sobre a mãe.

– Pai, você disse que quando eu ficasse grandinho nós iríamos conversar sobre...

Feliciano mudou logo o rumo da prosa antes mesmo que Guido concluísse seu pensamento.

– Acabou seu dever?

Guido se sentiu cerceado. Detestava quando seu pai agia daquela maneira.

– Sim – respondeu abaixando a cabeça, decidindo não se levantar do sofá.

– Está na hora de dormir, então. Vá escovar os dentes e deitar – ordenou sem dar espaço para réplicas.

– Estou indo.

Fingiu se levantar, mas não levantou.

– Amanhã acontecerá o campeonato da escola e achamos que talvez possamos chegar à final este ano.

Aquela mudança repentina de assunto desmontou o muro que Feliciano havia erguido.

– É, mas vocês este ano não jogam contra turmas da sétima série também?

– Jogamos, mas estamos preparados. Todos os dias após as aulas, nosso time vai para a praia treinar, enquanto os meninos da sétima só pensam em namorar as garotas mais novas da nossa turma.

Feliciano sorriu.

– Parece que nada mudou muito nos últimos dez mil anos. Então é melhor você dormir.

– Pai?

– O quê?

– Não me lembro da última vez que deitamos naquela varanda e apreciamos as estrelas para afastar as preocupações, como sempre

fazíamos.

– Nem eu. Agora vá dormir que está ficando tarde.

Guido beijou o rosto do pai e se retirou sonolento.

Oneide apareceu na sala num estalo.

– Acho que já é chegada a hora de ele conhecer mais sobre Laura. Temos um rapaz e não mais um menininho.

– É, talvez você tenha razão, outro dia converso com ele.

Oneide cogitou em discutir a questão, mas foi impedida pelo cansaço do irmão.

– Estou indo me deitar. Boa noite.

Guido acordou eufórico, o sol que entrava pela janela do seu quarto apontava um belo dia, um belo dia para ele brilhar no campeonato. Tomou um banho a jato, vestiu a roupa da escola e foi conferir a mochila. Short, checado. Camisa do time, checado. Meióes, checados. Tênis remendado, checado. Colocou sua correntinha da sorte. Passou como um tufão pela cozinha, comeu um pão com muita manteiga e tomou um copo de leite quase quente. Quando Oneide foi ver o que estava acontecendo, o sobrinho já tinha desaparecido.

Pulou em sua bicicleta e dirigiu em zigue-zague pelas ruas de terra esburacadas.

Em dia de campeonato todos os alunos eram liberados após o primeiro tempo de aula. Nem precisa mencionar como a aula de português tinha sido zoneada. Tocou o sinal e todos desceram eufóricos. Mesmo sendo pequena, com apenas 12 salas de aula, a escola contava com uma quadra poliesportiva, um pequeno laboratório de ciências e uma biblioteca improvisada. A quadra não estava bem pintada, as traves descascando e o alambrado, que separava a quadra do restante do pátio, bem furado. Todavia, na época do campeonato o professor de educação física se desdobrava em melhorar um pouco seu aspecto remendando as redes atrás dos gols e arrumando novos números para o velho placar. A temperatura na quadra era amena.

O campeonato contava com oito times, três da quinta série, três da sexta série e dois da sétima, os dois prováveis finalistas. Era de

conhecimento de todos que os times da quinta série não tinham nenhuma chance.

A 601 se empenhara avidamente com treinos fora do horário escolar em busca da conquista inédita na história da escola. Nunca antes uma turma de sexta série levantou a tão sonhada taça, muito em função dos times da sétima serem formados por garotos bem maiores e intimidadores. Para aumentar ainda mais a ansiedade, circulava um rumor entre os alunos de que um olheiro de um time de futebol da capital assistiria aos jogos. Não sabiam se era apenas balela do professor Onofre, mas a notícia se tornou mais um estímulo aos já excitados alunos, que, como todos os garotos naquela faixa etária, sonhavam em ser um dia jogadores de futebol profissional.

Os cinco jogadores da 601 encontravam-se perfilados. O goleiro era o Vítor, conhecido como Bolão, que não era alto, mas bem cheio, o que deixava pouco espaço para a bola passar. O beque se chamava Rodrigão, alto e troncado, pelo qual só passava o adversário ou a bola, nunca os dois juntos. Os alas eram Guido na direita e Ademir Corujão, que andava sendo o jogador mais contestado do time, na esquerda. Na frente estava Jaiminho, o atacante do time e o melhor amigo de Guido.

Jaiminho era baixinho e robusto, características que faziam dele um jogador muito veloz e ensaboado. Seus cabelos castanhos longos balançavam ao vento fazendo a alegria das garotas mais assanhadas. Risinhos juvenis abafados eram ouvidos por onde passava. Flertava até com algumas garotas da sétima série, despertando a ira dos rivais.

A família de Jaiminho atravessava tempos de dificuldades. As dívidas se acumulavam forçando-a a se desfazer do discreto barco e a colocar a casa à venda. Guido julgou certa vez que, se não fosse a bendita aposentadoria recebida por sua tia, também a família dele estaria em situação precária.

O campeonato paralisou por completo a escola. Antes de começar as primeiras partidas, muitos se perguntavam se uma equipe da sexta série conseguiria finalmente ganhar o campeonato. Comparando-se as estaturas, a diferença de tamanho entre as

séries, não havia espaço para esperança. A 601 precisaria nadar contra a corrente, derrubar os prognósticos.

O campeonato começou e o primeiro embate dos alunos da 601 foi contra um dos times da quinta. A peleja foi bem fácil. Turma 601 5 x 2 turma 503. Guido marcando dois gols e Jaiminho os outros três.

A moleza encontrada na partida contra a 503 não serviu para abrandar a seriedade com que tratavam a competição. Pelo contrário, sabiam que os próximos jogos seriam árduos e precisariam estar concentrados. Duelariam na semifinal contra a turma 602, à qual costumeiramente venciam, porém, sempre com dificuldade.

A partida começou e bastaram somente dois minutos para Jaiminho com categoria abrir o placar para delírio da torcida feminina. Em menos de dez minutos do primeiro tempo, Ademir Corujão havia marcado uma vez e Guido ampliado para 3 x 0. No segundo tempo a 602 partiu para o ataque, conseguido apenas descontar um tento. A partida terminou 3 x 1. A 601 alcançou a almejada final!

O momento do derradeiro jogo se aproximava. O mais aguardado dos últimos tempos. A melhor turma da sexta enfrentando a melhor turma da sétima. Como retrospecto nunca uma turma de sexta série havia sido campeã. A notícia da final ecoava em todos os cantos. A cantina estava às moscas, a sala dos professores vazia e pelos banheiros o assunto não podia ser outro. Quem ganharia a grande final?

Onofre notou nos alambrados ao redor da quadra que a quase totalidade dos alunos e professores presentes dirigiam seus gritos de incentivo em prol da turma 601, a zebra, para Vítor Bolão, Rodrigão, Ademir Corujão, Guido e Jaiminho. Ainda que com toda a torcida, a possibilidade de vitória da 601 era impensável. O time da 701 contava com jogadores federados bons de bola. Vigorosos e confiantes, não experimentaram derrotas nas partidas que antecederam o campeonato, muito pelo contrário, ganhavam sempre com placares elásticos. Jaiminho distribuía beijinhos e convocava as meninas para a grande final.

Onofre esticou o peito ao máximo soprando o sonoro apito que quase escapuliu de sua boca.

A grande final começou parelha, com chances sendo desperdiçadas por ambos os lados e goleiros fazendo boas defesas. Sem dúvida, um embate tenso e repleto de disposição. Contudo, no meio do primeiro tempo, o impensável despertou quando Jaiminho correu pela direita e dando um corte seco e humilhante em dois jogadores que o marcavam com ímpeto, chutou de bico no ângulo esquerdo, sem chances de defesa. Golaço!

O gol desarranjou o time da 701, e o nervosismo passou a ofuscar a qualidade do seu jogo. Jaiminho marcou mais duas vezes. Antes que o ponteiro pudesse determinar o fim do primeiro tempo, uma tabelinha envolvente entre Guido e Rodrigão resultou no quarto gol. Ao fim da primeira etapa o placar apontava o surpreendente – 701 0 x 601 4.

Enlouquecidos, os incrédulos torcedores debochavam da torcida da 701 que tinha vários cartazes abertos com a palavra “Supercampeão”. Mesmo com o placar adverso, continuavam confiantes, dizendo que, no final, mesmo que a turma 601 resistisse, o gato comeria o rato.

Rodrigão, com brilho nos olhos, motivava a todos de forma muito estranha: dando tapas de Tarzan no próprio peito.

– Vamos conter o otimismo. Não ganhamos nada ainda.

Vítor Bolão se concentrava de maneira especial: em vez de beber água, comia cachorros-quentes para aumentar suas dimensões.

O segundo tempo iniciou a todo vapor. Antes do primeiro minuto do segundo tempo a 701 descontou, com um gol polêmico. Vítor Bolão foi literalmente empurrado com bola e tudo para dentro do gol. Numa falha gritante de Ademir Corujão, um minuto após sofrer o primeiro gol, a 601 deixava o adversário encostar no placar. 4x2. Aos 11 minutos da segunda etapa Onofre marcou pênalti de Rodrigão determinando mão na bola, quando na verdade a bola raspou em seu pescoço e não no braço conforme assinalado. Gol! 4x3. Onofre teve dificuldade em controlar a partida, que esquentou. A turma 701 partiu com tudo para cima, acuando, sufocando e

xingando. No entanto com defesas milagrosas, Vítor Bolão segurou o heroico placar. 4 x 3 para a 601!

A turma 601 se consagrava a grande campeã. Recolhendo as faixas, a torcida da 701 deixava o campo cabisbaixa. Dessa vez os gatos estavam correndo dos ratos da 601. O inédito título unia todas as turmas da quinta e sexta séries alvoroçadas em torno dos campeões no meio da arena. O campo fora invadido por um bando de loucos que exaltavam seus gladiadores. Dezenas de alunos se aglomeraram para ver aquelas dez mãos levantarem o tão sonhado troféu. Na excitação da vitória os jogadores foram carregados nos ombros, menos o Vítor Bolão que, por uma razão óbvia, foi apenas abraçado.

Tempos depois, pendurado num corredor da escola, um quadro com a foto daquele time recebia a seguinte identificação: "Os Ratos Selvagens".

Invadiram a calçada ensolarada a poucos metros da escola continuando a entusiasmada comemoração. Jaiminho e Guido se encontravam abraçados sentados no meio-fio admirando as douradas medalhas, quando um senhor de estatura alta, pele escura e cabelos grisalhos se aproximou cautelosamente, entregando-lhes dois cartões nas cores vermelho e preto.

– Parabéns pela conquista – disse abrindo seus brilhantes dentes que pareciam saídos de comerciais de creme dental.

Imóveis, os dois recolheram os cartões, porém, antes que pudessem passar os olhos, as palavras saídas daquela boca grande os pegaram de surpresa.

– Grande jogo! Vocês foram excelentes. Onofre me preveniu para ficar de olho em vocês, contudo não imaginava um futebol tão bom.

Guido e Jaiminho se entreolharam, excitados e desconfiados ao mesmo tempo. Pouco a pouco o olheiro explicou-lhes tudo com bastante exatidão, não restando dúvida que se tratava de coisa real e séria.

– Vocês gostariam então de participar de uma peneira amanhã?
Nervosos e gaguejando, responderam ao mesmo tempo:

– Cla-cla-ro, se-nhor...

– Então, combinado. Conto com vocês dois amanhã.

O homem se virou e foi se afastando em direção ao seu carro prata.

Gritos ruidosos de celebração pipocavam de todos os lados. Os dois receberam uma cascata de abraços. Agora eram tantos pulando em cima deles que não aguentaram o peso e acabaram beijando o chão.

Passado algum tempo, quando alguns já haviam dispersado, Jaiminho se silenciou por um período de tempo significativo, com o rosto abaixado e concentrado em seus pensamentos. Guido achou estranho, diante de tal circunstância, encontrar sua face pesarosa e carregada.

Como não tinha pensado nisso?, indagou-se desanimado. Perante a situação difícil em que suas famílias se encontravam, ambos não teriam dinheiro para ir ao treino na capital. Precisariam de duas conduções, o que custaria mais de dez pratas para cada. Guido saiu de fininho e, sem que Jaiminho percebesse, começou a fazer uma vaquinha arrecadando de mão em mão. Assaltou os cinquenta centavos perdidos em seu bolso. Rodrigão, cujo pai arrumara emprego na capital, ajudou com duas pratas. No final havia arrecadado 12 pratas, suficientes para Jaiminho fazer o primeiro teste. Se tivesse sorte de ser aprovado, o próprio clube arcaria com as futuras despesas, auxiliando-o com uma ajuda de custo.

– Jaiminho, isso é nosso presente para você. Visivelmente emocionado, Guido esticou a mão com um punhado de moedas. Ajudar Jaiminho era para ele uma conquista mais importante que o troféu do campeonato da escola. Assemelhava-se à conquista de uma copa do mundo.

– Não é justo, não posso aceitar. Você também foi chamado – disse Jaiminho, chateado, jogando pedrinhas no chão.

– Todos sabemos que você é o melhor do time. Só um tem condição de ir, que seja você. Não é, pessoal? Quem é o craque do time? – as palavras agora eram gritadas.

Todos concordaram.

– Jaiminho! – berrou Vítor Bolão, seguido por todos.

Jaiminho se esforçava para ser ouvido. Pronunciou baixinho com a boca quase mordendo as orelhas de Guido.

– Você também é muito bom, isso não é justo.

Guido sussurrou de volta.

– Injusto seria se você não fosse.

Ouviu-se uma algazarra geral que só aumentava o coro.

– Jaiminho! Jaiminho! Jaiminho!

Jaiminho acenou com um ar de concordância. Contra aquele entusiasmo ensurdecador, pouco pôde fazer.

– Se for famoso, não vá se esquecer dos amigos – advertiu Rodrigão, dando um tampa nas costas de Jaiminho, quase o derrubando no chão.

– Não se esqueça de me chamar para os churrascos dos jogadores – pediu Vítor Bolão, com água na boca, já sonhando com as apetitosas picanhas.

Guido então o abraçou. Desejava que aquele dia não acabasse nunca. Como era bom ter um timaço de amigos, concluiu contente. A hora do almoço se avizinhava e precisariam voltar para casa. Por um instante pressentiu sua tia lhe dando bronca, mas nem ligou. Ele era campeão e podia se dar ao luxo, pelo menos naquele dia, de chegar atrasado. Todos foram se despedindo com fortes apertos de mão. Jaiminho e Guido foram assobiando, descendo pelas ruas, felizes da vida.

Para seu dia ser tornar completo, grande foi a festa quando entrou em casa. Seu pai havia comprado uma coca-cola de dois litros e sua tia, que não suportava imperfeição em sua comida, mesmo que às pressas fez um almoço especial com bife à milanesa e batata frita, a comida preferida do sobrinho.

– Como vocês souberam? Perguntou surpreso.

– Acontece alguma coisa nessa cidade sem que sua tia saiba primeiro?

Guido passou a noite descansando em seu quarto, jogando sozinho futebol de botão no piso de cerâmica gelado, repetindo com os botões os gols e lances daquele campeonato memorável.

Na manhã seguinte, quando o sol ainda acordava, foi correndo até a casa de Jaiminho. Ansiava em dar uma última palavra de

incentivo. Como de costume, pulou o muro feito um gato e berrou batendo na porta. Aguardou sem obter resposta. Será que Jaiminho já saiu para o teste na capital?, perguntou-se respirando fundo. Ficou em pé impaciente por mais alguns minutos.

Então ouviu o barulho de janelas abrindo na casa que ficava no outro lado da rua. Sabia quem morava lá. Era o velho careca de fala atropelada conhecido como "Abutre".

– Eles foram embora ontem à noite, você deveria saber. Um dia serão vocês! – Abutre debochava em alto tom.

Guido tomou um baita susto. Olhou para o velho fazendo questão de mostrar aversão. Sentiu raiva. Seu pai sempre dizia que se não pudesse sentir algo bom por alguém, era melhor não sentir nada. Tentou não sentir nada, mas fracassou. Sentia raiva, muita raiva. O velho careca ganancioso fazia jus ao apelido, ficava só esperando as pessoas em dificuldades venderem suas casas a preço de banana para comprá-las.

Recompôs-se para não deixar transparecer a sua ira.

– Jaiminho vai jogar num clube na capital. Todos sabem que jogar na capital é sinônimo de riqueza, até pessoas da vizinhança com pouca ou nenhuma inteligência.

Abutre deu uma risada sonora. Porém a expressão de Guido não se alterou.

– Você é que precisa de inteligência. Da próxima vez que você pular o muro da minha propriedade, eu chamo a polícia – ameaçou Abutre.

– Você acha que eu tenho medo da polícia? Tenho treze anos. O que acha que a polícia vai fazer comigo? – respondeu Guido, em tom desafiador. Fez uma careta e sem hesitação chispou de volta para casa se trancando no quarto.

Naquela manhã de sábado azulado, Feliciano retornava da feira junto com sua irmã. Novamente poucos fregueses. A conta só fechava porque a aposentadoria de Oneide tinha sido reajustada recentemente. Feliciano estranhou muito ao ver a porta do quarto de Guido fechada. Onze horas, era para ele estar nas ruas soltando pipa ou jogando bola com os outros garotos. Decidiu só chamá-lo quando

o almoço estivesse pronto, pensou, que talvez seu filho não dormira direito relembrando o campeonato.

A linda manhã se transformava numa tarde cinzenta.

O almoço demorou um pouco, mas, como de costume, surgia apetitoso. No entanto, nem o cheiro do delicioso angu da Oneide concorreu para retirar Guido da voluntária clausura.

– Alguma coisa aconteceu. Será que ele está doente? – perguntou preocupada Oneide.

– Nem tinha cogitado isso. Vou entrar lá para ver.

– Estou aprontando a mesa. Vai querer o feijão em cima do angu?

– Sim, por favor.

Feliciano abriu a porta devagarzinho para não acordar o menino, caso ele estivesse dormindo. Guido estava virado para o outro lado, de frente para a parede. Feliciano ouviu, mesmo que bem baixinho, o som de seu pranto.

– Filho, aconteceu alguma coisa? Por que está chorando? – perguntou Feliciano enquanto acariciava a cabeça do filho.

– Jaiminho foi embora – respondeu o menino, com os olhos molhados e enrugados.

Feliciano decidiu se expressar com clareza, falar de homem para homem.

– Todos na associação já estavam sabendo. Só não sabíamos qual seria a data. Sua família estava devendo uma grana para o banco. Infelizmente as coisas são assim, a ganância faz com que alguns poucos ganhem para muitos perderem.

– Pai, queria ser rico, como aquela família da mansão da colina em frente da praia. Assim poderia dar dinheiro para todo mundo que eu gostasse.

– Eu também, como seria bom, não? Mas não existe árvore de dinheiro, certo? O que importa é viver a vida com dignidade, algo que tenho certeza absoluta que Jaiminho e sua família têm de sobra. Não existe riqueza maior do que isso. O que o Padre Nicolau diz sobre tesouros?

– Que é melhor ter tesouros no céu.

– E como temos tesouros no céu?

– Já sei, não roubar, não matar, honrar pai e mãe e tia, não cobrar a mulher do próximo.

– Cobiçar a mulher do próximo. Isso mesmo. E, agindo assim, a pessoa fica de bem com a vida e com Deus, pode ter certeza. Por isso digo que tudo ficará bem. Deus não se engana. Nunca se esqueça de que a coisa mais valiosa que um homem carrega consigo é a virtude. Aconteça o que acontecer, nunca abandone a sua virtude.

Enquanto ouvia o pai, Guido mergulhava em seus pensamentos.

– Pai, por que ele não se despediu de mim? Queria ter dado um adeus. Ontem estávamos juntos e tão contentes – disse soluçando, quase não conseguindo se expressar. As lágrimas ensopavam a cama.

– Às vezes é melhor assim. Na vida você precisa aprender a dizer adeus, pois vai precisar fazer isso algumas vezes.

– É, nem pude dar adeus a ele. Choramingava.

– Eu sei. Mas fique tranquilo, amigo de verdade é para toda a vida.

Aos poucos Feliciano conseguia consolar o filho usando doces palavras.

– Pai, você sabia que Jaiminho foi chamado para fazer teste num clube da capital e que nós ajudamos a pagar a passagem dele?

– perguntou orgulhoso.

Feliciano sorriu satisfeito. Olhou em volta reparando em todos os seus brinquedos.

Guido se mantinha pensativo.

– Por que Deus nos tirou a mamãe? – perguntou meio encabulado.

Feliciano não demorou a responder. Sensível, aceitou que seu filho já tinha idade para entender.

– Teve um tempo que achava que Deus não andava sendo justo comigo. Tentei ignorá-lo, minha raiva era tanta que a única coisa que me dava alguma alegria era ver você crescer. Depois, com o tempo, sentado contemplando o mar, experimentei a sensação de que o Senhor me dera em demasia. Minha luta cessou, minha cisma

terminara. Entendi que Deus me permitiu viver mais de trinta anos ao lado da melhor e mais linda mulher do mundo.

– A mamãe, não é?

– Ela mesma! – exclamou com um sorriso. Além disso, me deu esse filho maravilhoso e cheio de saúde de que tenho muito orgulho. Então hoje sinto que, na verdade, ganhei da vida mais do que mereço. Durante esse tempo pode ter até existido casais que se amaram muito, mas nenhum, posso te garantir, se amou com tanto afeto e intensidade como nos amamos.

– Pai, queria saber mais da mamãe.

– Aos pouquinhos vamos conversando sobre isso, certo?

Feliciano notava nos pequenos pelos que floresciam espaçadamente no rosto do filho, sinal de como estava crescendo. Em seguida, seus olhos fixaram-se naquele globo empoeirado esquecido no canto da mesinha. Foi quando uma ideia maluca explodiu em sua cabeça. De repente ficara exaltado.

Pegou o globo colocando em cima da cama bem aos olhos de Guido.

– Vamos fazer um juramento? – perguntou com olhos brilhantes.

– Sim. Que juramento? – Guido se interessou com olhos arregalados que nem pareciam mais chorosos.

– Vou rodar esse globo, e onde o seu dedo cair será um país que um dia teremos de conhecer juntos. Vamos nessa?

– Vamos!

Estava gostando da ideia. – Nem que seja a última coisa que faremos em nossas vidas?

– Nem que seja a última coisa que faremos em nossas vidas! – repetiu Guido em voz alta.

O globo se encontrava um pouco defasado. Feliciano, ao rodá-lo, torcia para que o dedo de Guido não caísse num daqueles países que nem sabia se ainda existia.

– Você terá de checar na biblioteca na segunda-feira e descobrir tudo que for possível sobre esse lugar. Promete?

– Prometo – disse balançando a cabeça, concordando e sorrindo.

– Promessas são para serem cumpridas, jamais se esqueça – advertiu contente.

Guido já não se mostrava aborrecido. Feliciano acertara no alvo ao animá-lo, como uma flecha que acerta no meio da maçã.

– Pronto? Vamos lá!

Feliciano roda, roda, roda. Guido observa a esfera girar duas, três vezes, e num impulso atira seu dedo em direção ao globo. O espanto dos dois foi tamanho ao ser revelado o destino. O dedo indicador de Guido descansava em cima da longínqua Austrália.

– Austrália! Não é a terra dos cangurus? – perguntou Guido excitado.

Feliciano, impossibilitado de voltar atrás e sugerir um lugar mais próximo, dada a alegria no rosto de Guido, exalta o louco plano:

– Isso mesmo. Segunda-feira, sargento Guido, quero um relatório completo sobre esse país.

– Compreendido, capitão!

Guido ficou de pé na cama e pulou como uma aranha para os braços do pai. Agora não era o globo que rodava, eram o seu corpo magro e sua mente, que não parava de sonhar.

– Austrália, lá vamos nós!

Ouviu-se então um barulho vindo da porta.

Eles se entreolharam e uma risadinha saiu da boca dos dois. Oneide ficara ali ouvindo através da porta o tempo todo. Como se nada tivesse acontecido, ela se afastou um pouco e gritou, mas não muito alto, para parecer que ainda estava na cozinha:

– Não vou esquentar a comida de novo!

Antes que a intimação de Oneide fosse atendida, Feliciano abraça Guido e fala bem juntinho ao seu ouvido.

– Filho, nunca permita que ninguém lhe diga que você não é capaz.

Feliciano disse sem ter naquele momento tal convicção em sua vida. Contudo, sentiu que alguma coisa mudara dentro dele. Pelo filho qualquer luta poderia ser vencida, até mesmo viajar para a terra dos cangurus.

Guido fez que sim com a cabeça e deu um molhado beijo no rosto do pai.

– Vamos, senão a general Oneide vai fazer picadinho da gente.
Riram novamente e se apressaram em sentar à mesa.

Capítulo 8

O sol nasceu entre algumas nuvens bem antes de o galo cantar. Mas rapidamente deu lugar a uma chuva leve. Por volta do meio-dia, as nuvens se avolumaram e passou a chover mais forte. O vento balançava com força as árvores e arrastava tudo que estava ao seu alcance.

Pela janela da cozinha, por pouco Oneide não conseguiu avistar Guido se aproximar correndo. Olhou para o relógio e viu que ele chegava antes da hora. Será que matou aula?, se perguntou. Queria ver qual seria a mentira que o sobrinho contaria agora.

Completamente encharcado com um saco plástico de mercado na cabeça, Guido largou a bicicleta na varanda e antes que pudesse entrar, sua tia já tinha aparecido com uma grossa toalha nas mãos.

– Tome. Enxugue-se logo. Por que você nunca leva o guarda-chuva?

– Porque não tenho mais guarda-chuvas.

– Já perdeu aquele que te emprestei? Aposto que perdeu.

– Esqueci na escola.

Ela sentiu que ele dizia a verdade.

– Está chegando cedo demais. O que aconteceu?

– Assunto ultrassecreto.

– Se você não me falar a verdade, vou te colocar numa prisão chamada quarto e sem televisão por três dias, entendeu?

– Desculpe, mais é um assunto ultrassecreto – voltou a dizer o menino, decidido.

Oneide o belisca sem piedade.

– Então vamos usar de tortura para fazer o soldado falar. Você matou aula?

– Ai! Apenas não fiquei brincando na escola, foi só isso.

Guido preferia ser picado por uma abelha a matar a aula. Temia os inevitáveis castigos impostos por sua tia.

Ela percebeu que ele não estava mentindo.

– Entendi. Vá tomar um banho e trocar de roupa para almoçarmos. Não vamos esperar por seu pai hoje.

Após o almoço, deitado no chão de cerâmica da sala, Guido cuidadosamente abriu um caderno, onde depois de duas horas na biblioteca procurando em livros e mais livros, escrevera a palavra “Austrália” sublinhada no topo da última página. Abaixo surgiam em vermelho as seguintes anotações:

- Localização – Oceania
- Capital – Canberra (Capital Nova)
- População – 17 milhões de habitantes
- Área – 7.682.300 km²
- Idioma – Inglês
- Moeda – Dólar australiano
- Coisas legais – Terra do canguru e do coala
- Lugares imperdíveis – Sidney Opera House e a Barreira de Corais.

Obs.: Cuidado ao mergulhar nas praias, perigo tubarão branco!

– Eu quero conhecer a Austrália – disse para si, contornando o nome do país com seus finos dedos. – Se o barco do papai fosse maior, dava até para viajarmos nas minhas férias.

Não era para ninguém ouvir, mas Oneide lá da cozinha acabou gritando:

– O que você disse? Quem está com amnésia?

– Disse “férias”! Esquece! Imagina ver de perto um canguru. Nossa!

Feliciano saíra cedo, antes mesmo de Oneide acordar. Foi o primeiro a chegar à Associação de Pescadores. Antônio chegou pouco tempo depois.

– Já vai sair? Não é melhor esperar? – disse Antônio referindo-se ao tempo como os pescadores costumam fazer.

Feliciano olhou para o céu, observando algumas nuvens magrelas. Ainda estava escuro, não eram nem seis da manhã. À

primeira vista parecia que o tempo estava bom a não ser por fortes rajadas de vento vindas do sudoeste.

– Vou tentar pescar próximo da ilha, qualquer coisa fico por lá.

– Está bom, mas tenha cuidado – disse Antônio ainda que não tivesse muito motivo para ficar preocupado. Feliciano era um pescador experiente, que respeitava o mar.

Conversaram sobre mais alguma coisa até que Feliciano tirou um recorte de revista embolado do bolso.

– Preciso de dinheiro para isso. O recorte escapuliu de sua mão caindo no mar, enquanto seu barco afastava-se da praia.

Antônio correu para salvar o recorte, sem entender direito do que se tratava. Apertou o pedaço de papel junto à bermuda num esforço para secá-lo rapidamente. Em seguida olhou para a página toda amassada da revista e teve a impressão de que já lera a matéria antes.

No fim da tarde a tempestade ganhou força. A noite chegou com uma hora de antecedência. Guido jantou e agora dormia sentado no sofá abraçado ao seu caderno. Oneide se esforçava para prestar atenção na novela.

Preocupada com a demora incomum do irmão, ergueu-se caminhando em direção à cozinha. Passou a lavar a louça que descansava na pia e em seguida secou tudo enquanto observava pela janela a chuva que caía forte. Foi nesse momento que reparou numa luz caminhando em sua direção. Meu irmão chegando, pensou ela. Agiu com normalidade. Já se virava para esquentar a janta quando um fato lhe chamou a atenção.

Em vez de uma, agora ela pôde ver que se tratava de pelo menos três luzes. Verificou se trancara a porta. Seu coração palpitava forte. Segurou um martelo de bater carne só para garantir. As luzes foram chegando cada vez mais perto e mesmo com a chuva que não parava de cair, Oneide reconheceu, uma por uma, as fisionomias dos homens com as lanternas. Afligiu-se ao perceber que nenhuma delas assemelhava-se à de Feliciano. Pressentiu que uma visita tarde da noite não deveria ser um bom sinal. Abriu angustiada a porta dirigindo-se apressadamente ao encontro deles, insensível à chuva que rasgava suas roupas.

Sua boca tremeu. As palavras saíram altas, porém mascadas.

– Cadê o meu irmão? Fala Antônio! – clamava por explicação agarrando os braços do amigo.

Antônio, o pescador mais velho da associação, tinha olhos baixos e fala mansa. A tristeza estava escancarada em seu rosto.

– Fala o que houve com o meu irmão? – insistia desesperada.

Um silêncio estrondoso pode ser ouvido. No fundo Oneide desejava distanciar-se da verdade. Seu coração já conhecia de antemão a resposta.

– Feliciano foi encontrado sem vida junto às pedras – Antônio respondeu, tentando evitar olhar para o rosto dela.

– Infelizmente, o corpo dele foi encontrado próximo das pedras – completou outro pescador, mais novo e ousado. – Seu barco virou. Mergulhei e agarrei um de seus braços tentando segurá-lo, contudo o mar foi mais forte. – O pescador mais novo era nitidamente o mais arrasado.

– Não me falem um negócio desses, parem agora de brincadeira! Isso é loucura!

Trêmula e desalentada, Oneide tapava os olhos com as mãos.

Antônio a pegou pelo braço, aconchegando seu rosto num dos ombros.

– Oneide, infelizmente nós vimos com os nossos próprios olhos.

Lágrimas consternadas rolaram de todas as faces.

– Nós pedimos para ele voltar. No fundo também achávamos que esse mau tempo era passageiro. Na dúvida voltar é sempre o mais prudente a se fazer – disse o pescador mais novo, que remoía a cena em sua cabeça e se mostrava cada vez mais abatido.

– É verdade. Estávamos juntos. Decidimos então retornar quando os trovões começaram a estalar no mar. Feliciano disse que seria somente uma chuva rápida. Não o censurei, falei só para ter cuidado. Você sabe, seu irmão conhecia o tempo como ninguém. – Antônio prosseguiu se afogando em incontroláveis lágrimas.

– Feliciano estava tão feliz como há muito tempo eu não o via. Falou-me alegremente que pescaria um milhão de peixes e que viajaria para a Austrália.

Antônio tirou do bolso a página de uma revista de pesca que Feliciano havia deixado cair no mar. O recorte estava bastante amassado e manchado, mas ainda dava para se notar uma foto belíssima com a legenda “O maior recife de corais do mundo”.

Oneide derramava lágrimas em silêncio, com evidente sensação de perda. Lembrou-se do que ouvira dias antes por detrás da porta. Talvez seu irmão tivesse ido longe demais com aquela ideia maluca. Sua voz fraquejava pensando no futuro do seu sobrinho.

– Antônio, como vamos contar para o menino? Diga-me! – disse enquanto mantinha as mãos estendidas no ar.

Guido acordou e se encostou na porta evitando ser atingido pela chuva trazida pelo forte vento. Levantou a mão até o rosto para enxergar as pessoas que luz das lanternas não deixava reconhecer.

– Tia, o que está acontecendo? Papai está aí com você?

Os quatros se olharam desorientados. Oneide raspou a água que se avolumava em seus lábios dirigindo-se a Guido num tom firme para não deixar dúvidas.

– Não! Entre imediatamente e vá para sua cama dormir. Isso não é hora de criança estar acordada. Chispa!

Ele entendeu o que aquela ruidosa voz queria dizer. Vá para cama sem mais conversa. A lembrança do beliscão dolorido ainda estava bem viva em sua memória e em seu braço. Guido caminhou para o quarto de Feliciano para certificar-se que ele realmente não havia retornado. Presumindo haver algo errado, ajoelhou-se no pé da cama e começou a orar para que seus temores não se concretizassem.

– Jesus, Maria, Deus e Espírito Santo. Padre Nicolau me disse certo dia que pessoas boas sempre se reúnem com vocês aí em cima, mas, por favor, ainda não é hora de convidar meu pai.

Guido permaneceu ajoelhado rezando ainda por alguns minutos até desabar de sono. Dormiu achando que seu pai estava desaparecido como acontecia de quando em quando com alguns pescadores da região que dias depois reapareciam sãos e salvos na praia. Ele só conheceria a verdade na manhã seguinte.

Na mesma noite, talvez por ironia do destino, Padre Nicolau faleceu de um ataque cardíaco fulminante. A cidade ficou de luto por

duas semanas. Chegaram até a dizer que o padre pressentiu o ocorrido, pois naquele dia decidiu não confessar ninguém. Literalmente toda a cidade compareceu ao enterro dos dois.

O prefeito Anastácio, mesmo contra a sua vontade, decidiu logo depois batizar o nome de duas novas ruas, uma paralela à outra, com os nomes dos dois.

Após o trágico acontecimento, sobraram para Oneide as lágrimas e um sobrinho de 13 anos para cuidar. Para o sobrinho, sobrou uma foto velha do pai e uma promessa para cumprir.

Capítulo 9

No caminho da escola um frio na barriga misturado com uma vontade de vomitar assolava o espírito de Lucas. Querido por amigos e professores num lugar em que suas manchas brancas se tornaram irrelevantes, ele não se encontrava preparado para a dolorosa despedida.

Aterrorizado, implorou para que seu pai frio e autoritário reconsiderasse, questionando que não precisaria ir para o exterior para dar continuidade à sua ótima educação, pois estudava numa das escolas mais prestigiadas da capital, onde também existiam boas universidades. Com todos os ricos argumentos, seu pai não deixava nenhum espaço para esperanças. Já tinha tomado sua decisão e nem esperaria o ano letivo acabar para mandá-lo para os Estados Unidos. Insistia que lá Lucas aprenderia inglês e que quando voltasse anos depois sua vida estaria encaminhada. Ficaria na casa de uma amiga distante da família de quem nunca ouvira falar.

Pensou em fugir, mas para onde? A escolha do pai não lhe permitia fazer nada e nada faria.

Era o último dia da semana e o último dia na escola que estudara durante os últimos 12 anos. Agora com 16 anos, caminhando vagarosamente, o medo invadira seu espírito ao ver os muros azulejados do colégio. Seu coração acelerou forçando-o a parar. As pernas estavam paralisadas pelos pensamentos que inundavam sua cabeça. Como alguém com minha idade pode pensar em ter a vida encaminhada? Por que meu pai faz isso comigo? Ele diz que é o melhor para mim, mas será que não é bom apenas para ele viver longe de mim? Por que meu pai me deseja tão longe? Por que nunca me escuta? Droga! Droga! Droga!

A única coisa que pedia era para continuar vivendo no mesmo local. Não exigia amor de pai, algo que nunca tivera. Dias atrás, até

cogitou no isolamento de seu quarto que talvez essa viagem pudesse ser boa. Quem sabe seu pai sentiria sua falta e o trouxesse de volta? Não demorou a mudar de ideia. Ele não sentirá sua falta, pode tirar o cavalinho da chuva, refletiu melhor.

Só de pensar que precisaria se despedir de todos, as lágrimas lhe caíam dos olhos. Lucas virou de costas para o colégio e andou em direção a uma praça pequena onde havia crianças miúdas brincando com suas respectivas babás. Sentou-se no balanço, mas não sentiu nenhuma vontade de brincar. A princípio tentou controlar o choro, com medo de que alguém reparasse em sua dor. Lembrou mentalmente de uma foto que tinha visto de sua mãe. Desejou que ela estivesse ali, para defendê-lo, ouvi-lo e atender às suas vontades, para lhe dar o carinho que todos os amigos recebiam de seus pais.

Limpou na camisa as lágrimas que agora caíam com menos intensidade. Fazendo-se um adulto, se recompôs. A partir daquele dia seria ele sozinho. Precisaria ser forte como nunca, com muito mais coragem, coragem esta que lhe faltou para se despedir dos amigos, dos professores e da escola.

Ficou na pequena praça menos arrasado até que o horário de suas aulas acabasse. Voltou para casa buscando não levantar suspeita. Precisava manter a aparência de que tudo estava bem. Joselina, que estivera à sua espera, o ajudaria a acabar de arrumar as suas coisas.

– Essa blusa amarela, vai? Como é que você não vai levar aquele seu casaco bonito de frio? Você sabe a temperatura que faz por lá no inverno? Escova de dente, já colocou?

Indisposto, Lucas ajudava em tudo o que era requisitado. A mala cinza ficou pronta em pouco tempo.

– Você vai viajar sem tomar banho?

Lucas não escutou a última pergunta, sentado encurvado no chão com a cabeça entre os joelhos, chorando. Joselina aproximou-se, porém, antes que pudesse repetir a pergunta, foi surpreendida por outra.

– Por que meu pai me castiga? – havia muito rancor na voz do menino.

Aquela repentina pergunta trouxe a Joselina uma dose adicional de tristeza. Tinha os seus próprios problemas, entre eles, sem dúvida, perda iminente do emprego. Contudo contristava-se ao se fazer também todos os dias a mesma pergunta. Por que ele te castiga? Sentia como se o coração daquele garoto, loiro e bonito, do qual cuidou por quase sua vida inteira, estivesse agora dentro do seu corpo. Compartilhava o seu calado sofrimento. Sua angústia enrustida.

– Não sei. Não sei se isso é um castigo. Acho que seu pai te ama do jeito dele.

– Ama nada. Nunca se importou comigo. Eu quero entender o porquê.

– O porquê de quê?

– De ele estar se livrando de mim.

– Ele não está se livrando de você. Na cabeça de seu pai, estudar inglês fora e cursar uma universidade no exterior, lhe ajudará muito no futuro – ela mentiu. Conhecia as verdadeiras intenções do patrão, que Lucas só descobriria no futuro.

Na sala, dois corações aflitos pela injusta e inevitável partida conversavam. Lucas tinha um olhar apagado. Joselina notava com aborrecimento.

– Eu não quero ir! Me leva para morar contigo. Sei que sua casa é pequena, prometo que não vou te atrapalhar. Por favor!

– Você já tem idade para saber que as coisas não funcionam dessa maneira – disse duramente. – Cadê sua vontade de persistir? Você lutou contra toda essa indiferença por dezesseis anos. Vai fraquejar agora? Está na hora de mostrar para o mundo que você é mais você.

– Tenho medo de ficar sozinho.

– Com ou sem o amor do seu pai, você vai conseguir tudo o que desejar se lutar. Você lutou sua vida inteira e vai continuar lutando. Você é um guerreiro. Tenho orgulho de ter cuidado de você todo esse tempo.

Lucas olhava desolado para o chão lustrado por seu pranto quando Joselina o apertou nos braços, como uma sucuri a uma capivara. Afeto sincero em vez de palavras.

– Você é um garoto extraordinário. Tudo ficará bem, você vai ver – murmurou no ouvido de Lucas.

A conversa se encerrara assim, com um abraço e muitas lágrimas.

Lucas suspirou pensando em Joselina, sua babá, empregada e verdadeira amiga, em seus colegas de escola e nas coisas que estava sendo forçado a deixar para trás. Concluiu que não eram poucas. Em breve tudo seria passado. Tomou uma ducha preparando-se para esperar seu pai.

No aeroporto, Milton lhe disse poucas e frias palavras. Poucas e sem nenhum significado.

Joselina, em contrapartida, não escondia o seu carinho. Ficaram de mãos dadas até o último instante. Minutos depois, Lucas se despediu dirigindo-se ao portão de embarque. Afastando-se, longe dos olhos dos dois, chorava de raiva. Agora não por estar deixando sua antiga vida, mas por ter um pai tão horrível como o seu. Foi caminhando sem olhar para trás. Daquele momento em diante, seria ele, o mundo e ninguém mais.

Capítulo 10

Os últimos meses do ano de 1996 foram de transformações.

Compenetrado, Guido arrumava a mala cuidadosamente. Não queria deixar nada importante para trás. Todos os itens de sua lista estavam marcados e bem empacotados. Olhou apressadamente para todos os cantos do quarto, fixando os olhos no refinado globo terrestre. Refletiu que não precisava carregá-lo, pois as coordenadas para onde ele um dia rumaria já estavam incrustadas em sua cabeça. Austrália.

Quando saiu do quarto a sensação de estar esquecendo algo se instalou. Passados alguns instantes, vislumbrou o que estava deixando para trás e que não cabia em sua mala. Era o pedaço vivo daqueles 21 anos, presente em todos os lugares da casa, que só podia ser carregado em sua lembrança.

Caminhou então em passos lentos até a sala onde encontrou sua tia, estranhamente serena, sentada no sofá. Pensou em lhe dar um susto. Desistiu. Seria uma despedida dura. O forte laço que os unia seria agora desatado.

– Qual é a razão de estar vestida toda de preto? Só estou saindo de casa e não morrendo – caçoou, buscando trazer alguma descontração para o momento.

Oneide observou o sobrinho por um breve instante. Notou a barba rala e o bigode que mais parecia sujeira que ela tanto detestava. O rosto do menino agora tinha poucas espinhas e seus ombros, apesar de ainda magrelos, havia se alargado muito. O bebezinho que carregara um dia no colo se transformara naquele homem vigoroso em sua frente.

– Foi apenas uma coincidência – Oneide respondeu segurando o sentimento de perda que apertava seu peito. – Ria, seu malandrinho – continuou –, não é você que está vendo seu único filho partir. Para

– Você é tudo fácil, já me esqueceu e na sua cabeça existem somente as garotas bonitas que conhecerá na capital.

– Deixa de drama! Nenhuma mulher, por mais formosa que seja, será capaz de me afastar de você. Escreverei e lhe visitarei sempre que possível. Você é a mãe que não tive, já deveria saber disso de cor e salteado.

De um modo geral, os dois haviam lidado bem com a morte de Feliciano. No começo atravessaram muitos dias tristes, mas depois de alguns meses, a rotina normal de suas vidas voltou a se estabelecer. Oneide voltara para os seus afazeres e fazia de tudo para afastar a melancolia. Ela tinha garra suficiente para tocar sozinha a vida dos dois. Seu sobrinho ainda chorava e falava muito sobre o pai.

Guido amadureceu rapidamente, pois uma promessa o empurrava com intensidade. Nunca aprendeu o ofício da pesca – Oneide o tinha proibido de trabalhar antes de concluir os estudos. Terminou o segundo grau e prontificou-se a trabalhar para o tio Alfredo em sua marmoraria. Durante os últimos três anos, ele e Vítor Bolão trabalharam incessantemente aprendendo rapidamente o ofício. Criaram uma grande habilidade no trato com todos os tipos de pedras, de mármore a granitos. Acabaram por gerar um pouco de ciúmes entre os trabalhadores mais antigos da Marmoraria Kilombo, pois era notável a preferência de Alfredo pelos dois. Entretanto, os trabalhadores enciumados não precisavam mais se preocupar. Alfredo indicara Guido e Vítor Bolão para uma enorme obra do governo na capital cujo engenheiro responsável era um conhecido seu.

Oneide tocava sua vida como de costume. Comidas, novelas e feiras.

Para Guido, tudo seria novidade. Para Oneide, novidade era ficar sozinha de novo.

Oneide caiu em prantos. Ela parecia estrelar um daqueles dramas mexicanos, cheia de caras e bocas.

– Agora, a única coisa que me falta é morrer. A única coisa que ainda me mantém viva é a cozinha. Quem é que vai comer meus biscoitos agora? E meu suflê de siri, meu escondidinho de aipim com

carne-seca, meu doce de goiaba e minha musse de maracujá? Agora é só deitar e esperar a morte.

– Tia, deixa de bobeira. A senhora com fome come tudo isso sozinha. E o pior, mistura tudo no mesmo prato, sem diferenciar doce de salgado. Coloca tudo para dentro mesmo. Além disso, soube que você anda se engraçando com o carteiro Juarez.

Como ela podia imaginar que, aos 76 anos, estaria de namorico com o carteiro Juarez, 10 anos mais novo. Oneide não aguentou e deixou sair, bem apertadinho, um sorriso pelo canto da boca. Confortava-se ao observar Guido sorridente, o filho que não teve saíria pelo mundo e não existia nada que pudesse fazer. Recolheu as lágrimas.

– Tudo bem. Botei nesses saquinhos alguns biscoitos que preparei para você levar e comer se tiver fome no meio do caminho.

Guido observou, bem-humorado, sua tia trazer dois sacos enormes, parecidos com os de batatas, cheios de biscoitos.

– Puxa, preciso de duas malas como esta só para levar tantos biscoitos – gargalhava do exagero característico da tia.

– Esqueceu que Vítor Bolão estará junto? Lembra do peixe assado que fiz semana retrasada? Ele comeu um cardume inteiro – ela tentou se explicar.

Os dois se abraçaram com sentimento.

Oneide, lutando para não voltar a chorar, sussurrou no seu ouvido de Guido:

– Vá logo. Caso contrário, não o deixarei partir.

Guido assentiu com a cabeça, dando um beijo na testa da tia. Atrasado, saiu apressadamente, com medo que ela mudasse de ideia.

Chegando à minúscula e reformada rodoviária, encontrou Vítor Bolão esperando com uma coxinha na mão direita e um joelho na esquerda. Ele estava em frente à plataforma onde pegariam o ônibus azul que já se encontrava estacionado e de portas abertas. Um senhor gago de meia-idade recolhia as passagens calmamente, concedendo tempo para Vítor Bolão acabar de devorar seus salgados.

Guido considerava Bolão o seu grande amigo. Sua família também decidira enfrentar as dificuldades e continuar morando em Esperança do Leste. Era um cara paciente e detalhista, avesso à preguiça. Sua pança trazia uma constante dor nas costas, raro para um jovem. Insistia em dizer que emagreceria, começando dietas todas as segundas-feiras, mas os doces e salgados sempre triunfavam.

Apesar da gigantesca diferença de peso e de apetite, possuíam inúmeras coisas em comum. Estudaram juntos a vida inteira na mesma escola e torciam pelo mesmo time de futebol. Sofreram ambos a perda de uma pessoa querida; Guido o pai e Bolão a mãe, vítima de câncer de mama. Tinham a mesma idade, 21 anos, e faziam aniversário no mês de setembro. Dois jovens simples de Esperança do Leste, cheios de esperança rumo à capital.

Entraram no ônibus em cujo para-brisa havia um cartaz com a hora de saída e o local de destino. A viagem demoraria em torno de três horas.

Foram necessários apenas 10 minutos de viagem para Vítor Bolão adormecer ao seu lado. Espremido junto à janela, Guido pensava em seu pai. Com dificuldade, desencavou uma foto que guardava num dos compartimentos de sua carteira. Segurou firme a imagem e a beijou. Falou apenas mexendo os lábios como se estivesse brincando de mímica: “Promessa é dívida”, não era o que você dizia? Vou trabalhar muito para irmos para lá. Viajarei para Austrália nem que seja a última coisa que eu faça. Guardou a foto antes de tentar também tirar um cochilo.

Chegando à capital estavam tão amassados quanto papel de embrulho. Ao descer os degraus do ônibus, Guido sentiu uma súbita fraqueza nas pernas e foi acudido pelo amigo, que não perdoou:

– Está vendo? Isso é que dá não comer direito pela manhã. A contragosto te ofereci um pedaço de minha coxinha e você não quis. Da próxima vez aceite!

Ficaram em pé alguns minutos aguardando as malas e reparando na intimidadora rodoviária.

– Essa rodoviária é pelo menos cinquenta vezes maior que a nossa. Já viu quantas lojas de salgados há ali em cima. Estou até

sentindo o cheiro de pastel. Acabaram de fritar os de palmito, posso apostar.

– Seu faro é mais aguçado do que de um cachorro faminto. Para de pensar em comida e pegue sua mala que a minha eu já peguei!

Saíram da área de desembarque e entraram num daqueles banheiros pequenos e abafados, igual ao das outras rodoviárias. Guido fez seu xixi e deu uma arrumada nos cabelos arruaçados, olhando num daqueles cacos de espelho que se achava pendurado bem acima da torneira. Vítor Bolão demorou um pouco mais, motivado pelos dois salgados devorados anteriormente.

Incomodados, andando de um lado para o outro, durante mais de vinte minutos, só haviam obtido informações desencontradas.

– Ninguém fala com a gente direito. Será que é tão difícil ajudar os outros? – perguntava Guido inconformado.

Vítor Bolão concordou com a cabeça. Imaginou que tal situação deveria acontecer com a maior parte das pessoas que chegavam àquela rodoviária pela primeira vez. Ele examinava com cuidado uma moça magra de origem asiática lendo com lágrimas nos olhos alguma coisa. Finalmente alguém com sentimentos nesse lugar, pensou. Depois de uma sucessão de tentativas fracassadas, não custava nada tentar de novo.

– Vou lá falar com aquela de olhos puxados. Parece ser a única que sabe de alguma coisa aqui.

– Aquela japonesa? – perguntou Guido se referindo a uma moça que na verdade era chinesa. – Vamos continuar procurando o quiosque de informações.

Tarefa árdua era persuadir Vítor Bolão quando ele cismava. Cismava mesmo.

– Deixa comigo. Povo esperto, os japas sabem de tudo. E outra coisa, de mulher eu entendo.

Foi andando com o peito de galo parando de frente para a moça.

– Oi, bom dia, princesa oriental. Você sabe onde pego uma condução para a Zona Portuária? – sorria o sorriso mais largo.

Interrompida em sua leitura, a moça asiática franziu a testa mal-humorada e foi se afastando calada enquanto apontava um

dedo fino para uma carrocinha de pipoca que ficava às margens da rodoviária. Desejava apenas continuar sua leitura sossegada.

Bolão ficou sem reação. O galo tinha virado galinha.

Guido sentou-se no chão. Não aguentava de tanto rir.

– Você não entende das mulheres daqui, imagina as do outro lado do planeta – tirava o maior sarro que podia.

Contudo, daquela vez quem ria por último seria Bolão. Havia uma expressão vitoriosa em seu rosto.

– Meu camarada, para um verdadeiro homem um gesto de uma mulher é melhor do que mil palavras – disse apontando vitorioso para uma placa na direção indicada pela moça. Bem acima do pipoqueiro, uma placa anunciava: Ônibus – direção Zona Portuária. – Ninguém resiste aos meus encantos.

Guido teve de dar a mão à palmatória.

Os dois trocaram um sorriso e andaram ligeiros. Precisavam achar sem demora a hospedaria indicada.

Capítulo 11

Desembarcaram do ônibus num cruzamento movimentado e andaram algumas centenas de metros chegando à rua Pequena Pigalle.

Olharam ao redor e tiveram um grande choque. A rua e os arredores eram tomados por edificações pobres e degradadas com no máximo três andares. No primeiro andar, em quase todos eles, estavam instalados botequins baratos ou bordéis repletos de marinheiros bêbados se enroscando em moças sem pudor e nenhuma preocupação com o silêncio.

Guido estremeceu. Vítor Bolão, por incrível que possa parecer, nem pensou em comida.

Procuraram pelo número 40 conforme indicado pelo tio Alfredo. Descobriram que haviam alcançado o local quando repararam no letreiro quebrado – Hospedaria Pink and Blue.

Por muito tempo a hospedaria serviu de local de descanso para pessoas que vinham do interior visitar ou tentar a vida na capital. Hoje se tratava de um prédio mesquinho e maltratado, frequentado apenas por marinheiros bêbados e malandros de toda ordem.

A fachada tinha parede descascada, vazada por janelas desniveladas e tijolos se esfarelando. O portão de ferro da entrada, além de enferrujado em suas extremidades, se encontrava completamente pichado.

Ingressaram temerosos, sendo recebidos por uma senhora deselegante que mastigava um chiclete insosso sem parar e trazia um lenço colorido na cabeça.

– Bom dia! – saudou Guido.

– Mais duas minhocas do interior? O que querem? – perguntou a senhora, olhando-os de cima a baixo.

– Precisamos de um quarto para dois.

– Cem pratas – disse a mulher com o chiclete quase escapulindo de sua boca.

– Como é que é?! – se espantou Guido. – Isso é um roubo!

– Se não quiserem, a porta de saída é logo ali.

Os dois discutiram exaltados por alguns instantes.

– Absurdo! Aqui eu não fico – Vítor Bolão dizia olhando para baixo, com medo de alguma retaliação da mulher.

– Vamos para onde então? Esse é o endereço que tio Alfredo indicou.

A mulher esticou suas pálpebras. Algo na conversa a tinha interessado.

– Alfredo? É isso mesmo que ouvi? Aquele homem divertido com a barbicha grisalha? – interpelou a senhora.

– Exato, ele é meu tio.

– Por que não falaram antes? Saudades daquele safado – comentou a mulher, lembrando-se de melhores dias.

Os jovens se entreolharam e riram. Será que falavam do mesmo Alfredo? – pareciam se perguntar.

– São 30 pratas por mês. Pagamento antecipado. O banheiro fica no fim do corredor. Temos um fogão e uma geladeira no sótão que podem ser usados.

Os dois assentiram com a cabeça e seguraram a chave do quarto 08.

– Quartinho superagradável com janelas de frente para a rua. Entretanto, por favor, evitem abrir as janelas, pois elas se encontram com pequenas rachaduras – disse a mulher enquanto se preparava para tratar de outros assuntos.

Retiraram o dinheiro dos bolsos, pagaram a quantia exigida e seguiram pela direção indicada. Ao longo do trajeto, ouviam barulhos que pareciam saídos de filmes de terror. As paredes eram impregnadas pelo cheiro de fumaça dos cigarros, fumaça que, eles puderam ver, saía por baixo da porta da maioria dos 12 quartos da espelunca.

– Que local desagradável! Como o Alfredo se hospedava num local desses? – indagou Vítor Bolão.

– Talvez há vinte anos fosse um pouco melhor – tentou explicar Guido, sem muita convicção.

– Estou com medo de ver o quarto, meus pressentimentos não são bons.

– Pensa numa coisa, não pode piorar.

Vítor Bolão torceu para que Guido estivesse certo.

Suas esperanças minguaram quando empurraram a porta. Perturbaram-se com a pocilga que exalava mofo pelas paredes e que, de tão minúscula, mal dava para alguém transitar entre as camas. Não tinha armário e nem qualquer outro móvel além da ruidosa cama. A lâmpada ficava pendurada num emaranhado de fios expostos sem nenhuma proteção.

– Pelo menos ainda não vi nenhuma barata – foi o que Guido conseguiu dizer. – Deve ser o cheiro de fumaça de cigarro.

– Vamos esperar a noite. Nesse lugar pode-se esperar de tudo até barata fumando cigarro – respondeu um desanimado Vítor Bolão.

Arrumaram suas coisas da única forma possível, malas ao pé da cama. Igual pensamento parecia circular nas duas mentes. Levavam uma vida simples em Esperança do Leste, mas contavam com um armário e não precisavam dividir o mesmo banheiro com uma multidão. Uma realidade nada faceira se escancarava para aqueles dois jovens que pretendiam vencer na capital.

Metade de uma hora foi o tempo transcorrido para se acostumarem com a situação. O ambiente não foi suficiente para lhes tirar o entusiasmo. Saíram em seguida para encontrar o amigo engenheiro do Alfredo. Apresentaram-se e souberam que já trabalhariam na manhã seguinte devido a atrasos na obra. Voltaram num pé para a hospedaria, evidentemente mais satisfeitos.

Apelidaram o tenebroso e escuro banheiro de Frankenstein. Nos dias seguintes, o que fora problema tinha virado alvo de gozações.

– É melhor esperar, o Frankenstein está cheio.

– Ainda não consegui fazer meu Frankenstein no Frankenstein.

– Frankenstein está racionando água, quase não consegui escovar os dentes.

Aqueles primeiros dias inegavelmente seriam um castigo. Silêncio era uma coisa que não existia. Seus ouvidos precisavam se acostumar ao barulho, caso contrário não sobreviveriam. Confirmando as previsões de Vítor Bolão, não demorou muito para uma barata tonta talvez pela fumaça aparecer por lá. Outras vieram na sequência.

Com o passar dos meses, os dias de trabalho exaustivo foram capazes de ensurdecê-los. Aprenderam a dormir apenas com suas respirações. Cumpriam horários rígidos, dormiam cedo e acordavam com a madrugada.

Durante mais de dois anos trabalharam incansavelmente, fizesse chuva ou sol, tanto naquela obra como em outras. Especializaram-se participando de cursos de aperfeiçoamento só encontrados na capital. Queridos por todos os colegas de trabalho, os dois almoçavam no canteiro de obra e à noite lanchavam num daqueles bares sinistros nos arredores da Pink and Blue. Para juntar dinheiro e ter uma vida regrada, bastavam evitar a boemia e se manterem afastados das tentações da vida noturna que a noite da Zona Portuária oferecia. Nos fins de semana se reuniam com alguns colegas para jogar a tão disputada sinuca ou para baterem uma bolinha no outro lado da cidade.

Não havia dia em que não dissessem que deixariam a sufocante hospedaria. Entretanto, pagando um preço que não se achava em outro lugar, conseguiam juntar um bom dinheiro e a hospedaria mantinha os dois fiéis clientes.

Guido escreveu e recebeu inúmeras cartas. Em vista da sua determinação em cumprir um juramento, ainda não visitara a tia em Esperança do Leste. Vítor Bolão pensava em comprar uma motoca.

Como um estalo, um deles foi dragado por uma força encantadora. E nada a partir daquele momento seria igual aos tempos anteriores.

Capítulo 12

No fim da tarde, após abandonar o trabalho, os quatro amigos de Vítor Bolão e Guido seguiram com eles até a rua Pequena Pigalle. Com exceção de Guido, haviam combinado de se divertirem pelos arredores da Zona Portuária. Vítor Bolão não suportava mais a monotonia do dia a dia. Nem a pequena televisão comprada semanas atrás era capaz de acabar com o seu tédio.

– Vamos com a gente, Guido. Só hoje. É aqui ao lado. Se você não gostar, você volta – tentavam persuadi-lo sem êxito.

– Vítor, isso não é lugar para nós. Prometemos nos mantermos afastados dessas luzes.

– Não é nada demais. Vamos apenas nos divertir um pouquinho. Que mal tem?

– Obrigado. Mas ficarei aqui com o meu dicionário de inglês.

– Você e essa promessa ridícula. Fui. Não me espere acordado – disse soltando uma risadinha travessa.

Bastou apenas um pedaço daquela noite para Vítor Bolão apaixonar-se por uma prostituta esperta vinda de alguma cidade do sul. Juliana era uma mulher alta e volumosa. Com olhos azuis e perfumados cabelos grudara seus tentáculos no corpo avantajado de Bolão, colocando-o de quatro.

Nos meses seguintes Vítor Bolão, antes calmo e discreto, frequentava prostíbulos, bares e mesas de jogos. O dinheiro guardado de três anos de trabalho duro e de muito sacrifício escorria pelo ralo. Abandonara os bons hábitos para beber em bares sujos e frequentar o meretrício.

– Pode deixar comigo agora – disse Guido olhando para os dois segurados emburrados.

Era a segunda vez naquela semana que precisou arrumar algum jeito de carregar Vítor Bolão para o quarto. Seus braços doloridos

estavam impregnados do cheiro de cachaça que exalava do corpo de seu amigo. Nem precisou olhar o relógio para saber que passava da meia-noite.

Vítor Bolão tombou na cama. Guido sentou-se, precisando de alguns minutos para recuperar o fôlego. Sua expressão era de fadiga. Apagou a luz se forçando a dormir, pois, no dia seguinte, precisaria trabalhar em dobro para compensar a morosidade que a ressaca de Vítor Bolão traria.

Na escuridão sentia-se triste e esgotado. Os seus pensamentos teimavam em lhe roubar o sono. Olhou para o lado e conseguiu ver mentalmente o rosto de seu amigo cambaleado. Vítor Bolão havia mudado tanto que Guido nem o reconhecia mais.

Guido não conseguiu dormir, desceu e vagou pela localidade que agora se transformara no parque de diversão de seu amigo. Insistiam em falar um para o outro que, se não se envolvessem na noite desregrada da Zona Portuária, tudo estaria bem. Acontece que Vítor Bolão não resistiu à tentação, tornando-se parte daquele mundo.

Pela primeira vez Guido rondava por aquelas ruas agitadas depois das dez da noite. Não podia negar que sentiu um pouco de excitação vendo um monte de pessoas indo e vindo sem nenhuma preocupação com os bons modos. Por mais que tentasse, não via nada decente naquele lugar. Tudo se resumia a bebedeira e libertinagem. Andou por apenas duas esquinas. Regressou sentando-se no meio-fio em frente à hospedaria. Cansado, arremessava pedrinhas ao léu, jogando uma mais longe do que a outra. Aos poucos foi perdendo o controle sobre o sono. Virou-se para entrar quando uma voz suave cheia de apreensão o trouxe de volta.

– Como ele está?

Guido desferiu um olhar carregado. Reparou Juliana vestindo uma calça jeans da moda e uma blusa branca estampada com a cara de alguma boneca de desenho animado que ele não identificou. Os sapatos de salto alto combinavam com a cor preta do cinto. A maquiagem escura e pesada contribuía para enaltecer sua beleza.

– Está bem, bem bêbado – respondeu severamente Guido, que já sabia do caso de Bolão com a prostituta. – Você deveria se afastar dele!

Guido usava seu senso prático. Não queria contato com alguém, que, independente do que fazia, dragava a vida de seu amigo.

– Eu gosto muito dele, por mais que seja difícil de acreditar.

– Gosta do dinheiro dele. Quero ver quando acabar – resmungou.

Ela fingiu não ter ouvido e cutucou levemente seu braço.

– Entende uma coisa. Eu nunca me afastarei dele.

Guido fez questão de não entender. Virou-se sem se despedir e sem notar a amargura que se instaurou no rosto dela.

Dias como aquele estavam se tornando mais comuns.

Num domingo ensolarado de primavera com temperatura fora do comum que beirava os quarenta graus, Vítor Bolão acordou descabelado com o olhar furioso de Guido em cima dele.

– Precisamos ter uma conversa. Estou indo embora – pronunciou num tom forte com a intenção de não demonstrar seu blefe.

Vítor Bolão tampou os ouvidos com o travesseiro. Ultimamente costumava não dar a menor importância ao que Guido dizia.

– Vítor você está acabando com sua vida. Gastando todo seu dinheiro com jogos e bebidas, além de encher a Juliana de presentes. O que está acontecendo com você, meu amigo?

O corpo gorducho explodiu soltando faíscas para tudo que é lado.

– Só não quero ser nunca como você. Cara que não goza a vida, nunca se diverte. Fica juntando dinheiro somente para cumprir uma promessa maluca que fez com o pai falecido. Virgem com 25 anos. Sabe o que o pessoal fala de você? Dizem por aí que você é um frutinha. Sabe o que isso quer dizer? *Gay!*

Guido se deparou com Vítor Bolão coberto de ira. Nunca tinha visto seu amigo tão alterado. Todavia, não podia fraquejar.

– Desaprovar o comportamento uma pessoa não significa que você não gosta ou não deseja verdadeiramente o bem dela. Sua vida

pregressa está acabando com o seu trabalho, com sua saúde e com sua vida. Você não enxerga? Como pode ser tão cego!

Vítor Bolão desabafava cada vez mais alto.

– Você desaprova minha maneira de viver, meus drinques, minha aparência, minha conversa. Você não é mais meu amigo. Só pensa em juntar dinheiro para a droga da viagem. Quase nunca nos divertimos juntos. Cansei de você. Vá embora mesmo! Deixe-me sozinho!

Naquele momento Guido teve a sensação de estar olhando para uma pessoa estranha. Meditou por alguns segundos. Era o dilema entre seguir o seu caminho que agora contava com o dinheiro para a tão sonhada viagem ou ficar tentando ajustar a vida de seu amigo.

– Amanhã deixarei esse lugar – Guido pronunciou as palavras firme e decidido.

Vítor Bolão encarava-o com ar de desconfiança. Aos poucos, foi percebendo pela expressão da face do amigo, que Guido não estava brincando. Precisava dar um passo para trás ou na pior das hipóteses teria de pagar os custos do aluguel sozinho.

O volume de sua voz foi diminuindo gradualmente.

– Deixa de onda. Eu vou parar com essas farras, eu juro.

– Você me promete isso há seis meses – Guido olhava desconfiado.

– Prometo que dessa vez vai ser diferente. Só estou curtindo um pouco a vida. Eu sei que às vezes passo da conta, mas eu vou mudar. acredite em mim!

– Última chance, ou você melhora ou vou embora.

– Pode deixar. Você não vai se arrepender.

Guido se deu por vencido. Pela décima vez acreditaria na palavra dele. Vítor Bolão era seu amigo de infância que passava por um momento complicado e que precisava de ajuda.

Vítor Bolão mudou logo de assunto para o bem de sua cabeça inchada. Se não fizesse isso, Guido repetiria e repetiria as mesmas palavras, como se aquelas repetições surtisses algum efeito nele. Procurou uma conversa capaz de mudar o ambiente pesado.

– Como está o Projeto Canguru? – Perguntou derramando uma garrafa de água pela boca.

Guido abriu um largo sorriso com os olhos brilhando. Nem parecia que há uns cinco minutos estava aborrecido.

– Sabe em que andei pensando?

– Não. No quê?

– Vou morar na Austrália.

– Você deve estar brincando. Você não conhece ninguém lá. Vai morar onde?

– Sei lá, depois eu me viro.

– E quanto ainda falta de dinheiro?

– Pelo o que eu andei vendo, passagem, hospedagem, despesas para uns quinze dias, eu já tenho o suficiente.

– Cara, você já conseguiu juntar todo esse valor? Também você não gasta com quase nada, só com alguns livros e nada mais. Vítor Bolão se controlava para não criticá-lo como fizera minutos atrás.

Guido abriu o livro de capa azul e mostrou a imagem de um teatro que ficava à beira do mar.

– Essa é a Sidney Opera House – pronunciou orgulhoso.

– Cara, é lindo! Parece uma nave. Sabe aquela da Liga da Justiça – um sorriso brotava do rosto de Bolão.

– Já aprendi várias expressões em inglês num livro para marinheiros de primeira viagem. Você sabia que tenho treinado com o James?

– James? Aquele escocês esperto que me garfou quarenta pratos no carteadado no fim de semana passado?

– Sim, nos poucos minutos do dia que ele está sóbrio, tento conversar com ele.

– Persistente do jeito que você é, não duvido mais que você vá para a Austrália. Se você for morar lá, quem sabe um dia eu vá te visitar.

– Seria um enorme prazer.

– Agora que tal darmos uma volta para ver se essa ressaca larga do meu pé? Como está o dia lá fora?

A janela estava tão suja, que, se não fosse pelo relógio, não saberiam se era dia ou noite.

– Dia mais lindo impossível. Só me faça o favor de não me aparecer com aquela sua bermuda laranja – sugeriu Guido,

caçoando do amigo.

Durante os próximos vinte dias, Vítor não colocou uma gota de álcool na boca. Continuava a jogar cartas ao chegar do trabalho. Parecia até que Juliana estava se evaporando da sua cabeça. O voto de confiança de Guido parecia surtir efeito.

Foi então que um dia Guido acordou não vendo seu amigo na cama ao lado. Tentando não se preocupar, aprontou-se para o trabalho. Vítor Bolão estaria lá. Mesmo nos piores dias nunca havia faltado, pensou. Grande foi a sua decepção. Pela primeira vez em três anos, Bolão não apareceu. As três semanas de trégua pareciam ter chegado ao fim. Precisou dar algumas explicações quando indagado sobre a ausência do amigo.

– Amanhã ele estará aqui. Foi apenas uma indisposição – tentou explicar Guido ao chefe.

Seguindo a rotina, após o batente pegou o ônibus e estava a caminho da hospedaria Pink and Blue. No fundo desejava regressar para ver em bom estado aquele que, apesar de tudo, era seu melhor amigo. Talvez fosse apenas uma recaída, dizia para si mesmo. No trajeto refletiu um pouco sobre sua própria vida. No fundo Vítor Bolão tinha razão quando insistia em falar que ele não se divertia. Após a viagem à Austrália, morando lá ou não, passaria a ouvir o seu amigo aproveitando um pouco mais a vida. Já passara da hora de arrumar uma namorada.

Guido entrou apressado sem notar que haviam trocado, naquela tarde, a porta da hospedaria enferrujada e pichada por uma de alumínio bem mais em conta. Administrou a ansiedade até alcançar o quarto 08. Amedrontado ao pé da porta teve dificuldade em respirar. Permaneceu parado como uma árvore cortada. Pensou em furto, porém sua mala se encontrava intacta. Não existia nenhum sinal do Vítor Bolão, nem das suas coisas e ou da televisão.

Trêmulo Guido temeu pelo que pudesse ter acontecido com Bolão. Procurou se convencer de que se tratava de um grande mal-entendido e que seu amigo em breve apareceria com uma boa explicação. Quando pôde, buscou ver o lado bom das coisas. Talvez fosse a deixa de que precisava para botar o seu plano em prática e finalmente ir para a Austrália.

Visitou as águas de Frankenstein. Comeu demoradamente alguns biscoitos de maisena, sentindo-se triste por dormir sozinho. Coberto de apatia, preparou lentamente a cama. Deitou-se e, antes que pudesse adormecer, alguma coisa arranhou seu pescoço. Tateou e encontrou ao lado do travesseiro a única coisa deixada por Vítor Bolão, um envelope branco.

Capítulo 13

Guido pegou o envelope, presumindo conter alguma explicação para a fuga do amigo.

Curvado na cama, demorou um pouco para abri-lo, pois esquematizava em sua mente o que precisaria fazer a partir de agora. Passagens. Tentaria comprá-las no dia seguinte. Passaporte. Providenciaria sem delonga o visto australiano, tarefa que considerava a mais trabalhosa. Hospedagem. Poderia ser reservada no mesmo lugar onde compraria as passagens. Tomara uma decisão. Em vez de se radicar na Austrália, cumpriria somente a promessa e voltaria a morar e trabalhar na capital. Comunicaria à senhora apavorante da hospedaria que se mudaria de lá. Visitaria finalmente sua tia.

Sua cabeça foi sendo inundada por uma energia nova. Viveria sua vida com mais intensidade, como seu amigo sumido sempre lhe sugerira. Estava na hora de traçar novos planos para sua vida. Parecia que o desaparecimento de Vítor Bolão e todos os acontecimentos dos últimos meses tinham sido colocados de lado em prol do seu objetivo de vida, melhor, da vida de duas pessoas. A dele e a do pai. Sua vida, de alguma forma, se encontrava presa àquela promessa, assim como sua felicidade.

Quando interrompeu o devaneio, abriu o envelope e retirou dele uma folha de papel cuidadosamente. Nos trinta primeiros segundos, mesmo conhecendo a letra do amigo, Guido teve imensa dificuldade em entender os garranchos de Vítor Bolão, que se gabava de ter letra de médico. Nos outros trinta segundos, leu com incredulidade o conteúdo do bilhete.

Meu querido amigo. Você é daquela espécie de pessoa honesta, crédula e honrada, que infelizmente pode ser enganada por qualquer vagabundo. É assim que me sinto,

um tremendo vagabundo. Tentei com todas as minhas forças evitar tudo aquilo que você sempre disse que não prestava. Bebidas, jogos e prostitutas. Fiz muita besteira. Acabei fazendo dívidas com pessoas perigosas com quem, graças a Deus, você nunca teve contato. Minha vida e a de Juliana estão em risco. Estamos fugindo, não sabemos ainda para onde.

Agora vem o pior, nem sei como lhe contar. Precisei pegar o dinheiro que você estava guardando para a sua viagem. Só Deus sabe a minha imensa vergonha, mas prometo que pagarei com juros tudo o que peguei de você sem pedir.

Sinceramente espero que um dia você me perdoe.

Pela primeira vez na vida Guido se sentiu no inferno. Solitário e sem dinheiro, roubado pelo seu melhor amigo, indigno da promessa que fez ao pai. Sem futuro. Sem esperanças. Sentiu muita raiva de Vítor Bolão, esmurrou a parede algumas vezes, infligindo danos aos seus próprios punhos. Sentindo-se impotente, sem nenhuma ideia de como encontrar Bolão, deixou sua ira de lado por um instante e passou os próximos minutos pensando em quanto mais precisaria trabalhar para estar novamente em condições de honrar a promessa. Suas mãos tremiam. Seu estômago doía. Agora entendia a dor que seu pai sentia quando ficava angustiado.

Contava somente com mais seis dias de hospedagem já paga e alguns tostões no bolso que não davam para muita coisa. Posso pedir um adiantamento no salário para começar tudo de novo, pensou desolado.

Acomodou-se num canto do quarto, fez uma prece e chorou, suas emoções estavam num grau muito acentuado. Decidiu que não contaria nada para sua tia. Precisaria agora de um novo plano para sua vida. Um plano B que sequer existia.

Capítulo 14

– Você está achando que é quem? Estou aqui nesta fila desde a madrugada e, nem que você fosse a rainha da Inglaterra eu te deixaria passar!

Naquele instante Guido compreendeu a razão daquele mundo de gente. A fila estendia-se até o fim da rua e em pouco tempo contornava a esquina. Pediu desculpas, deu meia-volta, agarrou firme sua mala encardida e se conduziu ao final da fila que não parava de esticar. Deu uma breve olhada no relógio de pulso. Quatro da tarde.

Estava inquieto. Se não arranjasse aquele emprego, onde passaria aquela e as outras noites por vir? O pouco dinheiro que tinha havia acabado. Guido estava longe, tão longe de arrumar um novo emprego quanto a Austrália do Brasil.

As lambanças de Vítor Bolão respingaram também na sua imagem. Teve sua reputação contestada pelos amigos de trabalho, por não os alertarem acerca das tramoias de seu amigo de quarto. Vítor Bolão engabelara até o engenheiro chefe do canteiro de obras. Guido acabou sendo dispensado por justa causa que de justa não tinha nada.

Lembrou que ainda buscou uma justificativa para a dispensa, e a única coisa que ouviu foi:

– Desculpe, mas ninguém deseja trabalhar com alguém considerado trapaceiro.

– Mas eu não enganei ninguém! Ele sumiu com todo o meu dinheiro também, acredite!

– Não posso fazer nada.

Guido tentou ainda argumentar, mas de nada adiantou. Na sala dos funcionários vazia, cobriu os olhos com as duas mãos após recolher seus pertences. Sua saída foi ligeira. Não houve consolo. Da

forma que ocorreu, a demissão criou um obstáculo intransponível para Guido arrumar um outro emprego. Durante mais de três meses foi de canteiro em canteiro em busca de uma vaga. A justa causa registrada em sua carteira de trabalho afastava qualquer possibilidade de admissão. Esperou na fila por duas horas até receber mais uma recusa.

Com a noite chegando, sem ter mais uma vez para onde ir, passou a sentir vergonha de si mesmo.

Sua barriga roncava.

Andou de esquina em esquina até que parou na calçada em frente a uma banca de jornal que parecia fechada há tempos. Tentou se acalmar. Deu uma olhada ao redor e reparou nas pessoas voltando do trabalho para suas casas. Nesse momento, como durante os três meses que se encontrava vagando pelas ruas, Guido minguava à fome, desesperado por comida e por trabalho. Descansou decidindo dormir daquela noite em diante sob o teto da banca de jornal. Considerava o lugar bem melhor do que o viaduto barulhento e fétido dos últimos dias.

Com um vento quente batendo em seu rosto, deitou sua cabeça na mala encostada na banca de jornal abandonada. Ficou virado para a rua pensando em como tudo aquilo tinha acontecido tão depressa.

Guido não conseguia mais ficar cansado. Anoitecendo rapidamente, poucas pessoas passavam e o barulho ao longo do dia havia cessado. Ouvia-se apenas o ruído de alguns carros. Desviando-se das luzes da cidade, virou de barriga para cima e passou a apreciar a bela noite isenta de nuvens, que o remeteu a Esperança do Leste. Teve vontade de ser criança novamente, de pegar sua bicicleta e sair pedalando sem rumo e sem hora. Sua alma foi ficando mais leve à medida que dizia baixinho:

– Pai, olha que céu lindo, eu conto as da direita e você as da esquerda.

Era como se o pai estivesse ali, contemplando com ele as estrelas. Jurou que ainda cumpriria a promessa, que sobreviveria a todas as provações. Visitaria a terra do canguru.

Quando o primeiro raio de sol bateu em seu rosto, levantou-se rapidamente, bateu em vão com as mãos em suas roupas para tirar a sujeira. Por mais que tentasse, a sujeira se tornara parte de suas surradas vestimentas. Estava magro e barbudo. Sem perceber, teve seu relógio furtado durante a noite. Não sabia que horas eram. Estava com muita fome, imundo e sem dinheiro, num contínuo estado de esgotamento.

Ficou naquela situação por mais nove dias, andando pela cidade, maltrapilho, se alimentando de sobras que pessoas deixavam em lanchonetes ou vasculhando lixos. Voltando sempre para dormir na banca que o protegia nos dias e noites chuvosos.

Certo dia, ao voltar, encontrou uma maleta elegante encravada debaixo da banca. Achou tudo muito estranho. Quem em sã consciência esconderia uma requintada maleta ali? O que será que ela traria em seu interior? Perguntas transbordavam de sua mente. Hesitou por um momento ao se aproximar da mala. Depois de quase meia hora, não vendo nem um sinal do verdadeiro dono, tomou a decisão de abri-la. Se soubesse pelo menos quem era o proprietário, poderia tentar devolvê-la.

Chegou um pouco para o lado buscando ser atingido pela luz amarelada que saía da lâmpada do poste. Segurou firme a mala com as duas mãos, sentado na calçada morna, e a abriu sem dificuldades.

Seus olhos arregalaram-se. Dentro da pequena mala refinada tinha bolos e mais bolos de dinheiro. Ao observar o conteúdo, Guido teve a certeza que nunca tinha visto tanto dinheiro junto na sua frente. Pronto: minha vida está resolvida, vou sair da situação deplorável em que me encontro, pensou.

No entanto, tal ideia o assustava. Suava frio. Tudo o levava a crer que se tratava do fruto de algum roubo. Em sua infância havia aprendido que só deveríamos ficar com o que é nosso. Padre Nicolau cansou de dizer que Deus tudo vê, e que você pode esconder uma coisa errada de qualquer um, mas não de Deus.

Seu coração e a sua consciência mandavam devolver, mas sua mente e a falta de dignidade que andava experimentando naqueles dias mandavam permanecer com ela. Enquanto remexia procurando

alguma identificação, disse a si mesmo que não ficaria com nem um centavo sequer. Abafava assim a outra voz que o incitava a ficar com o conteúdo da mala.

Continuou revirando o conteúdo da mala o mais discreta e cuidadosamente possível. Ansiava encontrar algum nome, endereço, qualquer coisa que identificasse o verdadeiro dono. Talvez ganhasse alguma coisa por entregá-la ao seu proprietário. Isso não seria errado. Entretanto, nada encontrou.

Então fechou a mala e tomou a decisão de entregá-la para a polícia, com todo seu conteúdo, sem tirar uma única nota. Enfim sua mente e seu coração haviam chegado a um consenso.

Guido foi andando pela calçada vagarosamente, fazendo questão de zelar pela maleta endinheirada. A delegacia não ficava longe, bastava ter cuidado e não chamar a atenção de gente indesejada. Contudo, como se a sua intenção de entregar a maleta estivesse circulando no ar, uma viatura que passava a segunda marcha estacionou ao seu lado.

Antes que Guido conseguisse abrir a boca, desceu um policial de quase dois metros e lhe deu uma bofetada no lado esquerdo do rosto. Outro policial magrinho desceu em seguida. Guido caiu de joelhos tentando se defender da perna que vinha em sua direção. Não conseguiu evitar que um chute achatasse sua costela.

Lutava em se levantar, mas só conseguiu ficar sentado.

Gotas de sangue pingavam de seu nariz.

Pessoas passavam próximo, mas tratavam rapidamente de se afastar.

– Que mala bonita é essa aí? Ela não combina com um cara em frangalhos como você. Vai se explicando. Roubou de quem? – disse o bandido fortão travestido de policial. Guido estava tão atordoado que não conseguia ver as faces que trepidavam em sua frente.

– Fala logo, vagabundo, quer ir preso? – ordenou o magro.

Guido contorcia-se. Fez uma força descomunal para dar a resposta.

– Alguém a deixou embaixo da banca onde estou vivendo – respirava com dificuldade. – Eu estava indo agora mesmo na delegacia para entregar...

Um pontapé no estômago deitava-o novamente no chão, ao mesmo tempo em que o policial magro abria a pequena mala e dava um assobio sonoro.

– Olha o que temos aqui! Pedrão vem dar uma olhada nesse tesouro. Parece que encontramos a mala roubada do executivo.

Contemplaram a grana durante trinta segundos.

– Foi você quem roubou isso?

Guido, agora curvado com a cabeça no paralelepípedo da calçada, não conseguia responder, tamanha era a dor que sentia. Tomou mais um chute no rosto, dessa vez permanecendo prostrado no chão imundo.

– Vamos levá-lo para a prisão.

– Está maluco? Perdeu o juízo? – censurou o policial grandão. – Não podemos levá-lo.

– Por quê?

– Se o levarmos teremos de mostrar o que ele roubou. Você não quer isso, quer?

– Claro que não. Tenho família para cuidar – disse esfregando uma mão na outra o magricela.

– Então, vamos dar mais uns safanões nesse infeliz. Deixaremos ele tão impossibilitado que nem vai lembrar que um dia viu essa mala.

Os dois trataram de machucá-lo bastante, antes de deixarem o local com a pequena mala agora roubada.

Guido só abriu os olhos na tarde do dia seguinte. Nem o sol quente ao longo do dia foi capaz de reavivá-lo. Passou poucos minutos acordado, voltando a apagar logo em seguida.

Pessoas passavam fazendo cara de desaprovação. Uma mãe inclusive apontou para ele buscando dar uma lição de moral para seu filho adolescente.

– É assim que você vai ficar se continuar bebendo.

Chegaram até a chamar a polícia para tirar aquele homem ensanguentado e com roupas rasgadas da calçada. Por alguma razão que só aquele homem estirado conhecia, a polícia não atendeu ao chamado.

Durante a segunda noite, Guido rastejou uns quarenta metros até a banca de jornal. Seus gemidos eram o que, de vez em quando, o lembravam que ainda estava vivo. Conseguia sentir apenas sede. Muita sede por sinal. O sol chegou sem força pela manhã, mas dessa vez pôde ser sentido. Não pela pele machucada de Guido, mas por outra pessoa que o acudiria.

Capítulo 15

Guido não acordou por dois dias.

Até que na manhã de terça-feira, passos pararam perto dele. Surgia a primeira luz e com ela um homem de pele amarronzada, cabeça grande e pernas largas. Tinha o cabelo preto cheio de mechas penteado para trás deixando a grande testa a mostra. Não era muito alto, mas também não era baixo e vestia uma camisa para dentro de uma calça jeans surrada. Parecia compreender tudo o que havia acontecido. Precisou de três tentativas até acordá-lo com um cutucão nas costelas, o que o fez ranger os dentes.

Olhando para Guido pensou que nunca tinha visto alguém tão destroçado.

– Você consegue se levantar?

Guido acordara e recordava o que tinha acontecido. Lutava para se levantar. Recebeu uma ajuda amiga e com dificuldade ficou de pé.

– Com fome, meu amigo?

Fez que sim só com a cabeça. Sua fome era feroz, não maior do que a colossal sede que o acometia. Seus olhos ainda lutavam para permanecer abertos. Acabou tropeçando e encontrando novamente o chão. Contudo dessa vez conseguiu se reerguer sozinho.

– Nadilson. Nadir com Wilson, entende? – apresentou-se o homem sorrindo.

Guido, não encontrava alento para sorrir.

– Vamos, vou te levar para alguém que vai ajudar a cuidar desses ferimentos. Poderemos comer algo por lá também.

Sem muitas opções, igual a um cachorro faminto, Guido apenas seguiu o homem de cabeça grande que lhe oferecera ajuda. Caminharam por mais de uma hora em silêncio. Na verdade Guido se arrastava. Desorientado, teve a impressão que chegavam a um

circo ou coisa parecida. Seu rosto inchado o impedia de reparar nos detalhes.

A temperatura beirava os trinta graus.

Foram recebidos por uma mulher exótica, na faixa dos 60 anos, que por sete dias cuidaria dele com afinco.

– Provavelmente policiais pegaram ele.

– Bandidos, você quer dizer?

– Exatamente.

– Cuida dele para mim?

– Claro. Deixa comigo.

Foram às últimas palavras que Guido ouviu antes de desabar no chão de terra batida.

Durante aquele tempo, foi aquela mulher de pele enrugada a única pessoa que ele viu enquanto ficava deitado numa cama estreita dentro da tenda alaranjada. Depois de um dia inteiro, acordou e reparou que não estava mais sujo. Ela trocava o curativo de seu rosto duas vezes ao dia. Guido ainda mal conseguia levantar de tanta dor. Por um momento, lembrava-se de ter conversado com ela. Talvez em sonhos. Tomava uns comprimidos. Sim. Alguém a chamou de Mama e com certeza ela tinha um sotaque engraçado. Agora mais lúcido, teve a certeza de que estava numa espécie de circo.

Depois do sétimo dia, ainda sentido dores, Guido observava atentamente o rapaz que o havia salvado conversando com a Mama. Viu-o tirando alguma coisa do bolso e entregando à mulher. Andou alguns passos em direção a eles.

– Melhor, meu camarada? – disse o homem com um sorriso vistoso.

– Sim. Muito obrigado. Nem sei como lhe agradecer.

– Não precisa. Já está em condição de caminhar?

Guido disse que sim apesar de ainda demonstrar dor.

– Vamos, quero que conheça algumas pessoas. Você pode ficar lá com a gente por um tempo se quiser.

Andaram por mais de quarenta minutos até começarem a subir uma ladeira bem íngreme e repleta de curvas que suscitavam em

Guido dores intermitentes. Entretanto, ia sentindo-se melhor com o passar do tempo.

Pelo trajeto, foi contando a sua história.

– Você deve odiar esse tal de Bolão, não?

– Não odeio não.

– Essa tal de Austrália deve ser uma gata para você nunca desistir dela.

Guido deu apenas um sorriso. É, realmente, ele não tinha entendido o lance da Austrália.

Por instante ficaram calados.

Foram andando até chegarem ao alto de um morro de onde se podia observar quase toda a cidade.

Os dois colocaram as mãos na cintura, completamente ofegantes. Guido gravou com cuidado o nome da rua. Ladeira da Subida. Achou engraçado.

Pararam em frente a um portão de madeira caindo de velhice. O Casarão era a antepenúltima casa e misturava-se àquela paisagem verdejante com árvores se enfileirando por detrás. Era grande, velho e até certo ponto sombrio de tão acabado. Devia haver décadas que não recebera qualquer tipo de tinta. Paredes descascando, portas e janelas lascadas e telhas esburacadas contribuíam para a sua imagem de degradação. Guido teve dificuldade em escolher qual era o imóvel de pior aparência, se o Casarão na Ladeira da Subida ou a Hospedaria Pink and Blue na Zona Portuária.

– Olha. Esta é a nossa casa – disse o homem de cabeça grande orgulhoso. – Aqui moramos eu, minha esposa e minha irmã mais nova. Você pode ficar aqui desde que ajude com alguma coisa.

Guido olhava atento, como uma criança perdida. Balançou a cabeça concordando.

– Somos artistas de circo e fazemos apresentações nos sinais de trânsito. Você com certeza já deve ter visto.

Guido novamente fez que sim com a cabeça.

Antes que os dois pudessem entrar, Guido o interpelou.

– Nadilson, eu posso lhe fazer uma pergunta?

– Claro.

– Por que você está me ajudando?

– Digamos que acredite em destino.

– Destino? Não estou entendendo.

– Vou lhe explicar. Quando eu era garoto, minha mãe de sangue já não era mais viva e meu pai um bêbado irrecuperável. De tanto ele me bater, fugi de casa. Passei mais de um ano morando nas ruas, passei por situações que você nem imagina. Talvez até imagine – corrigiu-se. – Certo dia estava chovendo muito, eu me encontrava fraco e com muita febre deitado bem embaixo daquela banca de jornal. Uma moça então chegou sem falar nada e simplesmente me carregou no colo e me tirou dali. Ela me levou para o circo e cuidou de mim como um filho. Anos mais tarde, fez questão de adotar a mim e a Clarinha, que considero hoje minha irmã. Ficamos no circo até uns três anos atrás quando nossa mãe adotiva morreu. Ela viveu a vida inteira no circo, contudo, por segurança, juntou um dinheiro e comprou essa casa velha que você está vendo.

– Que história bonita. Mas eu não sou nenhuma criança.

– É verdade, tive um pouco de medo quando te observei em frangalhos estirado na calçada. Mas algo em mim dizia que se tratava de uma pessoa boa, um batalhador e eu segui o recado. Minha irmã diz que tenho o dom de atrair pessoas boas. Para completar, fazia mais de cinco anos que não passava por aquela rua e, quando vi você deitado na banca de jornal, sabia que era um sinal.

– Um sinal para quê?

– Para entrar em contato contigo e te ajudar.

Guido ainda estava fraco e não pôde segurar as lágrimas.

– Você não vai se arrepender – disse Guido, agora se sentindo cheio de vida novamente. Depois de mais de três meses, voltara a ter alguém com quem conversar.

– Quem é aquela senhora que cuidou de mim no circo?

– É a Mama, uma cigana que mora lá há muito tempo.

– Preciso retribuir-lhe de alguma forma todo o carinho que recebi.

– Você terá oportunidade para isso, não se preocupe.

Nadilson conteve o sorriso, guardando-o para o que diria em seguida.

– Dizem que ela lê o futuro, sabe, usando a palma da mão das pessoas.

– Sério? Fui acostumado a não acreditar nessas coisas.

– Inclusive a Mama leu a sua enquanto esteve lá. Nadilson jogou a isca.

– E o que ela disse? – perguntou Guido curioso.

– Que você precisava passar um hidratante, pois suas mãos estavam muito secas.

Os dois choravam de rir enquanto uma mulher os espiava pela janela.

– Vamos que vou te apresentar a Clélia, minha esposa. Ela é ótima, só pega um pouco no meu pé.

– Nadi, quem é esse caipira aí? – a mulher pensou em acrescentar “bobalhão” ao “caipira”, mas se conteve.

– Um amigo malabarista dos bons, que vai passar um tempo aqui conosco.

Emburrada, ela mirou para Guido de cima abaixo, não fazendo a mínima questão de controlar sua língua afiada.

– Isso não tem cara de malabarista nem aqui nem principalmente na China.

– Essa minha baixinha!

Clélia era uma mulher baixa, pele branca, de cabelos e sobrancelhas castanhos escuros, nariz largo. Notava-se quase que instantaneamente que seus familiares eram portugueses. Sua voz forte e rouca não deixava dúvida sobre quem mandava no pedaço. Trabalhara na administração do circo e, apaixonada por Nadilson, resolvera viver ao lado dele.

Antes mesmo de entrar, Guido não tardou em perceber que todo o Casarão precisava urgentemente de reparos. Por dentro, traços de umidade podiam ser vistos por quase todo o teto, mostrando que quando chovia entrava água pelo telhado. O chão que percorria a sala e os demais cômodos, bem como toda a mobília, eram tão antigos e malconservados que não guardavam nenhum sinal de verniz. A sala ampla e arejada consistia em um sofá, duas cadeiras de madeira e um suporte de ferro pintado de preto pendurado na parede, onde ficava a televisão. Se não fosse

pela umidade que se infiltrava, as paredes seriam decoradas pelos belos quadros e ornamentos que descansavam atrás do sofá. Dois eram os banheiros. Um interditado. Ao longo do vasto corredor, quatro portas, todas cheias de remendo, indicavam os quatro quartos da casa. Na medida do possível, tudo era bem organizado apesar de bastante antigo.

Guido colocou suas coisas no quarto ventilado no fim do corredor perto da porta lateral que dava para a calçada. No interior do cômodo havia uma cama e um armário que, de tão velhos, lembravam o tempo do império.

Em seguida Nadilson mostrou a cozinha, que tinha uma geladeira e um fogão talvez da época de quando seu pai nascera. Guido pôde devorar dois pães com manteiga e mortadela, além de detonar uma jarra de refresco de caju. Com todos os percalços, comida nunca faltava no Casarão. Enquanto o dia passava, Nadilson ia ensinando como as coisas funcionavam. Por volta das quatro da tarde, Clélia interrompeu a conversa.

– Avisa para o caipira que precisamos encontrar a Clarinha e começar a trabalhar. Já passa das quatro e meia e não podemos perder a hora do rush.

Prosseguiu num tom um pouco mais baixo, mas fazendo questão de que todos ouvissem.

– Tempo é dinheiro. Ainda mais agora com mais essa boca grande.

A tarde seguiu o seu curso enquanto eles desciam a ladeira. Guido estava revigorado. As dores simplesmente tinham sumido.

Capítulo 16

Nadilson era o malabarista, Clarinha a acrobata e Clélia, pobre dela, era a fadinha que passava com um chapéu recolhendo o dinheiro que os motoristas, quando não estressados, acabavam cedendo.

Clélia vestia um conjunto rosa, cheio de detalhes prateados e com duas asas saindo pelas costas. Chegava a ser hilária, o que talvez fosse justamente sua intenção. Nadilson usava uma calça azul larga com suspensório e uma blusa sem mangas branca. Trazia na mão três pinos de madeira pintados de azul que usava em seu número.

Guido estava agitado.

– Nadilson, eu não sou malabarista.

– Eu sei, deixa comigo. Hoje vou dizer que você está com um probleminha no braço. Faz cara de dor, entende?

– Mas eu preciso ajudar de alguma forma. Posso vender balas – sugeriu.

– Sem chance – foi taxativo Nadilson. – Não desmerecendo os vendedores de balas, somos artistas, é isso o que sabemos fazer.

– Só quero ajudar.

– Paciência. Não faz nem um dia que nos conhecemos de verdade. Logo pensaremos em algo.

Guido só pôde concordar.

Chegando ao cruzamento onde os artistas já eram bem conhecidos, Guido petrificou.

Apatetado, contemplava uma garota jogando duas argolas para o alto, dando uma cambalhota e as pegando antes de tocarem o chão e de o semáforo mudar para verde.

Essa bela visão acelerou tanto as batidas do coração de Guido que seu cérebro esqueceu que ele precisava respirar. Retomado o

fôlego, parecia que seus problemas recentes nunca haviam existido. Guido havia conhecido poucas garotas antes de chegar à capital, mas, com 26 anos, jamais havia se apaixonado. Possivelmente porque a vida não estava lhe dando tempo ou porque ainda não tinha conseguido cumprir a promessa que fizera ao pai.

Clarinha era magra, olhos castanhos, pele cor de jambo, não se sabia se por sua cor natural ou pela sujeira das ruas. Os cabelos bem abaixo dos ombros nem balançavam de tão duros. Usava uma calça de lycra vermelha, uma camisa prateada cintilante e sapatilhas brancas que, de tão gastas, já quase deixavam os seus pés tocarem no chão.

Com o queixo caído, Guido babava diante da graciosidade de Clarinha, que repetia os mesmos movimentos a cada intervalo: passava com as argolas entre a cabeça e as jogava para o alto, equilibrava-se nas pontas dos pés e depois completava o número recolhendo as argolas, tirando suspiros do público e de Guido. Quando o sinal tornava-se verde, ela se dirigia até a calçada e aguardava com tranquilidade o vermelho surgir para então recomeçar o formoso balé. Muitas das vezes os carros permaneciam com as janelas fechadas. Quando não ouvia algum sermão dizendo para ela estudar e que as ruas não eram lugar para crianças, recebia aplausos e os almejados tostões.

Por longos dois minutos seu mundo havia parado. Guido estava tão enfeitiçado que nem atentou para o tráfego lento e barulhento das ruas. Na hora do *rush*, era sempre assim, buzinas disparadas, motorista socando os volantes e palavras aborrecidas pulando pelas janelas. As luzes das ruas agora brilhavam sobre os carros enfileirados.

Guido sentia seu coração, seu fígado, seu estômago e qualquer outro órgão de seu corpo, querendo pular para fora. Bem que seu pai havia lhe dito que, quando isso acontecesse, provavelmente teria encontrado a sua cara-metade.

Focado em Clarinha, esquecera o propósito pelo qual estava ali. Foi quando ouviu um chamado alegre.

– Guido, venha conhecer minha irmã. Venha logo! – chamou Nadilson

Guido observou Clarinha e Clélia conversando num tom um pouco áspero, quase discutindo.

– Já não te disse para você trocar essa roupa suja quando fosse voltar de tarde? – disse Clélia.

– Eu sei, mas não quis voltar hoje.

– Você não quer voltar nunca ultimamente – Clélia não dava o braço a torcer.

– Nadilson, pede para sua mulher parar de encher um pouco meu saco – reivindicou Clarinha.

– Não estou enchendo o saco de jeito nenhum. É que quando a gente aparenta sujeira nos encaram como pedintes e não como artistas.

Clarinha finalmente se deu por vencida. Contra tão desconcertante raciocínio não tinha argumentos. Pegou uma camisa bordada que Clélia lhe havia trazido colocando-a por cima da suja. Retirou um miúdo estojo guardado em seu bolso e retocou a maquiagem. Após entendimento, Clélia se apressou em apresentar o mais novo amigo de Nadilson.

– Repara no bobão caipira que seu irmão está trazendo para morar conosco. É brincadeira? Ainda tem a cara de pau de falar que é malabarista.

Clarinha foi caminhando passo a passo, deslizando pela calçada, rindo e concordando com o que acabara de ouvir.

Realmente muito engraçado. Que corte de cabelo é esse? Olhos bonitos. Gostei. Agora a roupa, fala sério! Horrível! Que unhas de Zé do Caixão são essas? Examinou o desconhecido de cabo a rabo.

– Você é que é o novo amigo do meu irmão?

Guido estava pálido e com os lábios colados.

– Rapaz, viu um fantasma? – Nadilson sorria.

Ele precisava falar alguma coisa, senão Clarinha o taxaria de bobão. Se já não o fizera.

– Sim. Quero dizer, não. Não vi um fantasma. Mas sim, sou amigo do seu irmão. Me chamo Guido.

Ela ria. Todos riam, até Guido, que suava frio.

– Então, Guido, o que você faz na vida?

– Trabalho de... malabarista – corrigiu-se no meio do caminho, ao se lembrar do acordo com Nadilson.

Clarinha não conteve as gargalhadas.

– Malabarista? Você? Do jeito que está vestido, me dá dois minutos que te pinto de palhaço.

A descontração era geral.

Mesmo com toda a algazarra e sendo o foco das piadas, Guido se encantava cada vez mais.

– Então ele pode ser o nosso palhaço – disse Clélia tirando um sarro de Guido.

A imaginação de Nadilson começava a se manifestar. Surgiu em sua mente a ideia de que Guido poderia ser uma espécie de mágico caipira. Bastaria lhe ensinar alguns truques. Mas decidiu não falar nada por enquanto.

– Vamos trabalhar, que tempo é dinheiro – decretou o malabarista.

– Boa ideia – concordaram as duas mulheres.

De alguma forma, o novo amigo tirado da imundícia das ruas há menos de duas semanas estava lhes fazendo bem. Clélia notou um renovado entusiasmo brotar do peito do marido.

Nadilson, por sua vez, se sentia mais tranquilo. Ao que tudo indicava, Guido já havia sido aceito pelo bando.

Recomeçaram então o espetáculo, pois o fluxo dos carros aumentara muito e trouxera com ele o barulho das buzinas, as luzes dos faróis e a poluição dos escapamentos.

Guido admirava tudo, recostado no poste que sustentava o semáforo. Considerava um trabalho honroso o daquela família que vivia com o que o destino lhe reservara. A arte circense e a arte de trabalharem juntos para vencer todas as adversidades. Claro que seus olhos se concentravam em Clarinha. Parecia-lhe ainda difícil crer que sua vida começava a mudar de forma tão rápida e estranha, como num passe de mágica.

Guido precisou de pouco menos de uma semana para entender completamente a maneira como eles viviam.

Como exigia a rotina, saíam cedo de casa para pegar as pessoas rumando em direção ao trabalho. O engarrafamento era uma grande

oportunidade para se apresentarem. Em compensação, o humor ácido das pessoas naquela hora do dia não cooperava muito. Fazia chuva ou sol, ficavam das sete às onze da manhã. Depois regressavam para casa, almoçavam e descansavam. Geralmente no começo da tarde praticavam um pouco, pois sabiam que todas as suas habilidades dependiam dos treinos. Em seguida voltavam novamente para as ruas, por volta das quatro e meia da tarde encontrando o fluxo de volta dos carros, que nessa hora do dia beirava o insuportável. Parecia que os motoristas estavam com as duas mãos coladas na buzina. Retornavam por volta das oito da noite. Preparavam um lanche para em seguida descansarem no sofá na frente da televisão. Usavam os sábados e domingos para se divertirem um pouco, mas sem nunca deixar de lado o treinamento metódico.

Numa noite, após todos aparentemente terem dormido, Guido saiu sem chamar a atenção. Seu quarto lhe permitia uma saída tranquila e imperceptível pela porta lateral. Mas teve uma doce surpresa ao se deparar com Clarinha sentada na calçada de paralelepípedos a contemplar a ladeira que, de tão íngreme, parecia uma daquelas quedas abruptas de montanha-russa. Guido congelou novamente. Tentou esgueirar-se, para não ser notado, mas foi tarde demais.

– Senta aí, caipira. Não precisa ter vergonha não. Eu não mordo – disse a moça sem cerimônias.

Ainda não havia passado das dez. O céu não estava estrelado. Nuvens cinzentas se movimentavam ao ritmo do vento forte que também balançava as árvores.

Guido sentou-se encabulado ao seu lado, preocupado em agir apropriadamente. Pensou tanto no que dizer que acabou falando sobre o tempo.

– Amanhã provavelmente teremos um dia ensolarado – disse sentindo-se patético.

– Não parece. Como você sabe? – perguntou Clarinha sem muito interesse.

– O vento está soprando para o norte e levará essas nuvens com ele – Guido falava no mesmo momento em que uma rajada de

vento desarrumava seus cabelos.

– De onde você veio lhe ensinaram essas coisas?

– Sim. O vento é sempre um fator importante.

– Você então não é malabarista, é? – indagou com um sorriso maroto.

Ele sentiu-se numa encruzilhada. Se falasse que não, Nadilson podia lhe matar. Se falasse que sim, estaria mentindo logo no primeiro encontro. Achou uma saída convincente.

– Muitas vezes na vida precisamos ser malabaristas.

Clarinha não se segurou, deixando um riso alto escapar.

– Agora sei que com certeza você não é. Fala o que você faz?

Os olhos dela penetravam seu coração de tal maneira, que, se ele tivesse um segredo de milhões de dólares, ela arrancaria.

– Nos últimos anos aprendi quase tudo relacionado a obras. Mas gosto mesmo de trabalhar com pedras. Preferencialmente mármores.

Clarinha mudou de assunto sem constrangimento.

– Nadilson disse que você foi trapaceado por um amigo.

– É, fui. Provavelmente você já deve saber dos detalhes.

– Sei sim. Chato, não é?

– Sim, no fundo Vítor Bolão podia ter conversado comigo e tentaríamos dar um jeito. De qualquer forma já faz parte do passado. Tive muita raiva, mas passou. Só posso esperar que ele esteja longe de problemas.

– Esteja longe de problemas? Eu queria mais que ele morresse. O cara rouba seu dinheiro, queima você no trabalho e acaba te jogando no meio da rua e você ainda tem piedade. Fala sério! – Clarinha mostrou-se indignada.

– Aprendi que se não posso desejar o bem para uma pessoa, então não desejo nada.

Clarinha simpatizava cada vez mais Guido. Pactuava com sua alma bondosa e honesta. Realmente seu irmão conseguia sempre separar o joio do trigo. Tinha essa espécie de dom, refletiu. Aos poucos ela foi se sentindo mais à vontade para conversar com aquele cara de gestos engraçados. Aflorava-lhe um desejo de contar sobre sua vida, sobre os seus sonhos.

– Faz oito meses que estou esperando uma resposta – disse ela.
– Uma resposta?
– É. Tenho um amigo que estuda e trabalha num circo em Montreal, no Canadá, que é considerado um dos melhores do mundo. Ele pediu para eu me inscrever em busca de uma bolsa de estudo nessa instituição. Caso eu fosse aceita, poderia juntar-me a ele.

– Que legal!

– Eu me inscrevi e estou esperando e juntando dinheiro para quando eu for aceita. É difícil para uma garota de 19 anos segurar tamanha ansiedade. Todos os dias eu abro a caixa dos correios para ver se tem alguma coisa para mim. Até agora nem sinal de resposta. Não posso negar que ando um pouco desanimada. De qualquer forma, se eu não conseguir, vou fazer faculdade de alguma coisa. Talvez algo relacionado com artes, sei lá.

Guido não piscava os olhos, fitando a moça encantadora à sua frente. Queria que aquela noite, mesmo cinzenta, nunca acabasse.

– E seus planos?

– Planos? Sim, quero ir para a Austrália. Já tinha o dinheiro quando aconteceu o lance com o Vítor Bolão.

Clarinha estava intrigada. Como um pedreiro do interior tinha planos para viajar para o outro lado do mundo, ainda mais agora duro que nem um coco, pensava.

– A terra dos cangurus?

– Sim, dos cangurus, aborígenes, tubarões... – confirmou Guido.

– Que legal, mas por que a Austrália? – perguntou Clarinha agora genuinamente interessada.

– Foi uma promessa que eu e meu pai fizemos. Que iríamos juntos até lá.

– Seu pai também está guardando dinheiro?

– Não, ele faleceu.

– Não entendo. Como vocês vão juntos então?

Guido retirou a foto, agora bem mais amassada, que carregava na carteira.

– Está vendo, vou levá-lo comigo até lá – disse deslizando a foto para as mãos de Clarinha.

– Seu pai era, mesmo com uma certa idade, um pecado de homem – disse olhando a foto descontraída.

Guido apenas sorriu. Talvez fosse um prelúdio. Se ela achava o peixe bonito, talvez também encontrasse alguma graça no peixinho, cogitou esperançoso.

Clarinha não conseguia negar a surpresa com tamanha determinação. Ela já tinha feito promessas antes, mas com facilidade sempre as esquecia.

– Se minha vida não tivesse saído dos trilhos, eu já poderia estar lá. Agora preciso remar tudo de novo.

Guido sentia-se solto, agora as palavras escorregavam de sua boca.

– Se tudo isso que passou não lhe fez mudar de ideia, nada mais vai fazer. A Austrália que te espere – disse Clarinha rindo. E completou: – Estou convencida que tudo na vida tem um porquê. Por alguma razão você precisou estar aqui conosco.

– Pode ser – respondeu o rapaz não muito convicto.

Seus olhos continuavam vidrados. Estava perdidamente apaixonado.

Clarinha expressava curiosidade. Nunca pensara numa viagem para tão longe.

– Você terminou o segundo grau?

– Sim, terminei.

– E não pretende estudar mais?

– Tento colocar um objetivo de cada vez. Primeiro a promessa. Faculdade, sim, ando traçando novo planos.

À medida que a noite passava, mais Clarinha se interessava por Guido. Ele, por sua vez, não tinha como se interessar mais.

As nuvens estavam dando lugar a uma bela noite.

– Bem que você tinha razão. Parece que amanhã teremos um dia ensolarado. Preciso ir dormir, vamos levantar cedo e tenho uma dificuldade enorme de acordar.

– Vou ficar mais uns minutinhos aqui.

– Não vá dormir muito tarde – Clarinha disse como despedida.

Porém, antes de entrar em casa, virou-se e disse sem nenhum embaraço:

– Ah, sim, obrigada por esse papo legal. Sonharei com a Austrália.

Ele sorriu. E disse bem baixinho.

– E eu estarei sonhando com você.

Guido ficou ainda alguns minutos meditando sobre os acontecimentos recentes de sua vida. Pouco tempo atrás estava jogado nas ruas e não conseguia ver um horizonte. Como as nuvens que estavam passando, tudo na vida era transitório. Ergueu os olhos para o firmamento. Sua vida não era muito diferente daquele céu.

Rezou baixinho.

Agradeceu por Nadilson.

Como seu pai dizia, fazer o bem nunca é demais. Uma boa ação havia lhe dado uma nova esperança de um amanhã bem melhor.

Parecia que de agora em diante as coisas voltariam a andar para a frente.

Levantou-se e foi em direção ao seu quarto bem mais espaçoso que o da hospedaria Pink and Blue e com uma cama bem mais confortável que o concreto da rua embaixo da banca de jornal.

Capítulo 17

Quando chegou ao EUA, Lucas morou algum tempo na casa da amiga de seu pai. No entanto, assim que entrou na universidade, mudou-se para o alojamento do campus. Num dos seus telefonemas, soube que seu pai havia assumido um relacionamento com uma antiga namorada e que eles não demorariam a se casar. O obstáculo havia sido mandando para estudar fora do país.

Durante os seis anos que cursou a faculdade de economia, Lucas fez questão de logo cortar o cordão umbilical. Apesar das dificuldades, havia se comprometido consigo mesmo a jamais pedir favores. Negar o dinheiro do pai foi uma forma disfarçada de mostrar que não precisava dele. No começo trabalhou num posto de gasolina e depois na lanchonete da universidade, onde conheceu Susie, uma dinamarquesa que de fria não tinha nada. Voltou ao Brasil apenas uma vez, muito a contragosto, justamente para o casamento do pai.

Estava agora com 23 anos, superentusiasmado e contente. Dentro de três dias estaria se formando e a festa de formatura prometia grandes emoções. Recentemente, em função de ter se destacado com notas expressivas, recebeu uma proposta de emprego de um grande banco de investimentos, sonho de qualquer recém-formado em sua área. Completando a equação, ele não sabia se isso era bom ou ruim, seu pai telefonara, comprometendo-se a aparecer para a formatura. Resistiu muito no começo, entretanto, como sempre respeitava os conselhos de Susie, decidiu oferecer uma nova chance a Milton e tentar assim se livrar de seus fantasmas.

Era quase consenso entre os garotos da universidade que Susie não era muito atraente, por isso ela era uma garota pouco cortejada. Loira e magricela, branca como algodão, passava

despercebida pelos olhos da maior parte dos outros garotos. Para Lucas, porém, ela era especial. Susie tinha o dom de ouvi-lo falar, mantendo-se em silêncio; fazia questão de deixá-lo escutar sua própria voz. Curtiam as mesmas músicas. Adoravam todos os tipos de esportes. E, principalmente, ela não estava nem aí para as manchas dele. Lucas sentia que ela gostava muito dele. Apesar de ter ficado com algumas garotas interessantes antes de ter se relacionado com ela, o que Lucas naquele momento específico desejava era uma garota com conteúdo, e isso Susie tinha de sobra.

Lucas tentava esconder a ansiedade que o consumia. Nem ligava se nos últimos seis anos haviam trocado apenas algumas frases curtas. No caminho até o aeroporto, calado, só respondia mexendo a cabeça às perguntas que Susie insistia em fazer. O voo 221 era esperado para as duas da tarde. O horário se aproximava e eles ainda lutavam para arrumar uma bendita vaga no estacionamento. Chegaram ao desembarque pontualmente às duas e passaram a observar passageiro a passageiro. Lucas fez as contas e concluiu que provavelmente naquele instante seu pai estaria recolhendo as malas na esteira, pois já passava das 2h15. Aflito, vivenciava uma sensação incontrolável, uma intensa vontade de encontrá-lo, de encontrar o homem responsável pelas feridas não cicatrizadas em sua alma. Não sabia ainda se para abraçá-lo ou xingá-lo.

Sua angústia aumentava a cada minuto, a cada passageiro que desembarcava.

– Susie, uma porção de gente já saiu desse voo e até agora nada dele. O desembarque é aqui mesmo?

– Calma, é assim mesmo. Ele deve estar na imigração. Você não sabe como é a imigração aqui?

Lucas sabia. Quando voltou do Brasil quase precisou ficar pelado ao passar pelo setor de imigração.

Passaram-se mais vinte minutos e Lucas perdeu o controle. Mais de duzentas pessoas, Lucas computara todas, haviam saído e nem sinal da presença de Milton. Caminhou até os guardas do aeroporto pedindo para entrar, para verificar se seu pai estava lá. Algo prontamente negado. Sem considerar as consequências, Lucas

desesperadamente desvencilhou-se dos guardas e pulou a corda que separava o local de desembarque do restante do aeroporto. Correu atemorizado para o setor de recolhimento de bagagens. Chegando lá, sem inspirar qualquer ar, olhou para todos os lados em busca do pai. Havia somente alguns comissários de bordo que atestaram que todos do voo 221 já haviam deixado o local. Lucas começou a sentir o ódio brotar no momento em que um guarda lhe deu uma gravata apertada trazendo-o de volta.

Susie conversava com os guardas buscando contornar a situação. Queriam prendê-lo de qualquer maneira. Depois de longos dez minutos, conseguiu com um jeitinho dinamarquês convencê-los do contrário. Foi ao encontro de Lucas e o abraçou ali mesmo no chão gelado do aeroporto movimentado. Carinhosamente passava as mãos em sua cabeça, pronunciando palavras que de tão serenas quase não podiam ser ouvidas.

– Acalma-se. Tudo vai ficar bem.

– Eu não vou me acalmar! – disse num tom áspero.

Lucas se levantou, andou por algum tempo pelo aeroporto sem ter ideia do que estava fazendo. Procurou um telefone e ligou para o Brasil. A secretária eletrônica atendeu com a seguinte mensagem: estamos nos divertindo em Cancún, deixe seu recado que em breve retornaremos. Lucas teve a impressão de que a secretária eletrônica ria da cara dele.

Limpou as lágrimas. E não chorou mais. Prometeu para si mesmo que jamais choraria por aquele infeliz e nem por pessoa alguma. Fez um sinal para Susie apontando para a saída.

– Vamos embora, aquele filho da puta infeliz não vem.

– Como? O que é filho da puta? – perguntou Susie desconcertada.

– Deixa pra lá.

Lucas ficou indiferente quando soube que naquele mesmo ano seu pai morreu de um infarto fulminante.

Prosperando, ganhando cada vez mais dinheiro, magoou Susie inúmeras vezes até que ela não suportou as constantes humilhações e acabou voltando para a Dinamarca. Ele continuou nos Estados Unidos, com febre por divertimentos e mulheres.

Capítulo 18

Durante mais de três semanas, Nadilson ensinou Guido todos os truques de mágica que conhecia. Guido treinou e treinou, de forma intensiva. No começo teve certa dificuldade, mas após duas semanas havia feito progressos. Fez inclusive uma apresentação para Clélia e Clarinha, que arrancou aplausos e até um beijo da musa no rosto.

Agora precisava apenas comprar uma cartola para fazer os números ficarem mais reais. Clélia não tardou em providenciar. Quanto mais cedo ele estivesse nas ruas, mais cedo entraria dinheiro novo para contribuir para pagar as contas da casa.

Após seis meses, Guido já ajudava nas despesas e começava a tocar o projeto de reforma do Casarão. A cada semana, uma parte de tudo que eles juntavam, se direcionava à compra de material de construção que Guido fazia questão que fosse da melhor qualidade. Clarinha decidiu que atrasaria um pouco a entrada na faculdade, já cansada de esperar por uma resposta vinda do Canadá. Guido dividiria por um tempo suas economias entre a reforma e a viagem. Clélia e Nadilson postergavam o sonho da compra de um carro.

Pararam de chamá-lo de caipira.

Sua relação com Clarinha se estreitava a cada dia. Tornaram-se bons amigos e confidentes. Frequentemente admiravam a noite lado a lado sentados na calçada.

Porém essa relação se alterou no último fim de semana de novembro. No mês anterior, quando Clarinha completou seus 20 anos, Guido a presenteou com um gatinho de pelúcia e uma caixa de bombons de marca famosa que antes do fim do dia já haviam sido devorados em sua totalidade por Clélia. Guido percebeu uma leve mudança na fisionomia de Clarinha.

Durante os dois meses anteriores, a cada 15 dias, pontualmente às sete da matina, Guido acordava e ficava sentado nos degraus

esperando o pequeno caminhão amarelo, do qual desciam dois homens que descarregavam com seus braços fortes os diversos materiais. De sacos de cimento e areia a telhas, canos e latas de tinta, que lotavam o interior da casa. A reforma seria tão intensa que dava a impressão que haviam comprado a loja inteira.

Na sexta-feira da primeira semana de novembro, Guido ordenou que todos deixassem o Casarão. Evitava assim que alguém se intoxicasse. Lençóis velhos e mofados protegiam todos os objetos pertencentes à casa.

Nos próximos 15 dias tocaria a monumental reforma sozinho. Seriam dias e noites de trabalho intenso. Durante os primeiros três dias tudo correu bem. Foi só quebradeira. Não teve dificuldade em achar os canos enferrujados. Finalmente resolvia o problema das infiltrações na parede que tanto o incomodavam. Tinha certeza que agora as complicações respiratórias de Clélia desapareceriam. Nos dias seguintes, emassou as paredes, deixando-as prontas para serem pintadas, e refez a instalação elétrica.

Justo quando o progresso parecia correr bem, as coisas travavam. No sábado choveu uma chuva muito forte. Guido descobriu um vazamento no teto da cozinha. Cimentou, ciente de que as telhas sobre a cozinha também precisariam ser trocadas.

No começo da segunda semana, se concentrou na fachada. Substituiu diversas telhas quebradas. Arrumou o portão. Colocando um farrapo de camisa pendurado no rosto pintou as paredes externas, com cores diferentes das portas e janelas.

De costas para rua, na suave noite clara, a visão da casa que surgia o deleitava. Seu espírito sentia-se recompensando, nem que fosse um pouquinho, pelo tanto que haviam feito por ele. Chegou a cantarolar uma canção que nem sabia que conhecia toda sua letra. Sentimental, sentiu orgulho ao terminar de pintar todo o exterior.

Com a fachada resolvida, os últimos dias de trabalho beiravam a loucura. Em breve estariam de volta e ainda faltava um monte de coisas para arrumar. Pintou cômodo por cômodo antes de encerar o chão e reformar alguns móveis.

A semana passou num piscar de olhos. Deixou o último dia para pequenos reparos e para retocar o que precisava ser retocado. A

quinta-feira havia chegado ao fim. A reforma havia terminado. Sentiu-se extenuado. Um tanto tonto. Talvez fosse o cheiro da cera e da tinta que ainda estava muito forte, apesar de todas as portas e janelas abertas.

Deu um suspiro de satisfação. Permitiu-se certo convencimento.

– Guido, você foi fantástico!

Colocou o colchão no lado de fora da casa nem se importando com algumas crianças grandes que passavam ao seu lado carregando suas bicicletas. Dormiria ali mesmo sendo molhado pelo luar. Contemplou por alguns minutos as estrelas que sempre o colocavam tão perto de seu pai. Tratou de dormir. Mas antes se lembrou de uma coisa importante. Precisava escrever uma carta para sua tia contando tudo e pedindo conselhos amorosos. Ela cairia para trás quando soubesse que agora ele era um mágico. Guido dormiu sonhos felizes.

Acordou bem cedo com o sol cutucando o seu rosto. Vestiu uma roupa legal e desceu a Ladeira da Subida em disparada. O sol estava brilhante. Encontrou-os ainda em passos lentos. Provavelmente moídos. Apesar de todos os cuidados que receberam da Mama, incontestavelmente, o Casarão era de longe mais confortável que o circo.

Obrigou a todos que fechassem os olhos antes da curva que escoava na reformada casa. Tropeçavam aos montes. Riam também aos montes. Foram necessários uns trinta passos cambaleantes até pararem de frente para o Casarão.

Guido se esforçava em fazer um ar de mistério.

O grande momento havia chegado. Guido agora olhava para a casa como um pintor que admirava sua obra-prima.

Após uma contagem regressiva de dez segundos, deu o tão aguardado sinal.

– Agora podem abrir os olhos.

Nadilson, Clélia e Clarinha tiraram suas cortinas de mãos.

Olhos estupefatos.

A beleza da nova casa velha reluzia tanto que ofuscava o verde das árvores ao redor. Como se tivesse sido combinado, pássaros voavam pelo céu azul ao redor da casa. Olhavam uns para os outros

como se aquilo necessitasse de alguma explicação. Há algum tempo jamais imaginariam que tamanha reforma pudesse acontecer um dia.

O Casarão que anteriormente lembrava um lugar mal-assombrado, agora era uma casa que podia figurar na capa de qualquer revista de decoração. Toda parte de fora tinha sido pintada de uma cor mostarda, as portas e janelas de madeira pareciam novas pintadas de branco e com maçanetas cromadas. Até as telhas tinham sido pintadas dando mais ênfase ao vermelho.

Clélia e Clarinha não conseguiam ficar de boca fechada. Palavras eram trocadas de um lado para o outro sem parar. Nadilson era o silêncio animado de boca aberta com o dedo em riste apontando em todas as direções.

Guido os observava como uma criança observa um algodão doce, com seu rosto coberto de contentamento.

Minutos passados, irresistível era a tentação de entrar. Ao atravessarem a porta, o cheiro era intenso. A agitação mais forte ainda.

Nadilson entorpecido. Clélia lacrimejava. Clarinha pulava sem parar.

– Espetacular! – Clélia gritava um grito contido. Até ela havia se rendido.

O interior erigia-se impecavelmente. Na sala as paredes estavam pintadas de branco neve. Todos os adornos do teto restaurados; lustres consertados contavam agora com luzes resplandecentes. As janelas e portas lixadas e pintadas. Era impossível observar qualquer traço de infiltração ou coisa parecida que um dia apoderou-se dali. Cozinhas e banheiros contavam com belos azulejos. Os cuidados com os detalhes eram tantos que pequenas coisas também chamavam a atenção como tomadas novas e os quadros recolocados na parede.

Entraram por fim nos quartos. Surpresa após surpresa. Armários e estantes reformados, chão imaculadamente encerado. Parecia agora até que aqueles móveis antigos tinham entrado novamente na moda.

Guido intuitivamente deixou o quarto de Clarinha por último, fazendo questão de trancá-lo.

– Esse eu ainda não consegui terminar, pois a tinta acabou – Disse com a chave rodando em seus dedos.

Agora todos tinham os sorrisos em Guido.

– Você acha que não te conheço? Pode abrir que esse é meu quarto – disse cheia de entusiasmo Clarinha.

– Então abra você mesma – concedeu, ansioso para conhecer a reação dela.

Clarinha arrancou a chave de suas mãos e abriu a porta atabalhoadamente. Enquanto entrava no quarto, as feições de seu rosto ficavam mais avivadas. Superando todas as suas expectativas, observava sem palavras as paredes pintadas de um rosa tênue e os adornos do teto caprichosamente pintados de branco. Um espelho surgia por trás da porta e a cama, que antes mal ficava de pé, tinha sido completamente reformada. Para completar, viu desenhada na parede, bem acima da cama, uma estonteante bailarina.

– Lindo! Lindo! Lindo! – Repetia sem parar.

Virou-se então vagarosamente procurando o rosto de Guido.

– Obrigada – os olhos se encheram de lágrimas. – Com toda a franqueza, nunca em minha vida tive uma surpresa como essa – completou dando um demorado beijo no rosto do rapaz.

Guido ficou vermelho como um tomate, levando algum tempo para se recompor.

– Eu que preciso agradecer por tudo. Vocês cuidaram de mim, renovaram minha esperança na vida, nas pessoas. Tudo isso só pode ser coisa de Deus. Vocês são meus presentes de Deus.

Nadilson tomou a palavra com consentimento de Clarinha e de Clélia. Falaria por todos.

– Quando você faz as coisas certas pelas razões certas, sempre tem seu retorno – começou a dizer em tom categórico. – Enquanto recebíamos você em nossa casa, não vou esconder que tive receio. Deixei-me levar pelo coração, você bem sabe. No entanto, hoje tenho o orgulho de dizer que você se tornou parte viva de nossa pequena família. Com dificuldade, sempre juntos, conseguíamos nos virar nos altos e baixos da vida, contudo desde que você passou a

estar ao nosso lado, a vida nessa casa passou a ter muitos mais altos do que baixos.

Os oito olhos lacrimejaram.

Abraçaram-se formando um círculo no meio da sala renovada, um círculo de confiança, confiança nas pessoas, confiança em dias sempre melhores.

O restante do dia foi de faxina. Com o cair da noite, exaustos, todos se retiraram para suas camas cedo, antes das nove horas, deixando todas as portas escancaradas, pois o cheiro de tinta ainda incomodava bastante.

O dia seguinte, sábado, prosseguiu a limpeza. Nadilson e Guido passaram o dia inteiro ocupados em arrumar um local adequado para a grande quantidade de entulho. Enquanto isso as mulheres esforçavam-se em retirar os últimos respingos de tinta caídos no chão.

A noite chegou. Guido e Nadilson começara a jogar dominó. Clélia e Clarinha ligaram a TV e começara a assistir mais um capítulo da novela das oito. Pouco tempo depois as luzes da casa se apagaram.

Guido se encontrava adormecido quando Clarinha, nas pontas dos dedos, entrou na penumbra do seu quarto.

– Está dormindo?

– Não – acordou mentindo.

– Então levanta que quero te levar para um lugar.

– Para onde?

Ela colocou o dedo indicador sobre sua boca calando os seus lábios.

– Confie em mim. Venha.

Instigado, Guido não fez mais perguntas, tratando apenas de segui-la.

Capítulo 19

O calor forte que havia feito de dia sucumbia a uma brisa refrescante. A escuridão no meio da mata mostrava-se inabalável frente à noite clara. Apenas algumas franjas de luz penetravam por entre árvores densas.

Já haviam andado centenas de metros mata adentro. Guido lutava para acompanhar os passos de Clarinha. Ele não tinha a mínima ideia de para onde ela o estava levando. Concentrava seus esforços apenas nos mosquitos e formigas que devoravam suas pernas. A única coisa agradável era o cheiro da relva doce que entrava em suas narinas.

– Falta muito? Se demorar mais é capaz de os mosquitos acabarem com o meu estoque de sangue.

– Se você andasse mais rápido já teríamos chegado lá – reclamou Clarinha.

– Como andar mais rápido se não enxergo um palmo à minha frente – defendeu-se Guido.

– Quem disse que você precisa enxergar alguma coisa. Apenas siga-me.

Guido esfregou suas mãos suadas na camisa e num impulso segurou forte uma das mãos de Clarinha.

– Assim você não me deixa para trás – foi o pretexto que precisava para pegar uma daquelas pequenas e quentes mãos. Sentiu um friozinho na barriga.

Clarinha não o repeliu. Apertou a mão dele segurando-a entre as suas, não a deixando escapar durante todo o trajeto.

Guido animou-se. Contudo preferiu conter a confiança. Você é um bobão mesmo, segurar uma mão não significa nada, dizia para si mesmo. Porém, se conseguisse enxergar o sorriso dela naquela

escuridão, teria entendido que segurar a mão de Clarinha significara muitas coisas.

Clarinha caminhava desviando de pedras e arbustos sem virar uma só vez a cabeça. Movia-se obstinadamente, como alguém que conhecia muito bem o caminho.

Poucos minutos de caminhada, se depararam com um intransponível e abrutalhado portão de ferro trancado a cadeado. Em seu meio reluzia uma placa cinza onde se lia em letras negras – Entrada Proibida – Companhia Estadual de Águas.

Nem o barulho do canto das águas que chegavam aos seus ouvidos foi capaz de esconder o som de seu descontentamento.

– Está fechado, vamos voltar – disse Guido num tom murchinho.

– Está sempre fechado, seu bobinho – Clarinha sussurrou encostando os lábios secos na ponta de uma orelha de Guido.

– Nós não vamos pular, vamos?

Em dez segundos ele obteve a resposta.

Clarinha deu de ombros escalando facilmente o portão, como um gato que sobe num muro.

– Você vem ou não vem? – indagou de braços abertos.

Guido se viu sem escolha. O que estava em jogo era o seu orgulho pessoal, não podia ser deixado para trás por uma garota. Se ela conseguiu, eu também consigo, pensou.

Escalou o portão, perdeu o equilíbrio estatelando-se no chão de folhas. Olhou os pés de Clarinha e teve a certeza que pelo menos havia caído no lado certo.

– Está tudo bem aí embaixo? – ela quis saber.

– Sim – respondeu ele, tirando uma formiga de seu dente.

Clarinha sorriu e seguiu adiante.

Os dois andaram mais alguns minutos. Quanto mais se afastavam do portão, mais a noite ficava encantadora. As árvores que antes impediam a lua de dar o ar de sua graça, agora estavam mais esparsas.

Clarinha diminuiu o passo. Guido, que vinha atrás, tropeçou, quase indo ao chão pela segunda vez. Passaram a andar a passos de

tartaruga. Metros depois ela fez o sinal característico de parar. Guido agora conseguia ver seu rosto com nitidez.

– Chegamos - disse já sabendo que uma pergunta óbvia voltaria para ela.

– Aonde? Não estou vendo nada, só um monte de árvores.

Clarinha caminhou mais alguns passos. E como a cortina de um teatro que se abre para o espetáculo, saiu de sua frente deixando-o contemplar a paisagem que se abria diante dele.

No meio de duas rochas cinzentas, cercada de muito verde, uma cascata tombava rumo ao lago que se deleitava com suas águas cristalinas. Parecia que as pedras tinham sido afastadas com as mãos para deixar passar tamanha vibração.

Guido ficou encantado. Se estivesse no deserto, pensaria tratar-se de uma miragem.

Somente o chamado de Clarinha foi capaz de tirá-lo do transe.

– Vamos descer, o que você está esperando?

Desceram pela pedra até avistarem o pequeno lago formado pela queda.

Ela então procurou o seu rosto segurando em seguida sua mão direita. Ficaram de mãos dadas por alguns minutos sentados nas pedras na margem do lago.

Olhavam-se, trocando sorrisos.

Guido não precisava mais ficar convencido. O seu coração batia sem parar dizendo que finalmente Clarinha seria sua. Contudo não sabia o que fazer a partir de então.

Clarinha sentiu o quanto ele estava nervoso e suspeitou que precisaria usar algumas artimanhas.

– Não trouxe calção de banho, trouxe?

– Você não pensa em mergulhar, pensa? Não temos roupas para isso.

– E quem disse que precisamos de roupas.

Num estalo levantou-se de costas para Guido que suava testosterona. Cuidadosamente começou a tirar peça por peça a roupa. Primeiramente a blusa já um pouco molhada, depois o sutiã e por fim a bermuda e a calcinha que deslizaram por suas pernas lisas.

Guido sentiu um frio subir pelos seus pés, passar por seu estômago, fazer tremer seu coração. Não piscava os olhos. Não respirava. Aquela silhueta a sua frente era o tema de dez em cada dez sonhos seus.

Seu pescoço macio, suas costas singelas, coxas volumosas e bumbum carnudo completavam aquela paisagem maravilhosa que nem em seus melhores sonhos ele pintaria.

Ela mergulhou com os braços à frente, feito uma nadadora profissional.

A água gélida não lhe tirou a impressão de que Guido continuava sem saber o que fazer.

– Você vem ou não vem? – indagou mostrando impaciência.

Guido sentiu seu coração bater acelerado. Precisava entrar e logo. A água fria o ajudaria a não estragar tudo. Tirou então a roupa, mergulhando pateticamente de barriga.

Antes que Guido pudesse subir a superfície e abrir os olhos, Clarinha o abraçou e o beijou com intensidade. Suas pernas se entrelaçavam quase tocando com os pés nos cascalhos no fundo do pequeno lago. Instintivamente, deitaram em cima de uma pedra chata na margem direita do lago e lá fizeram amor por duas horas. Depois ficaram durante algum tempo calados, apenas contemplando a noite e o silêncio. Adormeceram abraçados até que os primeiros raios de sol começaram a aparecer.

Clarinha deu uma risada com um gratificante sorriso no rosto e com um beijo na orelha acordou Guido, que se arrepiou. Levantaram-se e rapidamente colocaram suas roupas. Correram de mãos dadas de volta para a casa na Ladeira da Subida. Antes de entrarem, Guido segurou-a bem forte em seus braços dando-lhe o último beijo do dia.

– Que tal fugirmos amanhã de novo? – soltou um risinho travesso.

Ela sorriu. Mas se apressou em advertir:

– Vamos que precisamos entrar logo, não quero que ninguém perceba, pelo menos por enquanto.

Ele assentiu com cabeça. Deitou-se em seu quarto decidindo não dormir. Repassou cada milésimo de segundo do que tinha

acontecido naquela noite.

Guido não tinha como saber o que o futuro lhe reservava. Só sabia que sua vida agora tinha uma direção e seu coração uma razão.

Dormiu minutos depois, sonhando com anjos, ou melhor, com um anjo só, Clarinha.

Capítulo 20

Nas semanas seguintes até entrar o verão, as visitas à cascata haviam virado rotina. Todas as noites saíam de fininho para voltarem no dia seguinte, ainda com o sol acordando.

Contudo, certa manhã o sol não apareceu e acabaram por dormir demais. Retornaram correndo e pararam em frente ao Casarão.

Examinaram as portas e janelas ainda fechadas.

– Que bom eles ainda estão dormindo – disse Guido aliviado.

– Eu não contaria com isso – Clarinha disse estragando prazeres. – Seu bobinho, você acha mesmo que eles não notarão a gente?

Abriram a porta e Clarinha foi a primeira a entrar, tinha um sorriso travesso no rosto. Caminhou pela sala em passos leves. Guido seguia atrás grudado nela. Antes que pudesse atingir o banheiro, um ruído debochado quebrou o silêncio.

– Pombinhos, o café está esfriando – a voz masculina de Nadilson sorria.

Guido e Clarinha se entreolharam. Andaram até a cozinha. Ficaram em pé imóveis observando o que se passava por lá. Clarinha vermelha como pimenta, Guido branco como o papel higiênico que havia usado para secar o rosto.

Clélia cantava uma música romântica passando manteiga no pão.

– É o amor, que mexe com a minha cabeça e meu coração...

Nadilson balançava a cabeça segurando a xícara de café ao ritmo da música. Entre um gole e outro, repetia sempre a única

parte da letra que conhecia:

– É o amor...

Guido e Clarinha trocaram um olhar descontraído.

– Senta aí, cunhado – sugeriu Nadilson esticando a cadeira.

Guardaram todas as explicações, pois não seriam necessárias. O casal estava mais sem graça do que avestruz com a cabeça no fundo do buraco. Após duas xícaras de café, pouco a pouco, foram entrando na brincadeira. A algazarra tomou conta do Casarão.

– Como vocês descobriram? – perguntou Guido. Curiosa, Clarinha também esperava a resposta.

– Alguma coisa foge aos meus olhos? – respondeu Clélia sem modéstia. – O mais engraçado foi ver um dia você entrando numa perna só como um saci-pererê – ria sem parar.

O cheiro suave do café agia como um ímã. Ficaram quase que a manhã inteira jogando conversa e piada fora. O domingo passou e com ele um dos dias mais saborosos que o Casarão presenciou. Eram tempos de fartura. A trupe agora se apresentava também em concorridas festas infantis. Para completar, o Natal e o Ano-Novo se avizinhavam. O dinheiro entrava e trazia com ele realizações.

Guido, segundo os seus cálculos, já estava a mais de meio oceano para chegar à Austrália. Clarinha já não andava tão desanimada por não receber a resposta esperada do exterior. Falava em prestar o vestibular para artes. Clélia e Nadilson concordaram em providenciar um bebê.

As festas de final de ano chegaram. Nessas datas ficavam até altas-horas nas ruas cheias de luzes e barulho. Todos estavam com os seus corações mais abertos. Famílias em seus carros não se incomodavam de ficar um tempo a mais parado no sinal para admirar o espetáculo da trupe do Casarão. Era quando se sentiam verdadeiramente valorizados. Principalmente ao verem as crianças abrirem suas janelas para os aplaudirem.

O fim do ano de 2002 seria parecido com o dos anos anteriores a não ser por um acontecimento específico e inusitado, ocorrido no dia 29 de dezembro.

A noite estava cinzenta. As estrelas não brilhavam. Havia um cheiro de pneu queimado no ar.

Clélia e Nadilson haviam retornado ao Casarão por volta das dez da noite, cansados dos faróis dos carros. Guido fez as moedas desaparecerem pela enésima vez. Foi passando no meio dos carros recolhendo os tostões de pouco valor que enchiam seus bolsos. Só mais quinze minutos, pensou concordando consigo mesmo.

Subitamente um Maverick marrom rodas aro 18 bem conservado freou bruscamente ao seu lado. Guido assustou-se no primeiro instante. Foi abordado por um homem loiro de olhar perdido.

– Faz o truque de desaparecer a moeda de novo – pediu arrogantemente.

Guido prontamente o atendeu.

– Como você consegue fazer isso tão rápido? Nunca consigo desvendar. Ensina-me como é que faz.

– O segredo é a alma do mágico. Ele nunca revela seus truques.

– Mostre-me – ordenou. – Você não está falando com uma criança.

– Sinto muito. Guido manteve uma aparência sisuda.

– Entendi, você não vai me dizer mesmo – o homem de olhar perdido disse resabiado e se abaixou.

Guido observava o homem loiro vasculhando alguma coisa no interior do carro. Estava com o rosto entre os joelhos. Espremia-se tanto entre o volante e o banco que se fosse uma laranja daria suco. Reparou que ele vestia uma blusa branca de mangas compridas que estava dobrada até a altura do cotovelo. Em seguida notou que a pele clara do homem à sua frente dividia espaço com manchas esbranquiçadas nas mãos, nos braços e ao redor dos olhos verdes. Mais tarde soube que se tratava de uma doença de pele conhecida pelo nome de vitiligo. Desviou o olhar evitando ser indelicado.

As buzinas começaram. O sinal voltou a abrir. Os dois atrapalhavam o trânsito que transcorria bem. Motos passavam numa

velocidade louca, enquanto os carros desviavam com seus motoristas fazendo cara feia.

– Escute, depois você passa aqui. Estou nesse cruzamento quase todo dia.

– Espera só mais um pouco. Não vou deixar você na mão.

Clarinha presenciava tudo de longe. Pensou no primeiro momento em intervir, mas preferiu esperar para ver.

– Amigo, depois você passa aqui. Não tem problema – disse Guido já demonstrando impaciência.

– Não, de jeito algum. Você é pobre e não pode ficar sem este dinheiro.

Guido engoliu em seco, sentira-se ofendido. O loiro de olhar perdido era a arrogância em pessoa. Tentou controlar-se, mas antes que conseguisse, as palavras deslizaram quentes por sua boca.

– Meu amigo, sou pobre, mas tenho tudo que preciso. Ninguém vive sem ar, água e comida. Então, graças ao meu bom Deus, não me falta nada.

Ficou evidente em seu rosto rígido que estava aborrecido.

O homem de olhar perdido ouviu aquilo sem dar muita importância na hora. Constatou finalmente que havia esquecido a carteira.

– É, vou precisar voltar aqui para te pagar. Devo ter esquecido minha carteira em algum lugar.

Guido continuava em pé, cansado e irritado.

– Engraçado, investia milhões, mas agora não tenho dinheiro para dar a um mágico de rua – disse rindo de si mesmo.

– Talvez você não tenha investido no lugar certo, não acha? Pobre ou rico, vamos todos para o mesmo lugar, para debaixo da terra. Somente no enterro de uma pessoa é que se fica sabendo se ela foi realmente feliz ou não.

O homem loiro de olhar perdido que se encontrava com os braços sobre a janela com vidro abaixado preparava-se para ir embora, mas se sentiu provocado pelo comentário do mágico. Do que exatamente ele estava falando?, se perguntou.

Ao mágico disse:

– Como assim num enterro? Nessas ocasiões somente existe tristeza.

– Quanto mais pessoas estiverem presentes no seu enterro mais ficará provado que você teve uma vida feliz. É o sinal que você fez a diferença numa quantidade maior de vidas. Mesmo morto, deixou traços nas pessoas que não serão esquecidos – Guido respirou fundo e continuou. – Nunca se esqueça de investir nas coisas que realmente interessam e que sobreviverão após sua morte.

As palavras pronunciadas com grande dignidade impressionaram o homem do carro e o tiraram de sua indiferença.

Elas faziam algum sentido, pensou. Ele vivia a pior fase de sua vida. Estava tão ruim que andava até ouvindo conselhos de gente de rua. Como alguém podia dizer que é feliz sem dinheiro, sem uma boa casa e um bom carro? Ficou meio atordoado. Olhou de repente para o relógio e lembrou que tinha um compromisso inadiável.

– Talvez só no cemitério eu tenha alguma paz – disse agora disposto a sair dali.

Guido continuava em pé. Conseguia ver através dos olhos do homem loiro de idade próxima da sua muita fragilidade. Captou que ele passava por algum tipo de tribulação e das grandes. Tinha um ar de quem não seria capaz de enfrentar mais uma decepção. Arrependeu-se imediatamente por ter sido tão duro. Agora se sentia obrigado a ajudá-lo de alguma forma, utilizando o reservatório de palavras confortadoras que dizia naturalmente.

– Uma fase ruim não é para sempre. Não falam que depois da tempestade vem a bonança?

– Pode até ser verdade – respondeu o homem. – Só que na minha vida ultimamente vem tempestade após tempestade – completou, protegendo-se da luz dos faróis de um ônibus que passava cegando seus olhos.

– Apesar de tudo, o sol sempre nascerá no outro dia, independente de qualquer coisa que façamos em nossas vidas.

– Este é o meu problema. Não sei se aguento um dia a mais – pisou na embreagem e mexeu no câmbio enquanto falava.

Com o sinal ainda vermelho trocaram as últimas palavras.

– Não achei mesmo o dinheiro, depois passo aqui e te pago um real.

– Não precisa se incomodar – respondeu Guido sentindo um aperto no coração.

O homem de olhar perdido sorriu sem graça só com um lado da boca, fechou o vidro do carro e foi embora ainda pensando nas palavras que o mágico acabara de dizer.

Uma sensação estranha invadia a alma de Guido, que não entendia por quê. Todos os dias ele tinha encontros com vários desconhecidos, algo inerente ao trabalho nas ruas. Entretanto o rapaz loiro mexeu com ele, deixando-o angustiado. Decidira não pensar mais no assunto ao ver sua namorada se aproximando.

Clarinha, supercuriosa, foi andando solta em sua direção.

– O que foi que aconteceu? Vocês ficaram conversando por mais de três minutos. Já tava ficando nervosa.

– Ele esqueceu a carteira, só isso. Parecia muito infeliz, cheio de problemas. Lembre-me à noite de rezarmos por ele.

– Puxa, estamos precisando de um caderno de mil folhas para anotar todas as pessoas para quem você precisa rezar – respondeu Clarinha caçoando dele.

Dia após dia, o encontro permanecia em seus pensamentos e produzia uma angústia que Guido só compreenderia tempos depois.

Guido, Clarinha, Nadilson e Clélia passaram a virada do ano junto ao mar. Os fogos estavam fantásticos. Iluminavam com enorme barulheira a esquisita noite. Sentados na areia da praia, unidos a uma multidão, abriram um espumante de preço razoável e se embriagaram de alegria. Comemoravam o fim de um ano maravilhoso.

Capítulo 21

Lucas entrou em casa e colocou seu terno cinza sobre a mesa. Permaneceu em pé na espaçosa sala fria. Fechou os olhos e as cenas de sua vida surgiram em *flashes*. Raras foram as imagens dos momentos em que se sentiu realmente feliz. Um sentimento de rejeição aflorou. Rejeição a si mesmo. Pensando bem, talvez em nenhum dia de sua vida tenha se sentido verdadeiramente feliz. Balançou a cabeça saindo do transe. Agora com 27 anos nada mais lhe importava.

Atravessou o corredor até o banheiro e ligou a água do chuveiro. Despiu-se. Curvou-se no chão deixando a água gelada entorpecer suas costas. Desejava ficar ali para sempre. Longe de tudo. Longe de seus tormentos. Então o silêncio em sua mente foi quebrado pelas palavras emblemáticas ditas pelo mágico de rua. Mesmo contra sua vontade. Passou a examiná-las. Fases ruins passam? E no seu enterro, quantas pessoas estariam presentes? Qual foi a última vez que tinha se sentido uma pessoa boa? Fez um esforço maior dessa vez, mas novamente não se lembrava. Ninguém nunca o havia ensinado a ser uma pessoa boa.

De repente uma memória feliz infiltrou-se em sua mente. Quando era garoto, sua empregada sempre o levava a uma igreja católica de arquitetura gótica nos arredores, já que seu pai não era muito de religião. Joselina deixava-o levar e brincar com seus soldados e índios enquanto assistia à missa. Aquela igreja grande cheia de pessoas desenhadas nas paredes de alguma maneira lhe era gentil.

Não sabia onde tinha colocado a toalha. Saiu sem se enxugar.

Abriu a parte de cima da geladeira velha. Arrancou algumas pedras de gelo e colocou num copo quadrado de cristal fino que parecia estar ali desde sua infância. Em seguida segurou a única

garrafa de *whisky* que ainda tinha algum conteúdo dentro e encheu o copo até a boca. Tomava com gosto, gole após gole, em pé de frente para o espelho trincado da sala.

Dois anos após ter sido escolhido o Investidor do Ano pela *Economist Today*, uma das revistas de negócios mais conceituada do mundo e ser considerado o jovem Midas do mundo das finanças, sua vida tomou um rumo que nunca poderia imaginar.

Lucas fora um aluno espetacular na melhor universidade de finanças dos EUA. Um ano após sua formatura já fazia parte da equipe de especialistas em empresa de tecnologia de um dos maiores bancos de investimentos dos EUA. Logo depois, com menos de 26 anos, já controlava toda a área do banco direcionada ao mercado que mais crescia no momento, a internet. As empresas baseadas na internet ofereciam a possibilidade de lucros espetaculares.

Foi dentro desse ambiente que, com muita sensibilidade e um *timing* perfeito, ganhou milhões para o banco de investimentos onde trabalhava e foi considerado o melhor analista na área de tecnologia. O ano de 2000 foi mágico. Além do prêmio, teve seu salário aumentado, e o novo tratamento para o vitiligo pela primeira vez em muito tempo estava fazendo suas manchas regredirem.

Fazia sucesso com um carro esportivo de mais de cem mil dólares e uma dezena de mulheres e amigos que usava quando bem entendia. Contudo foi exatamente esse sucesso que o levou à brusca queda.

Ao mesmo tempo em que continuava sua trajetória de sucesso no banco, decidiu criar por sua conta e responsabilidade um fundo de investimento, todo voltado para investir em empresas que ele conhecia muito bem. Usando todo o seu dinheiro e uma enorme quantia vinda de terceiros, no começo de 2001 seu fundo já nascia com mais de cinquenta milhões de dólares.

Em março de 2001, depois de uma euforia irracional, as ações de empresas voltadas para a internet começaram a derreter. No fim do mesmo ano, o fundo criado por ele havia sido fechado, tendo perdido mais de 98 por cento do seu capital. A péssima fama gerada por esse negócio fez com que perdesse o emprego no banco e

ficasse um ano sem arrumar outro em lugar algum. Sem dinheiro e com sua reputação no chão, resolveu voltar para o Brasil.

Quando voltou, não demorou a se estabelecer no apartamento herdado após a morte de seu pai, que ocorrera quatro anos antes. No Brasil estava sozinho. Os dez anos fora do país fizeram com que se perdessem os laços com outras pessoas. De parente só existia um tio excêntrico, que ele nem sabia onde morava. Os amigos do tempo de escola não moravam mais por lá. E mesmo se morassem não os procuraria. Sua única companheira seguia sendo sua antiga empregada que passava por lá duas vezes na semana para fazer uma faxina sem nada cobrar. Sua vida podia ser resumida em uma palavra, melhor, em duas: completamente ferrado.

Naquela tarde, como fazia diariamente, olhou despido para o espelho a fim de observar a evolução das manchas brancas, que agora também circundavam os seus olhos. O novo avanço da doença era doloroso e contribuía ainda mais para diminuir sua autoestima já castigada pelos fatos recentes. O vitiligo nos últimos seis meses se alastrara para partes mais visíveis do corpo, como as mãos e partes do rosto.

Durante toda a vida tinha lutado contra aquela doença que teimava em se expandir pelo seu corpo. Já havia experimentado ervas medicinais, um tratamento cubano revolucionário, tinha até visitado um místico que sua empregada cismava que havia curado sua sobrinha. Cinco anos atrás experimentou um novo tratamento que se não fechava todas as manchas, pelo menos as impedia de se expandirem. Mesmo que para isso ele precisasse duas vezes por semana entrar numa cabine de fototerapia e passar uma pomada melequenta todas as noites. Fazia mais ou menos um ano que tinha abandonado o tratamento e agora o vitiligo reclamava outras partes de seu corpo.

Ainda em pé, olhando para o espelho, mas não se percebendo, Lucas pensava raivoso na entrevista de que participara pela manhã. Desde que regressara ao Brasil, há quatro meses, havia participado de mais de quinze entrevistas de emprego. Com o tempo, notou que sua fama o havia precedido. Percebeu que era chamado muito mais

para conhecerem quem era o cara da capa da *Economist Today* que fracassou do que pelo real interesse em contratá-lo.

Completamente frustrado, com seu estado de ânimo arriado como um pneu furado, Lucas virou-se e encaminhou-se até o sofá. Sentou e as palavras do mágico desfilaram novamente em sua cabeça. Após um cálculo rápido, concluiu que no máximo umas dez pessoas, se muito, compareceriam ao seu enterro, contanto com alguns parentes de Joselina, que ele só conhecia de nome.

Ergueu-se e andou para o quarto onde viveu toda sua infância. Lá estavam a cadeira, a escada e a corda. Tomou mais um gole sentando-se no pé da cama. Ficou ali por uns instantes refletindo. Já havia preparado tudo. Deixou ao lado da cama alguns bilhetes agradecendo e explicando o seu ato de fraqueza. Direcionou um para sua empregada, um para seu tio distante e outro para alguém que talvez tivesse algum interesse em lê-lo. Mexeu nos bolsos da calça e descobriu uma barra de cereal amassada. Olhou fixamente para ela lendo desinteressadamente as letras miúdas de sua embalagem. Descansou a barra de cereal amassada em cima da cama. Sentiu a pressão sufocante de quem em breve tiraria a própria vida.

Continuava sentado, agora com a cabeça entre as pernas e as mãos na nuca. Fragmentos da conversa com o mágico cismavam em reaparecer em sua cabeça. Depois de longos dois minutos, levantou-se e decididamente se encaminhou até onde estavam a escada, a cadeira e a corda. A decisão era definitiva. Ele colocaria um ponto final naquilo tudo.

Capítulo 22

Clélia sentou-se satisfeita na cadeira. Após o anúncio de sua gravidez, tornara-se o centro das atenções da família e andava descansada e livre de qualquer preocupação. Ultimamente, a fada passava seu tempo cuidando exclusivamente do enxoval e das coisas relacionadas ao lar.

As feições de Nadilson mudaram completamente após o anúncio. Com a vitalidade renovada, seus malabares ganhavam mais altura e velocidade. Sentia como se tivesse 20 anos de novo. Até os costumeiros motoristas haviam reparado. Ultimamente as notas de real dividiam espaço meio a meio com as moedas.

Naquele outono as mudanças aconteceriam para todos na casa da Ladeira da Subida.

A Páscoa chegou e o coelhinho também. Melhor, uma senhora de cabelos cor de prata, corcundinha e enrugadinha, que estava mais para Mamãe Noel do que para uma coelhinha, aportou trazendo delícias.

Oneide carregava ovos de chocolate de todos os tipos e para todos os gostos. Doze no total.

– Tia, eu não falei que éramos quatro? Dá três ovos por pessoa. Como vamos dar conta de tanto chocolate?

Oneide mostrava a sagacidade de sempre.

– Numa carta que me escreveu tempos atrás, você citou uma caixa de bombons que tinha sido devorada, não foi?

– Sim – Guido confirmou fixando o olhar em Clélia.

– Quem disse então que são três ovos para cada um?

Conhecendo a astúcia de sua tia, Guido pressentiu que existia alguma pegadinha na jogada.

– São dois para cada um de vocês e seis para a Clélia. Sorria. Dê a Clélia o que é de Clélia e a Deus o que é de Deus – continuou,

arrancando gargalhadas de todos. – Além do mais, ela precisa se alimentar direito. E nada melhor que chocolate – falou demonstrando amabilidade.

Nadilson abriu os braços concordando. Em alguns momentos, só a doçura do chocolate era páreo para o mau humor que os incômodos da gravidez causavam em sua esposa.

E, como já era previsível, após esse episódio, Clélia e Oneide viraram as melhores amigas.

Antes que a noite pudesse chegar, Oneide se despediu da turma.

Guido a levou até a rodoviária. Chegando lá, verificaram que o próximo ônibus para Esperança do Leste sairia em vinte minutos. Sobrava tempo para roubar alguns conselhos.

- Tia, preciso lhe confiar uma coisa.
- Pode falar. Aliás, acho que já imagino do que se trata.
- O que a senhora pensa que é? – Guido indagou intrigado, pois até então escondera suas intenções até de seus pensamentos.
- Vai desistir da viagem para Austrália?
- Não. Na verdade pretendo pedir Clarinha em casamento. O que acha?
- Então acertei. Vai desistir da viagem para a Austrália. Se você ama e acredita no amor dela por você, nada mais natural.
- Claro que não vou desistir da promessa, talvez adiá-la por um tempo. Tia – continuou, meio ofegante –, e se ela não aceitar?
- E porque Clarinha não aceitaria? Não fique aflito pela dúvida. Qualquer mulher do mundo gostaria de ter alguém bondoso e atencioso como você ao seu lado.

Deu um beijo no rosto do sobrinho e entrou no ônibus regressando jubilosa para Esperança do Leste.

Na semana seguinte Guido anotava todas as suas despesas num caderninho. Precisava de um tênis novo, no entanto mandou consertar o antigo para economizar. Repreendia-se por estar gastando mais do que gostaria. Mas não por ter usado boa parte de suas economias ao adquirir um anel de noivado.

A Austrália teria de esperar um pouco mais. Sua principal meta agora era outra. Bem que Oneide tinha razão, a viagem perdia força

em sua cabeça. Clarinha dominava todos os seus pensamentos.

O fim de semana que se aproximava seria especial para o grupo. Deixariam a fumaça, os faróis dos carros e o barulho das ruas. Mas o coração ficaria apertado por terem de deixar também o sorriso das crianças, o brilho das luzes da cidade e as ruas, fonte de tantas histórias. Respeitavam as ruas como um soldado respeita um general. Mas com o passar dos anos, o cansaço e a sujeira cobravam o seu preço. As festas infantis ganhavam vulto e melhoravam o orçamento mais do que o previsto. Para Guido, seria ainda mais especial, pois pediria Clarinha em casamento junto à cascata após mais de dois anos de namoro.

Na sexta-feira, Guido estava ansioso arrumando a porta da frente que começava a travar. Enquanto brigava com a porta, pensava a respeito do pedido de casamento. Já tinha feito uma lista mental de prós e contras e, apesar de sentir que ela não o amava tanto como ele a amava, tinha a confiança de que ela aceitaria.

O dia estava claro e sereno. Pássaros flutuavam aproveitando a brisa suave que vinha do sul.

Todos já haviam descido, inclusive Clélia com seu barrigão redondo, que encomendaria o berço para a tão aguardada Letícia.

A porta estava tomando mais tempo do que Guido imaginara. Após muitos minutos, conseguiu que ela deslizesse suavemente, sem arrastar no chão. Suspirou satisfeito e entrou para guardar as ferramentas. Empurrou a porta agora com um pouco mais de força só para garantir que o conserto funcionara.

Antes que descesse o degrau que separava o Casarão da calçada, fitou o carteiro gordo na casa ao lado. Ele colocava a correspondência sem nenhum cuidado, forçando até envelopes maiores a entrarem nos buracos estreitos das caixas postais, amassando-os. Para evitar que o mesmo acontecesse com sua correspondência, Guido abandonou os bons modos pulando à frente do carteiro para recebê-la em mãos.

– Pode deixar comigo – agradeceu, tomando das mãos do carteiro a correspondência dirigidas ao Casarão, em sua maioria composta de contas para pagar. No meio das contas, um envelope

vermelho chamou sua atenção. Olhou brevemente não entendendo nada o que estava escrito.

– Ei! – gritou para o carteiro.

Este deu meia-volta e passou a ouvi-lo preguiçosamente.

– Esse envelope não é daqui. Pode conferir.

O carteiro gordo segurou o envelope, como segurava suas calças que queriam escapulir, com a confiança de não ter se enganado.

– Foi enviada para esse endereço, sim. Para Clara Santana. Não mora alguém com esse nome aí?

– Mora, sim – respondeu Guido, surpreso, recolhendo o envelope com afobação.

O carteiro continuou a descer a rua balançando a cabeça, mostrando certa indignação.

As outras cartas, todas contas para pagar, já repousavam em seu bolso. Guido examinava o envelope de ponta a cabeça observando sua rebuscada caligrafia. Clara Santana. O nome escancarava bem na sua cara e ele não havia notado. Intuiu que deveria ser a resposta que Clarinha tanto esperava. Não se sentiu feliz. Fez questão de guardá-lo dentro de casa. Em seguida rumou ladeira abaixo para encontrá-la. Os dois voltaram, ela correndo como um cavalo puro-sangue e ele correndo como uma lesma lerda.

Fazia quase três anos desde que ela se inscrevera num programa para obter uma bolsa na famosa escola de circo no Canadá e só agora, tendo vencido sua perseverança, surgia uma reposta. O seu coração arriscava em dizer que era positiva. Ela abriu o envelope cautelosamente enquanto Guido sentia uma onda de aflição tomar conta do seu corpo. Sempre se perguntara como seria a vida longe de Clarinha, caso fosse para Austrália. Contudo, nem em seus mais loucos pensamentos imaginava que uma separação pudesse acontecer daquela forma, tão rápida e sem aviso.

– Vou realizar meu sonho! Vou para o Canadá! – pulava aos gritos, tirando os dois pés do chão. Fazia questão de mostrar o quanto estava feliz.

Ciente de que Clarinha ainda juntava o dinheiro com afinco, não desistindo por completo do sonho dela, Guido, desconcertado, não

sabia como agir, ele simplesmente não fazia parte do mesmo sonho. Na sua cabeça, não seria somente uma viagem, seria o fim de tudo.

Clarinha tentou fitar os olhos de Guido, que estavam direcionados para o chão.

– Você não está feliz por mim?

Guido respirou algum ar fresco. Deu-se algum tempo para pensar numa resposta apropriada.

– Claro que estou – mentiu tentando parecer o mais sincero possível.

– Vamos contar a todos. Vamos logo!

– Vai indo que te encontro lá, ainda preciso arrumar o portão.

Clarinha viu nele certo ar de decepção que contrastava com a alegria dela.

– O que foi, Guido?

– Nada – respondeu o rapaz, levantando os ombros.

– Desembucha, vai. Eu te conheço.

Assegurando não achar nenhum traço de hesitação no rosto de Clarinha, tendo a certeza de que ela viajaria de qualquer maneira, Guido decidiu de maneira rude expressar seus sentimentos. Suas palavras saíram como um jato e em tom acima do normal.

– Será que você não percebe? Tudo estará terminado entre nós e você nem liga? Só se importa em encontrar-se com aquele seu ex-namorado?

– O Adolfo não foi um namorado, foi apenas um cara com quem troquei uns beijos para vermos depois que não tínhamos nada a ver. Viramos amigos e só para o seu conhecimento, hoje ele é *gay*. E também não ficarei tanto tempo assim.

Clarinha tentava ser afável, no entanto, suas explicações surtiam pouco efeito.

– Quanto tempo? – quis saber Guido.

– Não tenho ideia ainda, talvez uns dois anos – disse baixinho, buscando não dar importância à última parte da frase.

Entretanto essa informação soou como um estrondo nos ouvidos de Guido.

– Dois anos?! – protestou Guido. Em sua mente aparecia grifada a palavra “egoísta”.

– Dois anos passam rápido, você vai ver.

Guido estava tão enfurecido na véspera do tão ensaiado pedido de casamento, que naufragava nas lágrimas de decepção que agora corriam por seus olhos. Sem estancar totalmente o pranto, conseguiu dizer:

– Sempre achei que você não me amasse quanto eu te amo, só não acreditava que me amasse tão pouco. Na verdade, nem sei mais se você me ama de verdade ou se me amou um dia.

Clarinha, sólida em seu intuito, buscava levar Guido a compreender sua posição.

– Guido eu sou muito nova, sabe? Talvez eu nunca tenha outra oportunidade como essa. Posso crescer na vida, ter uma vida melhor, você não entende?

– Oportunidade de quê, de encontrar o ex-namoradinho?

– Você está sendo imaturo! Nunca te prometi amor eterno. Sempre fiquei com você porque quis, porque gostava de você. O que você está me pedindo é para eu abrir mão de um sonho, para ficar ao seu lado. Isso eu não vou fazer. Acho que você deveria correr atrás do seu, cumprir a tal promessa e assim tocar sua vida em plenitude.

Transtornado, Guido mal continha a excitação expressa no rosto corado, enquanto ouvia a argumentação de Clarinha.

– Você quer viver com uma pessoa infeliz ao seu lado? – ela continuou.

– Não – respondeu contrariado Guido.

– Eu vou, mas eu volto e, se for para nós ficarmos juntos, ficaremos.

– Se você me amasse como eu te amo, você jamais me deixaria.

– Não é porque eu não te amo do jeito que você gostaria, que eu não te amo com tudo que eu posso – se impacientou Clarinha. – Você vai continuar me tratando assim?

– Por enquanto, sim. Não se esqueça de que quando você voltar eu posso não mais estar aqui – ameaçou ressentido.

– É um risco que corro – reconheceu Clarinha. Depois se virou e caminhou sozinha para contar a novidade também para Nadilson e

Clélia. Nada a faria mudar de ideia, pois Clarinha queria muito partir. Havia uma perspectiva de uma vida fora, completamente diferente.

Tudo transcorreu rapidamente. Conforme a partida se aproximava, Clarinha e Guido se afastavam mais e mais. Ela o encarava com um misto de afeição e desprezo. E ele a considerava a pessoa mais egoísta do mundo. Em menos de um mês Clarinha entrava no avião rumo ao Canadá. Nadilson achou tudo um tanto quanto precipitado, mas preferiu não meter a colher. Nos dias que antecederam a viagem, limitou-se a auxiliá-la nos preparativos, inclusive ajudando em algumas despesas extras que apareceram. Clélia também não tomou partido. Desejava manter-se afastada dos problemas, concentrada no bebê que estava quase chegando.

Guido ficara no aeroporto chorando, com a única promessa de que ela lhe escreveria. Lágrimas no rosto de Clarinha foram só as de alegria. Isso magoava, destroçava Guido, picotava sua vida como papel às vésperas do ano-novo. No meio da desolação, uma palavra passou a ocupar todos os seus neurônios: Austrália. A terra da promessa. A terra onde estaria junto da pessoa que mais o amou, seu pai.

Quando Feliciano morreu, Guido acreditava ser incapaz de viver sem ele, da mesma forma que hoje acreditava ser incapaz de viver sem ela, Clarinha.

Precisou exatamente de 15 segundos para encontrar a fotografia. Continuava colorida, no entanto já sem a mesma intensidade. Considerou que seu estoque de lágrimas tinha acabado, mas algumas haviam sobrado para serem derramadas em cima da fotografia antiga.

Segurando a foto com as mãos um pouco trêmulas, meditava acerca da força da promessa feita junto ao pai. Considerou que uma promessa assemelha-se à assinatura de um acordo no mundo dos negócios. Tudo fica em paz quando tudo que é tratado é respeitado. Entretanto, quando um acordo não é honrado, gera discórdia, briga entre os sócios, podendo terminar numa batalha judicial. Com a promessa é diferente. Você não pode alterar o que foi prometido, nem quem nela se envolveu. Diferente dos negócios, com a promessa não cumprida não se pode processar uma das partes.

Contudo, o não cumprimento de uma promessa tem o poder de desorganizar almas. Esse pensamento era pontuado pelas palavras do pai, que ganhavam vida em sua mente. Promessas são para serem cumpridas. Guido repetiu essa frase algumas vezes, alteando a voz a cada repetição. A promessa passava a ser seu único objetivo de vida, a ser atingido independente do coração ferido.

O juramento feito anos atrás com o dedo freado em cima do refinado globo terrestre era a dívida que precisava pagar à memória do pai. Com os brios renovados, trabalharia em dobro, recuperaria o tempo perdido. Aceitaria trabalhar em festas de segunda a segunda, não descansaria. Pretendia, a partir de então, não ficar preso a nada e nem a ninguém. Feliz ou triste. Faria isso pelo seu pai. Faria isso por ele. Não deixaria sua vida descolorir.

Bateu forte na altura do coração. Jurou que voltaria um dia para aquele aeroporto bem mais contente. Encontraria seu pai, o mais breve possível, na longínqua Austrália, na terra dos cangurus, dos coalas e hábitat do temível tubarão-branco.

Capítulo 23

Clélia acordou de bom humor pela primeira vez em três meses. Letícia, misteriosamente, não seguia seus horários rígidos e ainda dormia em seu quarto banhado de luz. Nadilson aproveitava a sinfonia do silêncio para prolongar seu tempo na cama.

Guido havia saído cedo e voltara trazendo consigo pães da primeira fornada da padaria. Embora já tivesse acabado de tomar seu café, não se levantou da mesa. Pouco tempo depois, Juca, atraído pelo cheirinho de pão quente e café fresquinho, consumia o seu desjejum. Guido observou o garoto. Nadilson tinha feito um bom trabalho, Juca era competente e bem treinado, analisou. Era o garoto talentoso que Nadilson tinha selecionado no circo para substituir Clarinha. De tão tímido, sua presença no Casarão quase que não era notada.

Juca chegou, comeu e partiu.

Guido continuou grudado na cadeira, triste e melancólico. Completava um ano e dois meses que Clarinha tinha partido. Nesse tempo todo recebeu apenas uma carta logo no primeiro mês. Todas as outras foram endereçadas a Nadilson e Clélia. Compreendeu a mensagem com clareza. Esqueça-me.

Desenhava-se no espírito de Guido um forte contraste. Enquanto seu cérebro só pensava na promessa, outro órgão do seu corpo insistia em guardar as lembranças que Guido queria esquecer. Justamente o mais ferido deles, o coração, que palpitava aflito e andava lhe tirando todo o ânimo de viver.

Seus ouvidos, assim como todos os cômodos da casa, foram avisados, aos berros, que Letícia acordara. Clélia correu para amamentá-la.

Nadilson chegou à cozinha de mansinho com olhos ainda colado pelas remelas. Com apetite voraz, comeu três pães inteiros em

segundos. Após mastigar o último pedaço, passou a examinar o homem que considerava como um irmão. Não se lembrava de tê-lo visto tão triste, nem no dia em que o recolheu em frangalhos das ruas. Hoje raramente sorria. Guido transformara-se numa pessoa amargurada.

Nadilson aceitou relativamente bem a viagem de sua irmã. Pensou que fora uma oportunidade única e que Clarinha fizera bem em abraçá-la. Entretanto, não encontrava justificativa para estar sendo tão dura com alguém para quem a vida se resumia a fazê-la feliz. O abrupto afastamento pisoteava o coração de seu amigo. Nadilson já havia a interpelado sobre isso em uma das cartas que mandou para ela, mas não obteve uma resposta convincente. Talvez no próximo mês, com a instalação de um telefone no Casarão, essa comunicação melhorasse um pouco, pensava.

– Há tempos que ando querendo ter uma conversa contigo.

Guido captou na fisionomia de Nadilson que este estava determinado.

– Ultimamente, eu e Clélia estamos vendo muita tristeza em seu rosto. O que podemos fazer para ajudar a diminuir esse sofrimento? – perguntou Nadilson, meio sem jeito, a Guido.

Guido se endireitou na cadeira e olhou para o teto, expressando desconforto. Estava repleto de sentimentos trancados, por isso resolveu desabafar.

– Nadi, eu tenho 30 anos e sinto que não construí nada nessa vida. A mulher que amo não se importa comigo, moro de favor graças a você e meus sonhos perderam sua cor. Depois que conheci Clarinha, achei que tinha algo a mais na minha vida além da promessa que fiz a meu pai. Hoje sinto que não tenho nada.

– Deixa de tolice. Você só precisa entender que a vida é feita de etapas. Cada etapa tem o seu próprio propósito. Olha a minha agora. Sou pai, preciso ficar trocando fraldas quase que de hora em hora. Um ano antes, aos sábados, eu acordava tarde. Hoje, acordo às cinco para limpar caca de um bumbunzinho que amo e me sinto a pessoa mais feliz do mundo. Após o nascimento de Letícia, tive a certeza que minha vida nunca voltaria a ser a mesma. A minha própria vida já não é mais importante. Você sabe, eu postergava ter

um filho justamente por medo de que minha vida fosse alterada. Mas certas coisas são inevitáveis, é o ciclo da vida. Deus não escreve o livro de nossas vidas de uma só vez. Escreve de capítulo em capítulo. Com ou sem percalços, Deus não para de escrever.

Guido prestava muita atenção.

– Você precisa entender que uma etapa da sua vida passou. Talvez essa seja a hora de você finalmente cumprir a promessa que fez ao seu pai e traçar um novo plano para sua vida, com ou sem Clarinha.

– Ando me sentido esgotado. Nem sei mais se ligo para essa promessa. Acho que a Austrália não me interessa mais.

– Se fosse o contrário, seu pai teria desistido?

Guido nem precisou refletir antes de responder.

– Com certeza não. Ele morreu pensando em me fazer feliz apesar de todos os contratemplos que andava passando.

– Então você precisa cumprir essa promessa e voltar a ter sonhos. Seu pai gostaria de ver você feliz de novo.

Guido fez que sim com a cabeça.

– Você precisa voltar a caminhar. Principalmente sentindo prazer na caminhada.

Guido concordou novamente.

– Você já tem o dinheiro?

– Falta pouco.

– Quanto? Eu posso ajudar.

– Não, você já fez demais por mim. É algo que preciso fazer sozinho.

Guido endireitou-se, evitando escorregar pela cadeira.

– Nadi, eu posso te confiar uma coisa?

– Qualquer coisa.

– Quando eu era pequeno, tinha um grande amigo chamado Jaiminho. Sua família, assim como a nossa, passava por sérios problemas financeiros. Certo dia ele se foi, e nem conseguimos nos despedir. Naquele dia desejei ter uma árvore de dinheiro, para evitar que meus amigos tivessem de sair dali. Nunca mais vi o Jaiminho. Também não tive tempo de me despedir do meu pai. Ele morreu pescando em meio a uma tempestade. Muitos disseram que ele

estava naquele dia pescando para juntar dinheiro para irmos à Austrália – fez uma breve pausa. – Passei então a ter muito medo de despedidas. Mas me acostumei, como meu pai me aconselhara. Depois foi o Vítor Bolão que desapareceu, agora Clarinha. Parece que as pessoas que amo estão sempre se despedindo de mim.

– Não diga isso. A vida simplesmente precisa seguir o seu rumo. Assim como você precisa seguir o seu.

Após alguns minutos de silêncio, Nadilson notou uma mudança na expressão de Guido, como se este tivesse assimilado a lição.

– Você tem razão. Preciso achar novamente satisfação em viver – concedeu Guido.

– Exatamente! Na qualidade de amigo e irmão postigo, aconselho você a ir para a Austrália. Nessa altura do campeonato, essa viagem só lhe fará bem. Vá com a certeza de que esta casa estará sempre aberta para você.

Ficaram ainda conversando por mais algum tempo. A tarde passou a galope. Os dois se arrumaram com certa pressa, pois tinha uma apresentação agendada para aquela noite. Foram ao encontro do Juca, que auxiliava Clélia a trocar a roupa do bebê.

– Precisamos partir. Uma criançada alvoroçada nos espera – disse Guido aparentemente revigorado.

Letícia, com 11 meses de vida, chorava no colo da mãe.

– Dessa vez não se esqueçam de me trazer alguns docinhos – implorou Clélia.

– Pode deixar, meu amor. Trarei tantos quantos puder.

Entram correndo no Chevette vermelho, ano 1982, que Nadilson havia adquirido recentemente, e partiram para o local onde eram ansiosamente aguardados por mais de oitenta crianças.

Tudo foi tranquilidade na festa. Os três se apresentaram impecavelmente, arrancando sonoros aplausos de todos. Deliciaram-se com alguns enroladinhos de presunto, bolinhos de aipim e empadinhas de queijo. Imploraram para levar alguns docinhos, o que foi taxativamente negado pela esnobe anfitriã.

– Estamos mais fritos que esses salgadinhos – disse Nadilson, chateado, ao ter os docinhos negados.

Nuvens engoliram a lua cheia e as estrelas desapareceram. Prenúncio de chuva forte. Recolheram os objetos de trabalho rapidamente, entraram no Chevette e seguiram em direção à Ladeira da Subida.

– Causamos uma boa impressão, não? – indagou Juca já sabendo a resposta.

– Sim. Tenho a convicção de que no próximo ano seremos convidados de novo – manifestou-se Nadilson, confiante.

Foram conversando alegremente durante todo o trajeto. Quando chegaram ao Casarão, depois das 11 da noite, viram a silhueta de um homem com uma mochila, conversando desembaraçado com Clélia junta à porta de entrada.

– Guido, você conhece aquele cara?

– Nunca o vi.

– E você, Juca?

– Também não.

– Então não estou gostando – retorcia-se Nadilson dentro do carro. – Guido, estaciona para mim – pigarreou esquecendo que seu amigo não sabia dirigir. Nadilson correu em direção à porta ao mesmo tempo em que um raio rasgava a escuridão. Guido e Juca o seguiam logo atrás.

Capítulo 24

Lucas morava agora num quarto e sala simples, alugado num bairro de classe média a vinte minutos do seu antigo apartamento.

Por um motivo que ainda não conseguia explicar, as palavras de um mágico de rua o convenceram a desistir do suicídio e o impeliram a vender seus únicos bens, um apartamento e um antiquado Maverick marrom.

Agora, treze meses depois, precisava entrar no boxe de ré, pois, de tão pequeno, era quase impossível se virar dentro dele. As privações que nos primeiros meses o deixaram de mau humor, hoje eram motivo de graça. Houve sacrifícios, mas sabia que sua sorte havia mudado.

Recordou-se então que sua fiel empregada sempre dizia que tudo na vida tinha sua razão de ser. Que Deus colocava determinadas pessoas em nosso caminho com o intuito de nos mostrar coisas que não podíamos enxergar sozinhos. Pois é, só não imaginava que seria um mágico de rua. Voltou ao cruzamento umas duas ou três vezes com o intuito de dar não somente um real, mas para oferecer mais dinheiro e contar o quanto ele o tinha ajudado, porém nunca encontrou o mágico.

Saiu do banho, enxugou-se com uma toalha felpuda vermelha. Olhou para o computador em cima da mesinha de madeira da espessura de uma folha de papel comprada numa daquelas lojas de eletrodomésticos baratos. Sem muita pressa, vestiu-se enquanto dava uma breve olhada nas informações que piscavam no monitor à sua frente. Pegou em seguida o telefone e, aliviado, discou os números lentamente e ouviu:

– Gol Corretora, boa tarde.

Pelo número do telefone, o sistema já identificava o cliente:

– Falo com o senhor Lucas de Castro Aureliano?

- Exatamente.
- Senhor, em que posso ajudá-lo?

Com a maior tranquilidade do mundo, como se estivesse a realizar o ato mais banal, Lucas ordenou:

– Pode liquidar toda a minha posição. Quero vender todas as minhas ações.

Um suspiro de satisfação escapou-lhe do peito.

- Aguarde só um instante, enquanto executo a operação.

Esperou um pouco até que do outro lado da linha chegasse a confirmação:

- Posição liquidada, senhor. Tudo vendido.
- Muito obrigado.

Lucas desligou o telefone e se sentou no sofá amarelado. Ligou a televisão e, ainda que ficasse olhando para ela, as imagens que dominavam seus pensamentos eram as da memória. Quem diria que, um ano atrás, até um nó numa corda eu tinha dado para tirar minha vida? – recordou.

Lucas queria comemorar em grande estilo. Era o dia de uma grande virada. Agarrou o telefone, pensando em ligar para única pessoa com que tinha contato, Joselina, sua empregada. Queria dividir o seu sucesso e a sua solidão. No entanto, se deu conta que ela não tinha telefone.

Desceu do apartamento e andou alguns quarteirões até chegar a uma requintada loja de roupas exclusivamente masculinas. Comprou roupas novas e um par de sapatos de couro legítimo. Olhou as gravatas. Não necessito mais delas, disse rindo de si mesmo.

Caminhou um pouco mais pela cidade, contemplando a incessante agitação dos carros, o piscar das luzes e o barulho da grande capital. Sentou-se num restaurante fino em frente à praia. Apreciou um bom vinho, acompanhado de uma truta ao molho de maracujá. Saboreava serenamente o momento de sua reconstrução.

Saciado, saiu em direção à praia, sentou-se na areia a observar as ondas. Por mais que fossem diferentes em tamanho, todas tinham o mesmo destino, quebrar-se na praia, pensou. Deitou-se e passou a olhar para o céu. A lua se fazia soberana. O tempo passava

ligeiro, mas ele não percebia. Até que não se ouviu mais barulho de carros ou de pessoas, sinal de que talvez já estivesse deitado na areia há muito tempo.

Lucas passou a reparar no som do seu coração e a recordar as experiências boas que tinha vivido, fazendo questão de deixar de lado todas as lembranças ruins. Nesse momento se lembrou do cara moreno, de fala mansa, todo pintado, numa mistura de palhaço e mágico. Apenas escutando sua respiração entendeu o mistério daquele encontro. Pensou numa palavra para resumi-lo. Sem demora, na ponta de sua língua ela surgiu – esperança.

Enquanto dizia a palavra “esperança”, uma ideia tomou com força seus pensamentos. Combinando emoção e vontade, decidiu escrever um livro para contar toda a sua experiência, da glória à queda e à volta por cima. Resolveu também que daquele dia em diante, mesmo sem saber por onde começar, faria de tudo para ter pelo menos umas mil pessoas em seu enterro, como o mágico lhe sugerira.

Voltou para casa de madrugada.

Na semana seguinte, deixou de pagar o aluguel e comprou um apartamento modesto de dois quartos, perto da praia, no mesmo bairro onde morou com seu pai. Luxo era algo que não lhe importava mais, porém gostava da proximidade do mar.

Chamou Joselina para trabalhar ao seu lado, agora bem remunerada. Além de arrumar a casa e fazer sua comida preferida, o divino risoto de camarão, ela o ajudaria com a ideia de montar uma ONG. Joselina auxiliava Lucas em tudo, exceto, justamente, no que tomara todo o seu tempo nas últimas 15 semanas: o livro.

Lucas esmiuçava a memória para não lhe fugir nenhum detalhe. O texto progredia a cada letra, a cada palavra, a cada frase. Tudo com perfeição. Após noites de organização de ideias, escrita e muita cafeína, Lucas concluiu o livro. As lições que a vida lhe ensinara estavam expressas naquelas 128 laudas.

Antes de ter seu livro publicado, o feito de Lucas já era comentado em todos os corredores dos grandes bancos e corretoras de valores. Dois executivos de recursos humanos chegaram a ser demitidos por terem feito pouco caso dele.

Foi no fim daquele ano que, em vez amarrar uma corda no pescoço e se matar, Lucas vendeu o apartamento e faturou milhões. Ele fez a proeza de transformar quatrocentos mil reais, em menos de um ano, em nove milhões de reais, operando pela primeira vez na bolsa de valores brasileira. Apesar de ter entrado num mercado de baixa, uma das maiores quedas da bolsa de valores em anos, a sua estratégia era um marco para todos investidores. No mercado financeiro, a notícia causou alvoroço, chegando rapidamente aos ouvidos de todos. E a rápida multiplicação daquele dinheiro já era apontada por corretoras e bancos de investimento como um dos maiores fenômenos já vistos. Nos últimos meses, várias matérias a respeito da sua façanha foram publicadas em revistas e sites especializados.

Sua estratégia de aplicar todos os seus recursos na compra de ações de empresas de alimentos com problemas de liquidez quando os preços das matérias-primas estavam despencando foi considerada um golpe de mestre por quase todos os especialistas. Alguns poucos preferiram falar em golpe de sorte.

Golpe de sorte ou de gênio, Lucas comprou ações dessas empresas renegadas pelo mercado por alguns centavos e as revendeu meses depois com lucros astronômicos. Ao contrário de quando quebrara, dessa vez ele se aproveitou do pânico das outras pessoas. Possivelmente porque na última investida Lucas não tivesse nenhuma razão para se desesperar, ele não tinha mais nada a perder.

Sentia-se vingado por toda a chacota de que fora alvo. Criou aversão àquele tipo de gente arrogante, que só falava de coisas superficiais como carros, casas e joias. Após ter vendido todas as suas ações, nunca mais operaria no mercado financeiro, se dedicando apenas ao livro que escreveria. Aprendera que quando as pessoas lidam com o mercado financeiro, quase sempre se convencem que não têm o bastante, levando sua vida a ser sugada pela busca de ganhar mais e mais dinheiro.

O livro era um manual do que se deve e não se deve fazer no mercado financeiro, composto com base na ascensão e queda do próprio autor. Mas, principalmente, mostrava um retrato de como a

vida podia ser volátil; de como precisávamos dar valor às coisas que não passam; de como um simples encontro despretenso tinha o poder de mudar a vida de alguém quando se está aberto a mudanças.

Seis meses depois da primeira frase, o livro estava revisado e pronto. Lucas não teve dificuldade em publicá-lo.

Cinco meses mais, foi o tempo necessário para que o livro alcançasse as primeiras posições nas listas de mais vendidos e obtivesse excelentes críticas nos jornais e revistas. Lucas estava orgulhoso de si e decidiu que não precisava dar maior atenção aos jornalistas. Depois de muita insistência, porém, considerou dar uma única entrevista para um jornal que nem admirava tanto, apenas porque simpatizava com o gentil e baixinho repórter que a pedira.

O verão já havia acabado, mas ele custava a passar de verdade. Lucas sentia-se contente pela entrevista que dera ao cordial jornalista, que o deixara falar com naturalidade. E porque o interesse agora não era mais pelo seu sucesso no mercado financeiro, mas pelo livro que não parava de vender. Mesmo após o término da entrevista, permaneceu sentado na mesa do bar saboreando a última colherada de uma deliciosa torta de limão.

Agora ainda mais rico em função do sucesso literário, só pensava em sua ONG e, conseqüentemente, em garantir a afluência de muitas pessoas em seu enterro.

Quando lhe perguntavam como mudou de ideia e não se suicidou, Lucas era enfático:

– Compre o livro.

Em menos de um ano o livro *O investidor e o mágico* passara da marca de dois milhões de exemplares vendidos. Sucesso extraordinário.

Mas quando o repórter no bar lhe perguntou quem era o mágico a que ele se referia, Lucas respondeu sorrindo:

– Ninguém mais do que eu gostaria de saber. Ainda devo para ele um real.

Lucas entenderia mais tarde que a curiosidade dos jornalista não conhece limites.

“O mágico mexeu muito comigo, suas palavras me fizeram pensar muito sobre as coisas, mas por si sós não mudariam a intenção de me matar. O que ele me disse que realmente foi decisivo é que na vida precisávamos somente de ar, água e comida. Ali ao lado da cadeira já com a corda preparada, tirei uma barra de cereal toda amassada do bolso e enxerguei além de suas palavras. Dei um bico na cadeira e resolvi vender as únicas coisas que ainda tinha e comprar tudo em ações daquelas empresas de alimentos, pois sem comida ninguém vive”.

O investidor e o mágico.

Capítulo 25

Nadilson colocou a mão nos ombros do homem desconhecido e, com um movimento brusco, o fez virar.

– O que você quer com ela?

Uma chuva fina começou a cair.

Guido também encarou o homem com rispidez.

O homem abriu a boca para responder quando foi interrompido pelo tom de voz brando de Clélia.

– Está tudo bem. Fiquem calmos.

Se Clélia estava calma, talvez não houvesse motivo para preocupação, pensou Nadilson.

O rapaz moreno de óculos apresentou-se como jornalista. Tinha uma baixa estatura, muito provável que não passasse de 1,60m. Seus cabelos pretos eram esculpados por um gel fixador. Trajava uma calça justa de jeans e uma camisa básica azul-piscina.

– Meu nome é João Paulo. Desculpa aparecer assim tarde da noite na casa de vocês. Eu não podia deixar a oportunidade escapar.

– Oportunidade de quê? – Nadilson quis logo saber.

– Sou jornalista. Como vocês sabem, vivemos de boas histórias.

Houve um momento de silêncio. Todos se entreolhavam fazendo gestos, sem entender. A visita interrompeu o silêncio para entrar de sola no assunto.

– Você é Guido, o mágico, não é? – disse o repórter, fixando os olhos diretamente nele. A cartola nas mãos de Guido o denunciava.

– Sim – respondeu Guido surpreso. – Não estou entendendo. Do que estamos falando?

– Já vou explicar. Primeiro só me responde uma pergunta.

– Ok. O que mais você quer saber?

– Em dezembro do ano retrasado, você estava fazendo uma apresentação de mágica na rua, não estava? Lembra de um cara

num carro marrom antigo?

Guido pensou durante um tempo. Um milhão de carros já tinham passado por ele.

– Várias pessoas em vários carros de cores diferentes falavam comigo diariamente no sinal.

Imagens de rostos apareciam na cabeça do mágico, como se a polícia os estivesse exibindo para uma vítima ou testemunha de um crime fazer o reconhecimento.

O jornalista percebeu nas feições de Guido que ele não se lembrava.

No jornal onde João Paulo trabalhava, consideravam-no um jornalista ousado e de grande capacidade de investigação. Seu faro para grandes matérias fora responsável por transformar um jornal sem expressão em um importante diário de notícias. No começo, só cobria temas relacionados ao cotidiano da cidade, mas agora virara repórter especial, com liberdade para explorar o que bem entendesse.

A chuva aumentou seu ritmo e todos tiveram de entrar. Acomodaram-se no sofá e nas duas cadeiras que se encontravam ao lado.

– Um homem loiro que deixou de te dar um real, pois havia esquecido a carteira, lembra?

Guido colocou a mão no queixo, lançando um olhar curioso na direção do jornalista.

– Me lembro, era o rapaz que tinha umas manchas brancas nos braços e em volta dos olhos.

O jornalista só faltou pular de alegria. Tais palavras lhe trouxeram a certeza de que matara a charada. A matéria iria se realizar.

– Então, naquela tarde, ele estava decidido a cometer suicídio, mas desistiu depois da conversa que teve com você.

Clélia e Nadilson cravavam o olhar no jornalista, interessados no desenrolar da história.

– Nossa, bem que eu reparei que ele parecia meio inquieto, perdido. Dava para sentir que do carro emanavam aborrecimentos,

decepções – disse Guido, agora com a lembrança mais clara em sua mente.

O jornalista concordou com a cabeça. Embora não fosse sentimental, sentia-se contente em contar o desenrolar da história.

– O mais engraçado de tudo você não sabe. Lucas, é esse o nome dele, além de não ter se matado, usou algo que você lhe disse e acabou ganhando muito dinheiro.

– Caramba! O que você disse a esse cara que você nunca me disse? Os números da loteria? – brincou Nadilson.

– Tem mais ainda – recomeçou o repórter, notando a excitação geral.

– Mais? – perguntaram todos ao mesmo tempo.

– Lucas escreveu também um livro, em que contou toda essa experiência e que já vendeu milhões de exemplares, um sucesso estrondoso.

Guido olhou para Nadilson espantado. Clélia agora amamentava Letícia no quarto, mas de lá continuou ouvindo tudo com espanto. Juca quase caiu da cadeira. Não pela surpresa, mas por ter se desequilibrado.

– Vocês conseguem imaginar o nome do livro?

Por alguns instantes, todos colocaram a imaginação para funcionar. Contudo, ficaram encabulados, com medo de que suas conclusões parecessem idiotas.

– Pessoal, fala o que vier na mente. Não precisa ficar encabulado – incentivou João Paulo.

Nadilson foi o primeiro.

– A morte pedia carona, mas eu não dei – disse soltando uma gargalhada. – Estou brincando, não faço ideia.

O jornalista sorriu, achou o título espirituoso. Seu tom de voz manso foi deixando todo mundo mais à vontade.

– Belo título, mas não foi esse o escolhido.

Juca especulou confiante.

– Eu era rico e não sabia.

– Chegou mais próximo.

Uma rajada de som saiu do quarto.

– A mágica de minha vida – disse Clélia, por incrível que pareça, abafando a própria voz.

– Está cada vez mais próximo. Guido, alguma sugestão?

As memórias daquele dia de dezembro ocupavam todos os seus neurônios, não dando espaço para a imaginação.

– Na verdade, não faço a mínima ideia – confessou Guido.

O jornalista resolveu esticar um pouco mais o suspense. Quando a curiosidade de todos parecia chegar ao máximo, ele soltou com entusiasmo:

– “O investidor e o mágico”.

Clélia deu uma risada escandalosa, acordando a pequena Letícia de seus sonhos. Guido alegrou-se ao conhecer o título. Lucas não podia ter escolhido um melhor, pensou. Nadilson continuava a pensar em títulos mais criativos.

– O investidor todos já conhecem. Agora as pessoas descobrirão quem é... – João Paulo hesitou um pouco – se você nos permitir, é claro, revelar quem é o mágico. – Mas não perdeu a oportunidade de informar: – Você sabia que ele te procura há um tempão para te pagar o real que acha que te deve?

– Sério? Persistente, esse escritor – disse pra ele que não precisava.

– Aceitaria me conceder uma entrevista?

– Sim, sem dúvida.

– Obrigado, não tenho como agradecer.

O clima melhorou ainda mais depois que todo comeram um delicioso bolo de fubá, regado por um refrigerante com gelo a sair do copo.

Em seguida, a entrevista começou. Nadilson, Clélia e Juca saíram da sala, deixando os dois bem à vontade. Guido no sofá e João Paulo sentado à sua frente na cadeira bamba, que não por culpa de Juca, balançava ao seu bel-prazer. O jornalista segurava numa das mãos um pequeno gravador e na outra um bloco de anotações que apoiava na cadeira ao lado.

– Se importaria se eu ligasse o meu gravador?

– Não, pode ligar.

A seguir, o jornalista baixinho fez uma série de perguntas. Queria saber a idade, onde nasceu, grau de escolaridade e outras coisas sobre Guido. As respostas lhe agradaram muito. A história do mágico soava interessantíssima. O episódio do juramento ao seu pai daria ainda mais molho à matéria, comemorou.

– Guido, agora eu gostaria que você me contasse tudo o que lembra da noite do encontro. Tudo mesmo. Até de pequenos detalhes que podem ser de extrema importância.

– Certo – Guido pareceu pedir um tempo para organizar seus confusos pensamentos. Calmo e sem improvisos, avaliava o que seria relevante.

– No começo, a luz do farol carro me cegou. Em seguida, fui em sua direção...

Depois de mais de duas exaustivas horas de interrogatório, a entrevista chegou ao fim.

Todos voltaram para a sala. A chuva do lado de fora diminuiu de intensidade.

Enquanto João Paulo, cansado mas feliz, ainda guardava seus objetos de trabalho na mochila, todos já estavam de pé para despedida. Inclusive Letícia, com seu pijaminha estampado de fada. Todavia uma das pessoas estava agitada. Enquanto esperava a entrevista acabar, uma pergunta na cabeça de Nadilson não se calava.

– João Paulo, já estamos fora das ruas há mais de um ano, como você nos achou? – Nadilson se sentiu um detetive de filme policial, gênero de que tanto gostava, após soltar a pergunta.

O jornalista valorizou o seu trabalho.

– Não foi tarefa das mais simples. Dirigi-me ao cruzamento das ruas indicado por Lucas, sem sucesso. Andei bastante pela cidade. Vi inúmeros artistas circenses, mas ninguém com as características mencionadas por ele. Mas tive uma intuição. Procurar nos circos. Visitei três circos na última semana. Nos dois primeiros, não obtive nenhuma pista. Estava exausto e desanimado. A matéria não sairia se não encontrasse o mágico. Porém, ontem, ao visitar o terceiro circo, fui recepcionado por uma senhora exótica. Cigana, como logo descobri. Não precisei fazer mais do que uma pergunta: A senhora

conhece um mágico, que se apresentava nas ruas... Antes que eu terminasse, ela segurou minhas mãos com delicadeza.

– Mama! – adivinhou Clélia.

– Só pode ser – Nadilson levantou as sobrancelhas, alegrando-se.

– Não foi a Mama? – indagou Clélia, ansiosa por confirmação.

– Sim, era exatamente esse o nome dela. Segurou minha mão direita virando a palma para cima. Achei intrigante sua atitude, não posso negar. Mas o mais intrigante, e olha que eu não acredito em clarividência, foram suas palavras.

– O que foi que ela disse? – perguntaram todos em uníssono.

– Leu nas minhas mãos que eu progrediria muito em minha carreira se terminasse o trabalho que eu estava fazendo. Achei até que se tratava de um golpe, não nego. Antes que eu fizesse outra pergunta, escreveu num pedaço de papel de biscoito de polvilho um endereço. Depois não disse mais nada, apenas se retirou. Achei tudo muito estranho, surreal. Não levei muita fé, mas enfiei mesmo assim o papel no bolso. Descansando esta tarde no meu escritório, encontrei de novo o pedaço de papel com o endereço jogado no meio da minha bagunça e me perguntei: Por que não tentar?. O endereço do papel me trouxe até aqui.

Após a narrativa do jornalista, fez-se uma fila para os apertos de mão.

Ao chegar a vez de Guido, João Paulo, dispensando cerimônia, talvez porque estivesse superempolgado pelo o sucesso que a reportagem faria, talvez por emoção mesmo, foi além do aperto de mão e abraçou o mágico calorosamente

– Guido, essa sua história é fantástica. Obrigado pela sua paciência. Obrigado pela paciência de todos – disse depois de desfazer o abraço.

– Não precisa me agradecer, foi um prazer. Existe alguma previsão de quando a matéria vai sair?

– Demora um pouquinho. Depois de redigida, passa pelo editor, que define a melhor oportunidade de publicá-la. Mas pode deixar que, assim que tiver alguma posição, eu entro em contato com vocês. Ah, já ia me esquecendo, posso tirar uma foto sua?

– Claro – Guido respondeu abotoando a camisa e arrumando o cabelo.

Após alguns cliques, uma ideia óbvia passou pela cabeça do jornalista. Uma ideia que o alegrou profundamente.

– Guido?

– Sim?

– Um dia posso marcar o reencontro de vocês dois?

O jornalista abriu um largo sorriso.

– Por que não?

João Paulo agradeceu mais uma vez e tirou um livro de capa dura laranja da mochila. Seu título: *O investidor e o mágico*.

– Toma. Este me foi dado e autografado pelo próprio autor. É um presente pra você.

– O Lucas mesmo?

– Sim.

Os dois trocaram um sorriso.

– Muito obrigado – Guido agradeceu, entusiasmado. – Apesar de muito tarde, vou começar a ler agora mesmo.

O jornalista atravessou a porta certo de que marcara um golão. Tinha nas mãos uma matéria sensacional para o público e uma notícia maravilhosa para investidor. O mágico havia sido finalmente encontrado.

Capítulo 26

Lucas acabara de receber uma ligação. Ao desligar não conseguia esconder a satisfação. Andava de um lado para o outro, que nem carrinho de bate-bate.

Joselina notou toda aquela agitação e torceu para que fosse uma boa notícia.

– Você poderia me dizer o que está acontecendo?

– Sabe o mágico do livro?

– Claro, não vai me dizer que o encontraram? – perguntou animada.

– Finalmente – respondeu Lucas exultante.

Joselina, admirada, olhava para Lucas, que, normalmente tão retraído, agora dava pulos no ar. Não conseguiu mais ver a sisudez em seu rosto, traço tão típico de sua personalidade.

– O João Paulo garantiu que vai sair uma matéria no domingo contando tudo.

– Já neste domingo?

– Isso mesmo. Disse também que um reencontro nosso poderá até render uma matéria na televisão.

Apesar dos insistentes apelos de Lucas para que ela fosse morar com ele, Joselina nunca deixava de voltar para sua pacata casa no subúrbio todos os fins de tarde. Sabia que hoje era a única pessoa em que Lucas realmente confiava. Talvez a única pessoa de verdade que ele confiara em toda a sua vida. Cuidava da casa e de todos os pormenores que faziam parte do dia a dia dele com total dedicação.

Lucas saiu de casa descabelado, antes do nascer do sol. O friozinho da madrugada retirava fumaça de sua boca. Ficou a esperar a banca de jornal abrir por uns dez minutos, enquanto abraçava-se buscando se aquecer. O italiano careca, dono da banca, surpreso com a presença extemporânea do cliente loiro de olhar

esquisito, descobriu o que ele queria e vendeu o jornal antes mesmo de abrir a banca.

Lucas pegou o jornal, passou na padaria e comprou um sonho recheado de doce de leite. Comeu ali mesmo, a seco. Solicitou duas rosquinhas de canela para viagem. Joselina adorava rosquinhas. Perdeu algum tempo falando com o porteiro sobre futebol e em seguida subiu para ler a matéria que o deixara tão ansioso.

Ajeitou-se na cadeira com forro de veludo que ainda guardava o cheiro de nova. Cruzou as pernas e passou a folhear o jornal com paciência cada vez menor, porque teve um pouco de dificuldade para achar a matéria. Acreditara que a localizaria na parte de literatura, o que não ocorreu. Depois de algum tempo, encontrou o que procurava no caderno de economia. Tratava-se da matéria de capa da seção e tomava umas três páginas.

A primeira coisa que procurou foi a foto do mágico, para se certificar de que era o mesmo que conhecera no sinal. A confirmação o deixou feliz. Gostou também da própria imagem estampada no jornal, na qual ele aparecia sorrindo, contente. Ele achou a foto positiva e, melhor, não chamava atenção para as manchas do vitiligo. Enquanto isso, Joselina devorava suas rosquinhas com um café forte, sentada na cozinha. Lucas continuou sua leitura calmamente. Descobriu que em breve Guido estaria viajando para a Austrália, para cumprir uma promessa que havia feito ao pai, já falecido. Julgou a história da promessa bem interessante. Chegando à parte em que o mágico dizia o pensava sobre ele, Lucas, achou muita graça, porque já não era o cara arrogante e presunçoso descrito por Guido. Você é uma nova pessoa, pensou, e ele vai descobrir isso quando nos encontrarmos de novo.

A reportagem então passou a retratar o passado de Guido. Nos primeiros dois parágrafos, a visão de Lucas de repente começou a embaçar. Seu coração se acelerou, ele só teve a chance de chamar por Joselina. Desmaiou, tombando da cadeira e batendo com a cabeça na quina da mesinha de canto e com uma das faces no chão. Joselina desesperada pegou o telefone tremendo. Uma ambulância estava a caminho.

Em menos de trinta minutos chegaram ao hospital. Enquanto Lucas era levado ao pronto-socorro desacordado, Joselina resolvia a parte burocrática que lhe cabia. Preencher uma ficha com os dados do paciente e apresentar a carteirinha do plano de saúde. Sentada, esperando sua liberação para estar com Lucas num daqueles quartos limpos e sombrios de hospital que tanto detestava, pensava na causa daquele incidente. Contudo não encontrava uma explicação plausível. Lucas tinha feito um check-up completo dias antes e apesar de não se alimentar apropriadamente e não fazer exercícios com frequência, ele era uma pessoa que se cuidava. Será que foi a emoção da matéria do jornal? Depois de algum tempo aguardando na recepção, pôde enfim se dirigir ao quarto 406 que ficava no lado direito do corredor com uma sala de enfermeiros no final.

A aparência de Lucas era horrível. Havia hematomas em toda a sua face direita, justamente o lado que foi de encontro ao chão. Joselina reparou num inchaço perto da testa, provavelmente fruto da batida na quina da mesinha. Apesar de péssima aparência de Lucas, os médicos logo tranquilizaram Joselina, dizendo que provavelmente não passava de um aumento repentino de pressão. Já o tinham medicado e logo Lucas estaria bem. Ela então se acalmou ajeitando-se na cadeira de couro reclinável. Pobrezinho, pensava Joselina. Seria só pressão mesmo? Preciso parar de pensar, pois daqui a pouco começam as suposições que nem quero cogitar. É por isso que detesto hospital, reclamava para si mesma.

Após duas horas, os olhos de Lucas se abriram lentamente. Estava zozinho, mas reconheceu sua fiel companheira.

– Jô, como eu vim parar aqui?

– Eu também ainda não sei. O que houve, meu garoto?

A face de Lucas mostrava certa confusão.

– Isso é necessário? Não podemos ir embora?

– Precisamos esperar os resultados dos exames. Se não encontrarem nada de grave, poderemos voltar para casa.

– Me sinto grogue.

– Deve ser pela medicação que te deram.

Lucas levantou a cabeça para o teto, buscando no fundo de sua mente entender o ocorrido.

– Eu estava lendo o jornal e depois não me lembro de mais nada.

– Sim, lendo a matéria. Você falava alguma coisa dela – Joselina tentava ajudar.

– Joselina, sabe o mágico?

– O que tem ele? – perguntou curiosa.

Lucas foi ficando pálido. Novamente sua respiração o deixava. Joselina saiu em disparada, gritando pelo corredor à procura de um médico.

– Por favor, rápido, alguém me acode aqui! – gritava e gritava.

O médico observou os sinais vitais de Lucas, no monitor aparecia um pico em seus batimentos. Colocou um remedinho bem debaixo de sua língua.

– Ele anda passando por alguma situação de estresse? – perguntou o médico.

– Não nesse momento – respondeu Joselina escondendo que Lucas estivera acordado minutos atrás.

Joselina deixou o hospital por alguns minutos, saindo pelas ruas, à procura de algum jornaleiro. Não tardou em achar um imediatamente na esquina. Comprou o jornal e apressadamente retornou para dentro do quarto preocupada em não deixá-lo sozinho. Lucas ainda dormia. Joselina folheou o jornal de maneira brutalhada até dar de cara com o caderno de economia, que passou a ler. Sabia que algo publicado ali estava mexendo com Lucas e ela tentou descobrir o que era. O silêncio no quarto só era interrompido pelas fofocas nos corredores e por macas com rodas barulhentas. Sentada na cadeira reclinável, Joselina se esforçava em ficar com a coluna reta. Ao chegar à segunda página da matéria, lágrimas começaram a escorrer do seu rosto, deixando o jornal todo respingado. Procurou sem sucesso um lenço ou coisa parecida. Encontrou apenas algumas gazes que serviram para o seu propósito. Não desmorone, dizia para si mesma. Compreendia finalmente a causa do colapso de Lucas. Apertou a campainha chamando novamente o médico, contudo, dessa vez, quem precisaria de cuidados seria ela própria.

Capítulo 27

Milton era jovem, moreno, alto, cabelos castanhos, olhos cor de mel e corpo escultural, arrancando suspiros das poucas mulheres que trabalhavam com ele. Apesar da pouca idade, trilhava um caminho promissor na empresa. Engenheiro capaz e inteligente, para ele o chamado “milagre econômico” fora realmente muito bom. Agora, além de ter um cargo de gerência, seu salário havia triplicado e, mesmo com toda a inflação, tinha uma vida de luxo. Com sua esposa Ângela, viajavam para o exterior duas vezes por ano, moravam numa das esquinas mais caras da capital e tinham acabado de comprar uma casa de três andares em frente à praia em Esperança do Leste. Muito mais para se exibir do que por vontade legítima de usufruir dela. Afinal, todos os seus amigos de empresa tinham uma casa de veraneio e ele não queria ficar por baixo. Quando caía na real pelas despesas e pelo trabalho que uma casa de veraneio dava, Milton costumava perguntar: “Para que ter uma casa na praia se nós já moramos em frente à praia?”. A resposta era conhecida: “Gente próspera tem casa de veraneio” era o que sempre lhe dizia Ângela.

Haviam combinado que assim que o carro novo chegasse da concessionária, aproveitariam o primeiro feriadão e rumariam a Esperança do Leste. Aliás, após a compra da casa, nunca tinham passado mais de dois dias por lá.

Lugar belíssimo por suas praias e muito procurado por turistas, Esperança do Leste ficava a duas horas e meia da capital. Contava com duas belas e longas praias com areia branquinha separadas por um morro, onde se instalara uma Igrejinha que parecia observar com zelo toda a cidade. No canto de uma das praias, o mar avançava formando uma linda e cristalina lagoa. A paisagem era linda, mas o mar constantemente agitado, o que tornava as praias

perfeitas para a prática do surfe, o que atraía muitos jovens surfistas e hippies o ano todo. Com poucos moradores, na maioria pescadores, era um lugar perfeito para descansar e comer peixes e frutos do mar sempre frescos.

O feriado de 7 de Setembro, que naquele ano cairia numa sexta-feira, se aproximava. Ângela mostrava-se sorridente: teriam quase quatro dias só para eles, sem ninguém, só na companhia do sossego. Combinaram que naquele feriado Milton não pensaria em trabalho.

Para quem queria esquecer do dia a dia estressante, a casa apresentava uma vantagem a mais, não tinha telefone. Mesmo assim, Ângela sabia que, se não se impusesse, seu marido arrumaria um jeito de trabalhar abraçando algum orelhão.

Ultimamente, Milton fazia tudo o que ela queria, compensando assim a ausência constante e a falta de atenção. Aquela viagem, portanto, seria uma oportunidade perfeita para ele demonstrar o quanto a amava e o quanto estava feliz com a gravidez da mulher. Deixou tudo arrumado no trabalho para, na quinta-feira mesmo, depois do expediente, estar na estrada rumo a Esperança do Leste.

Ângela, mais ansiosa do que de costume, lera no jornal a previsão do tempo, que prometia um feriadão ensolarado. Enquanto arrumava as malas, deixava Joselina louca pedindo tudo ao mesmo tempo. Agora precisava mais do que nunca da ajuda da empregada. Se estivesse em condições normais, em meia hora as duas malas estariam prontas. Contudo, com a gravidez, qualquer atividade, por mais simples que fosse, lhe parecia uma tarefa colossal. Com ou sem razão, ela achava Joselina um pouco lerda, mas muito prestativa e confiável. Não demorou mais que duas horas para as malas ficarem prontas, mas mesmo assim Ângela reclamava, dizendo que a pobre Joselina havia esquecido de incluir um dos seus caros perfumes importados.

Impossível Ângela passar despercebida. Mulher exuberante, alta, olhos azuis, cabelos loiros e escorridos, elegante, o que se poderia chamar um avião. Desde criança, ciente de seus encantos, tinha a convicção de que no dia que desejasse, poderia seduzir o homem com quem se casaria. Nunca dera ouvidos à sua mãe e a

algumas de suas amigas, que insistiam em dizer que as mulheres de hoje em dia precisavam ser independentes. Quando ouvia tais argumentos, dizia que nascera exclusivamente para casar e ter filhos. Arrumaria um homem que a amasse e que a sustentasse para construir uma próspera família. Milton fora o escolhido.

Em sua cabeça, eles teriam um menino. Lucas era o nome escolhido. Se fosse menina, se chamaria Francesca. Tudo estava pronto, agora só bastava esperar o telefonema do marido para desfrutar de um feriadão inesquecível.

Ângela era a agitação em pessoa, mas normalmente evitava ficar chateada com os atrasos do marido, sabia que eram coisas do trabalho, que uma esposa dedicada precisava compreender. Entretanto, daquela vez não toleraria atraso. Cheia de dores nas pernas e na coluna, penou aguardando na portaria do prédio, sentada em um banco de cimento sem nenhum acolchoamento. Sua ira e seu desconforto progrediam a cada minuto. Pensou em retornar com as malas, mas não podia mais, já havia dispensado Joselina.

Milton não suportava mais assinar papéis. Irritado, havia ligado há quase uma hora pedindo a Ângela para descer, porém os problemas pipocavam justamente na hora em que estava de saída. Terminados os contratemplos, desligou a luz do escritório correndo para seu moderno carro vinho. Previa muitas reclamações, mas o feriado se serviria justamente para isso, para redimi-lo.

Quando Milton chegou, Ângela bufava, vermelha de raiva, mas se controlou-se e não explodiu. Ela também tinha esperança no feriado. Mesmo assim, enviou um olhar medonho na direção de Milton, que de antemão se via encrocado. Ela pediu para o porteiro colocar as malas no carro e depois respirando fundo tentando disfarçar o descontentamento entrou no carro.

Ângela tinha a noção de que nesses últimos dias andava intransigente, todavia o marido não fazia nada para ajudar. Milton, que conhecia bem a mulher, se desculpou e prometeu se esforçar mais para chegar em casa na hora marcada, culpando a secretária pelo último atraso. Em dez minutos o clima começou a desanuviar e os dois passaram a conversar normalmente. Contudo, a irritação de

Ângela deu novos sinais de vida diante do engarrafamento que o casal enfrentou logo nos primeiros quilômetros.

Todo feriadão ocorria o mesmo. Carros buzinavam em longas filas, que pareciam não se mexer. Demoraram uma hora até atravessar o pedágio. Ângela demonstrava impaciência, prevendo que o engarrafamento se estenderia por toda a estrada. Cansada dos faróis que cegavam seus olhos e das motocicletas barulhentas que insistiam em passar espremidas no meio dos carros, Ângela sugeriu interromper a viagem para uma parada providencial ao banheiro. Milton assentiu, também cansado das quase três horas de viagem. Jogou a seta e virou em direção a uma lanchonete despreziosa.

Também chateado com o congestionamento, Milton resmungava dizendo que estava de saco cheio e que venderia a casa que acabaram de comprar. Um motorista de pele enrugada ouvindo aqueles lamentos resolveu intervir:

– Foi uma carreta que tombou no alto da serra, acabei de passar por lá – disse claramente cansado.

– No alto, é?

– Isso mesmo. A Polícia Rodoviária conseguiu desobstruir uma das pistas. O trânsito está no sistema pare-siga. Acho que vai demorar algum tempo para se desobstruir a outra faixa.

– Fila indiana até o alto da serra por pelo menos mais uma hora! – disse Milton, estressado, imaginando o valor que pediria pela casa.

Ângela voltou do banheiro. Milton pagou a conta e se dirigiram ao carro.

Quinze minutos após deixar a lanchonete, para surpresa de Milton, Ângela começou a cantar. Milton gostou e passou a acompanhá-la. Cantaram músicas de quando se conheceram. As dos Beatles eram as preferidas. Parecia que tudo tinha desaparecido, os faróis, o barulho, o engarrafamento e a irritação. Eram unicamente duas vozes felizes a cantar. Ao chegarem ao alto da serra, a Polícia Rodoviária deu-lhes a ordem de parar. Estava na hora de os carros no sentido seguirem. Mas o atraso deixara de ser um problema para suas contentes almas. Ficaram aguardando por cerca de dois

minutos até que a ordem de partida lhes foi sinalizada. No relógio de Milton passava da meia-noite.

– Agora, em menos de vinte minutos, estaremos em Esperança do Leste – disse Milton aliviado.

– Rumo ao sossego! – exclamou Ângela, suada.

Milton acelerou o carro pegando a estrada praticamente vazia. A barulheira que feria os seus tímpanos agora dava lugar às melodias que saíam docemente de suas bocas. Continuavam a cantar cada vez mais alto e a balançar seus corpos, como se estivessem dançando em uma festa agitada. Poucos quilômetros depois, avistaram uma placa luminosa que indicava a saída para a cidade de Esperança do Leste.

Sorrindo um para o outro, com a maresia já entrando pelos vidros do carro e o som alegre de suas vozes ainda no ar, finalmente tomaram a saída para a cidade do sossego. Entretanto, antes que Milton conseguisse embicar totalmente o carro, um caminhão desgovernado vindo em direção contrária, cruzou a pista cessando o som de seus lábios. A música dava lugar a um silêncio devastador, só quebrado pelo o barulho do ferro retorcido e dos gritos de dor dentro do carro.

Capítulo 28

Lucas se encontrava lúcido depois do grande susto. Deixando a cama desconfortável do hospital, só queria estar novamente no aconchego de casa. Joselina chamou um táxi, que chegou num piscar de olhos. No trajeto, ela brigava com o silêncio, com as palavras querendo saltar de sua boca. Por um momento, sentiu um pouco de pena dele. Talvez a perda da mãe e a indiferença do pai tenham deixado ele assim, desconfiado e irrequieto, sem amigos. Mesmo que agora tenha dado passos em busca de mudança, desconfiar das pessoas o fazia sempre caminhar lentamente.

Chegaram e subiram ao apartamento. Lucas sentou-se mudo e pensativo no sofá. Ainda derrubado, buscou adormecer, mas não teve êxito. Sua mente gritava cada vez mais alto, era impossível desviar de tal pensamento, de inusitada coincidência.

– Jô! – tentou falar o mais alto que podia.

– Estou aqui – prontificou-se Joselina, sentada à mesa de vidro redonda bem atrás do sofá.

– Vou te contar uma coisa que você não vai acreditar.

O rosto dela parecia confuso só de pensar na ideia.

– Imagino o que seja. Comprei o jornal e li enquanto você dormia no hospital.

– Será possível que o mágico, o Guido, seja o filho do homem que salvou a minha vida 31 anos atrás em Esperança do Leste?

Lucas olhava apático, esperando que Joselina dissesse alguma coisa.

– São coincidências demais para serem apenas coincidências. Não creio que exista outra pessoa na terra com uma história tão parecida e que se encaixe com tamanha precisão com a sua vida.

Depois de dar sua opinião, Joselina sentiu um frio correr pela espinha. Ela acreditava que tudo tinha um propósito, mas naquele

caso parecia existirem dois. O mágico, de alguma maneira, havia salvado a vida de Lucas duas vezes.

– O inesperado sempre me assustou – disse Lucas depois de meditar.

– De alguma forma, vocês precisavam se encontrar. Os caminhos de Deus ninguém conhece, não é mesmo?

– Pode ser – consentiu Lucas, embora não quisesse envolver Deus na história. – Quando abaixei o vidro do carro, senti, mesmo que eu não acreditasse muito nessas coisas, que uma conexão ficou aberta.

– Talvez agora, de alguma forma, você precisará fechá-la.

– É, eu preciso encontrá-lo. Agora já é bem tarde, amanhã vou ligar para o João Paulo bem cedinho e pedir o endereço do mágico. Você viria comigo? – indagou, parecendo um tanto receoso.

– Claro que sim – assegurou Joselina.

Lucas aproveitou-se da situação e de seu estado debilitado.

– Pode fazer um favor para mim?

– Sim, qualquer um.

– Dorme aqui hoje. Não quero passar esta noite sozinho, estou muito ansioso.

– Você está se aproveitando de mim – disse Joselina rindo.

Lucas passou a noite em claro, lendo a matéria mais duas outras vezes. Abriu a geladeira outras três vezes sem saber exatamente o que estava querendo. Quando Joselina acordou, para sua surpresa, toda a mesa para o café estava pronta.

– São oito da manhã. Você anda acordando muito tarde – disse Lucas, divertindo-se com a cara de surpresa de Joselina.

– Engraçadinho...

Tomaram o café e, após algum tempo, ele pegou o celular.

– João Paulo? Lucas. Tudo bem? A reportagem foi um sucesso? Que máximo! Foi vendida até para jornais estrangeiros? Legal! Como? Televisão?

– Sim, televisão – respondeu João Paulo.

– Ótimo. Preciso lhe contar uma coisa. Preste bastante atenção. O jornalista ouvia interessado.

– Sabe o garoto que, segundo sua matéria, o pai do mágico salvou num hospital?

– O que tem ele?

– Possivelmente esse garoto sou eu. Melhor, com certeza sou eu – disse enchendo os seus pulmões.

O jornalista ficou calado por uns segundos mastigando a informação que ouvira. Sua expressão era de perplexidade.

– Como é que é? Você era o bebê que nasceu do parto que o pai do Guido pediu para que fosse feito antes do parto do próprio filho? – buscou confirmação para o que havia acabado de ouvir.

– Sim, entende agora? Ele de alguma forma salvou minha vida duas vezes.

Para o jornalista, a história que já era sensacional ficara ainda melhor.

– Inacreditável, precisei até sentar – disse o jornalista trêmulo.

– Que coisa fantástica!

– Então, preciso encontrá-lo de qualquer jeito. Você pode me dar o endereço da casa dele?

– Até posso, mas não vai encontrá-lo lá.

– Como assim?

– Acontece que faz uma semana que ninguém tem notícia dele. Fui lá ontem falar do sucesso da matéria e também para perguntar se ele podia participar de um programa de televisão...

– Será que ele foi para Austrália, como disse no jornal? – cortou Lucas.

– Seria até possível, embora os amigos que moram com ele tenham dito que ele ainda não tinha todo o dinheiro para isso. Mas pode ser que tenha arrumado de alguma forma, nunca se sabe.

– O que podemos fazer?

– Esperar, meu caro.

Capítulo 29

Mais de dois anos já tinham se passado e Clarinha achava difícil entender o que ainda estava fazendo naquela cidade. Abriu a janela para entrar algum ar. Fazia uma noite quente em Montreal. Jantava com a televisão ligada sentindo certa tristeza por comer sozinha. Mudou de canais algumas vezes quando, de repente, uma reportagem chamou sua atenção. Algo relacionado ao Brasil. Aproximou-se da televisão com um prato de macarrão em uma das mãos e o controle remoto na outra.

Apesar do seu sofrível francês, conseguiu entender que se tratava de um escritor brasileiro de quem nunca ouvira falar. Estava quase perdendo o interesse quando uma pequena imagem a trouxe de volta. Não pode ser!, disse espantada para si mesma. Isso é loucura! Ajeitou-se, quase engolindo o aparelho de televisão. Compreendia apenas fragmentos do assunto tratado na reportagem. Então a foto reapareceu e desta vez não restou dúvidas. Deu um pulo jogando o controle remoto e o prato de macarrão pelos ares.

– Não pode ser! É o Guido! – gritou tão alto que até os vizinhos dos outros andares escutaram. Foi reconhecendo o escritor, tratava-se do cara repugnante que tinha tirado o Guido do sério uma noite, quando ela ainda estava no Brasil. Sentia um misto de alegria pelo Guido e frustração por não entender a reportagem com exatidão.

Seu coração batia forte e sua camisola empapava de suor. Chorou desmontada e abatida. A noite foi passando e a cada minuto Clarinha foi se sentindo mais triste. Começou a soluçar de um modo incontrolável, queria ter alguém para abraçá-la, para afastar a solidão, estava cansada de estar tão longe.

Tudo que Clarinha tinha lutado tanto para esconder, agora aflorava com força, uma saudade irresistível. Havia conhecido algumas caras naqueles dois anos, mas nenhum, nem de longe, fora

capaz de competir com Guido no amor, companheirismo, honestidade e beleza de espírito.

Nunca havia considerado o sentimento por Guido como amor, ficara até intimidada por desejá-lo com toda sua cabeça e de todo o seu corpo. Dizia agora para si mesma: "Eu sinto muita falta dele! Muita falta!" E, de fato, não houve um dia naqueles dois anos que não tivesse pensado nele. Seu travesseiro era testemunha disso.

Um sentimento incontrolável foi emergindo. Saudade que não cabia dentro de si. Voltaria, se fosse possível, naquele segundo. Seu tempo em Montreal havia terminado. Aprendeu muito, inegavelmente. Transformara-se numa mulher bem mais preparada, apta a conseguir um bom trabalho em qualquer companhia de circo, dança ou coisa do gênero, e ter uma vida mais confortável ao lado dele, Guido.

Amanhã entraria no circo pedindo desculpas. Inventaria uma tão bem elaborada mentira que eles não se importariam com sua saída repentina. Queria apenas que a noite passasse logo, pois de manhã começaria os preparativos para o retorno.

Conseguiu ajeitar tudo em menos de dois dias. Por um golpe de sorte, uma desistência de última hora, viajaria naquela noite rumo ao Brasil.

O voo de volta de pouco mais de dez horas de duração parecia que demorava meses. Saudade de seu irmão e de Clélia também. Conheceria a pequena Letícia. Voltaria a estar com as pessoas que tanto amava. Não podendo apressar o voo, passou a pensar com mais calma na situação. Sentiu calafrios. Compreendeu, entre uma turbulência e outra, a burrice que tinha feito. Onde estava com a cabeça quando decidiu cortar todos os laços com ele? Provavelmente Guido nem a amasse mais. Possivelmente estaria namorando outra garota. Isso que dava mudar sempre o rumo da conversa quando seu irmão tocava no nome dele. Mas não tinha saída, ela precisaria assumir o risco da rejeição. Pior seria perdê-lo sem lutar. Não ligaria se fosse humilhada. Imploraria insistentemente por seu afeto, por seu perdão. Não deixaria de expressar o seu amor por nenhum motivo.

Não bebeu e nem comeu nada durante o voo. Seu estômago se encontrava embrulhado.

Em terra, pegou um táxi no aeroporto direto para o Casarão. Decidira fazer uma surpresa, nada de avisos ou telefonemas. Pegaria todos desprevenidos, não dando tempo para Guido pensar em nada. Tinha mentalizado o seu retorno várias vezes: o quealaria com ele, qual seria sua atitude, se o abraçaria ou o beijaria. Tudo já estava esquematizado em sua cabeça. Tinha palavras e reações prontas para qualquer situação. Boas ou ruins.

Era por volta das três da tarde. Não fazia calor, apesar do belo dia de sol. Pagou o táxi e subiu com dificuldade o finalzinho do trajeto que conhecia tão bem puxando duas malas grandes. Parou na frente da porta, chegara o momento de encarar seus receios. A saudade sufocava. Suspirou cansada pela longa viagem e tocou a campainha levemente com o dedo trêmulo.

Logo Clarinha reconheceu a voz sem vestígios de paciência.

– Já vou atender! – berrou Clélia abrindo a porta. – Clarinha!

Se o objetivo era fazer surpresa, Clarinha tinha conseguido plenamente.

– Clarinha! Nadi, Clarinha está aqui! – Foi tanta vontade de abraçar a cunhada, que acabou amassando a filha, Letícia, entre as duas.

– Que saudade disso tudo! – Clarinha chorava lágrimas de felicidade. – Cadê a bebezinha da tia? – disse pegando Letícia no colo, levantando-a ao alto e dando uma girada harmoniosa.

– Ela é encantadora. Olha os dentinhos!

– Esses dentinhos são infernais.

As duas riram.

Nadilson interrompeu o treinamento e apareceu suado com os pinos nas mãos.

– Como você não nos avisou? O que você tem na cabeça? Faz três meses que você não liga. Estávamos ficando preocupados – protestou Nadilson, numa combinação de alegria e irritação.

– Criatura de Deus, raciocina! Clarinha está aqui! Não vai abraçá-la? – Clélia reclamou nitidamente irritada. – É sua irmã que voltou.

Em segundos a expressão de Nadilson se abre, e um sorriso largo brota de sua boca. Os dois se abraçaram afetosamente. Clarinha recebeu um beijo na testa.

– Desculpe por não ligar e tudo mais. Queria fazer uma surpresa, meu irmão.

– Poderíamos ter preparado uma festa. Comprado uma carne. Assado um porco.

– Não esquenta a cabeça.

Enquanto Nadilson procurava Juca para contar a novidade, Clélia reparava nas mudanças na aparência de Clarinha.

– Esse cabelo curto, como ficou bem em você! Modernidade! Adorei a cor desse esmalte. E os brincos? Elegantíssimos! Você está linda, esbanjando confiança.

– Acha mesmo?

– Acho. Você deixou a menina lá e voltou uma mulher pronta.

Clarinha sorriu. Seu coração a lembrava do seu propósito, a razão por desejar estar tão bonita. Deu uma olhada de trezentos e sessenta graus à procura de Guido. Ele provavelmente estaria dentro do quarto evitando falar com ela. Reconhecia que ele tinha seus motivos, mas viajou tão depressa justamente para tentar consertar as coisas.

Nadilson apareceu apenas com o Juca.

– Vamos lá embaixo comprar carne e cerveja para prepararmos um churrasco para comemorar – insistiu Nadilson.

– Irmão, não precisa. Cadê o Guido?

– Ele não está – respondeu um tanto confuso.

Clarinha levantou as sobrancelhas, como se não acreditasse. Seu rosto empalideceu. A alegria evaporou-se. A ideia de não encontrá-lo no Casarão caiu sobre ela como um peso.

– E está onde? – perguntou amargurada.

– Está em Esperança do Leste, com a tia dele. Decidiu esperar lá até que o seu visto para a Austrália saia.

– Ele conseguiu juntar o dinheiro para a viagem? – o desânimo estampava-se em seu rosto.

Nadilson demorou a responder, talvez por continuar sem entendê-la.

– Juntou até mais do que precisava. Depois de uma conversa que tivemos, nunca o vi trabalhar tanto. Inclusive várias vezes Clélia ouviu Guido estudar inglês durante noites inteiras.

– Quanto tempo demora para sair o visto? – precisava ser prática.

– Não sei. Depende de muitas coisas, como ele enviou na semana passada, talvez uns três meses. Ninguém sabe ao certo.

– Bom, ainda tenho tempo. Aquele carro vermelho é o seu?

– É. Gostou?

– Vou gostar ainda mais se você me levar direto para a rodoviária.

– Como? – perguntou Clélia.

– Preciso ir atrás dele. Preciso recuperar o que é meu. A pessoa responsável pela minha felicidade. Falava aos prantos. Mesmo que se vá, quero que Guido saiba que essa pessoa está e estará sempre esperando por ele.

– Nadilson, está esperando o quê, sua mula? – era Clélia, com a impaciência de sempre.

– Só vou pegar a chave do carro e já vamos para a rodoviária, tá, Clarinha?

Clélia descansou Letícia no sofá e olhou fixamente para o marido. Até Juca já conhecia aquele olhar, ele se divertia com seu nervosismo repentino.

– Que rodoviária o quê, seu tonto! Você vai levá-la direto para Esperança do Leste.

Antes que Nadilson pudesse expressar sua preocupação, Clélia resolvera tudo.

– Vou ligar e cancelar a apresentação de hoje à noite. Você teve uma indisposição. Nenhuma mãe vai querer ter um artista passando mal na festa de aniversário do seu filho.

Nadilson concordou. Clélia sempre penetrava em seus pensamentos.

– Então vamos, Clarinha.

Ele com a chave na mão e ela com o coração na boca.

As duas trocaram um beijo rápido.

– Boa sorte! Nós duas estaremos torcendo por você – disse Clélia levantando os bracinhos de Letícia.

Clarinha fez um sinal com os dedos cruzados.

Nadilson e Clarinha entraram no carro e partiram em direção a Esperança do Leste.

A viagem foi quase toda em silêncio. Clarinha adormeceu perdida em seu interior. Nadilson lutava contra os raios de sol do fim de tarde que cruzavam o vidro do carro. Depois de percorrer toda a estrada quase vazia, tomaram a saída para a cidade. Se não estivessem tão compenetrados em chegar à casa de Oneide, teriam percebido um lindo pôr de sol.

Clarinha fez questão de se despedir antes que o carro virasse a esquina que dava na casa de Oneide.

– Obrigado, meu irmão. Agora é comigo.

– Não quer que eu te espere? Vai que ele não está aí.

– Não quero não. Obrigada por tudo. Volte com cuidado.

Nadilson ganhou um beijo na bochecha.

– Se algo sair errado, pegue um ônibus cedo na rodoviária.

– Pode deixar.

– Boa sorte.

Clarinha abriu um sorriso, saiu do carro e foi caminhando por desniveladas ruas de terra. Foram os quinhentos metros mais longos de sua vida.

Chegando ao muro, se deparou com a casa toda fechada. Inspecionou o jardim. Tocou a campainha, gritou o mais alto que podia, mas sem resultado. Ficou esperando em pé por longos minutos sem saber o que fazer. Teve raiva de si mesma. Culpava-se por ter sido tão egoísta. Sentou-se no chão fresco de costas para o muro, com a cabeça entre as pernas. Chorava quase sem respirar. A noite era sua única companheira. Se a vida fosse uma montanha-russa, agora ela estaria bem na descida.

Capítulo 30

Clarinha se encontrava deitada no chão. As luzes amareladas e fracas dos postes a ajudava a manter os olhos fechados. Suas lágrimas haviam acabado, sobrando apenas um grande vazio. Estava cansada e ao poucos adormeceu. Dormiu por alguns minutos e nem notou o vulto caminhar em sua direção. Era um senhor barrigudo, de cabelo grisalho e voz rouca. Ele andava cambaleante, quase em círculos. Chegando próximo da casa de Oneide, começou a esbravejar feito um louco.

– Cadê minha batida de mel! – berrava e ria ao mesmo tempo.

Clarinha acordou assustada, parecia que tinha dormido por horas. Levantou-se rapidamente e se recompôs. Se estivesse na capital, se sentiria intimidada pelo homem cheio de goró.

– Acabou a batida de mel? – gritava e gritava.

– É melhor o senhor ir para casa – sugeriu Clarinha numa sugestão que mais parecia uma ordem.

– Já estou praticamente em casa, moro naquele barco.

Ainda bem que Deus ajuda os bêbados, pensou ela.

– Mas não tem nenhum barco aqui!

– É verdade, o barco do amor já passou em minha vida. – Ria sem parar. – Acabou a batida de mel na festa de São João e nem pude deixar um gole para o santo.

O rosto de Clarinha se iluminou. Tinha reparado nas bandeirinhas ao passar pelo centro da cidade, mas não associara com festa junina. Guido e Oneide deveriam estar lá.

– Onde é essa tal festa junina?

– Onde São João fica? Na igreja, é claro! Que ideia! – zombava dela. – Quero batida de mel!

Clarinha nem ligava, estava bêbada de esperança. Não se ocupou do pobre homem. Deus cuidaria dele em breve, colocando-o

para dormir em algum canto.

Correu como nunca em sua vida.

Corria. Quanto mais cansada se sentia, mais ganhava fôlego e aumentava a velocidade. Corria tão rápido que nem conseguia reparar na noite tranquila que fazia. Odores agora eram trazidos pelos ventos e aguçavam seus sentidos. Sentia o cheiro de caldo verde e da canjica. Tinha a certeza de que estava no caminho certo, deixava-se guiar pelo nariz.

Seus olhos contemplaram uma grande fogueira no meio da animada área em frente à igreja. Inspirou um pouco de ar. Parada, ficou boquiaberta observando todas as cores e cheirando todos os aromas. Tudo se encaixava perfeitamente, fazendo-a se lembrar da infância. As luzes coloridas, as bandeirinhas uniformemente penduradas em fios de barbante que cruzavam todo o lugar. As barraquinhas, uma no lado da outra, com as mais gostosas variedades de comidas. A animada música de São João, que só podia ser ouvida numa festa como aquela, e as várias crianças se preparando para dançar a tão aguardada quadrilha completavam o cenário.

Clarinha, suja de terra, chamava atenção. Bateu insistentemente com as mãos em seu vestido vermelho até remover a terra impregnada. Subiu os degraus da igreja ofegante. Lá de cima pretendia encontrar o paradeiro do Guido. Tarefa quase impossível achar alguém naquela multidão. Ouvia-se o pároco anunciar que o bingo começaria em instantes. Clarinha suspira, pensando alto: "Meu Deus, cadê ele? E Oneide? Cadê os dois?"

Uma senhora que descansava nos degraus lhe deu um baita susto, cutucando suas pernas.

– Me desculpa, minha filha, acabei ouvindo sem querer. Você perguntava pela Oneide? – perguntou a velhinha, lutando para comer o delicioso milho verde que deveria evitar em função da dentadura que teimava em escapar.

– Sim, a senhora a conhece?

– Claro. Não está sentindo o cheiro?

– Cheiro?

– Sim, de caldo verde.

– Sim. Senti logo que cheguei.
– Então, é a barraca dela. A barraca mais concorrida dessa quermesse.

– E onde acho essa barraca?

– Você já achou, está em frente a ela.

Clarinha não acreditou em seus olhos. Guido estava em pé, com um avental florido, que só podia ser de sua tia, vendendo caldo verde.

Impulsivamente, pulou os degraus e foi passando na frente das pessoas como uma serpente, bem de mansinho, sem ser notada. Aproximou-se tanto de Guido que quase podia sentir a sua respiração.

– Moço, esse caldo verde é bom?

– Sim, é deli...

Uma melodia penetrou em seu espírito. Guido nem precisou erguer os olhos para saber que estava diante dela. Sua alma conhecia aquela singela voz. Era a voz da sua felicidade.

Por algum tempo julgou-se vítima de alucinação. Custava a acreditar que estava diante da mulher que julgava ter perdido para sempre.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou observando seus lábios e reparando em seus cabelos curtos e pintados.

– Vim participar da pescaria. Pescar o que é meu e que eu nunca devia ter deixado. Estava com medo de alguma varinha fisgar o meu peixe – disse abrindo um sorriso.

– Peixe não tem boa memória – Guido replicou.

– Ainda bem que não – sorriu Clarinha.

Guido jogou o avental para o alto pulando a barraca.

Todas as desculpas que Clarinha havia preparado em sua cabeça não precisaram ser ditas. Ela não via mágoa no rosto dele. Estava tudo bem. Teve a sensação de estar exatamente onde gostaria de estar.

– Como você está bonita. Esse cabelo...

– Não fala mais nada – cortou Clarinha, pousando o seu dedo indicador nos lábios dele. Em seguida, suas bocas se encontraram como um anzol a um peixe, ficando um tempão grudadas.

– Desculpa por tudo que te causei.

Pensou em dizer que não conseguia viver sem ele, mas decidiu esperar.

– Talvez precisássemos passar por isso. Foi o que sempre você me disse.

– Talvez, mas agi mal, fui muito injusta. Tinha a ilusão de que conseguiria viver longe de você.

Guido aproveitava o momento apenas admirando os gestos da mulher amada.

Excitada, Clarinha decidira que chegara a hora, entregaria em definitivo seu corpo e sua alma livre de qualquer receio. O sentido de sua vida passava por estar ao lado do homem que amava. Sua voz apertada gritou alto, como alguém pedindo socorro.

– Eu te amo!

Suas mãos eram acariciadas ao mesmo tempo em que seus olhos lacrimejavam.

– Te amo e sempre te amei! Quero acordar ao seu lado todas manhãs e dormir nos seus braços todas as noites de minha vida – dizia soluçando. – Desculpe por tudo o que lhe causei!

Desde que vira Clarinha pela primeira vez Guido sonhava em um dia ouvir o que acabava de ouvir. Convenceu-se do seu amor. Não tinha mais dúvidas, assim como a noite era escura e o sol era amarelo.

– Vamos nos prometer uma coisa? – disse ele a ela, testa com testa.

– Promessa? – perguntou Clarinha com um sorriso coberto de lágrimas. – Você já não tem uma grande a pagar?

Guido sorriu felicidade.

– Vamos nos prometer nunca mais ficarmos separados – expressou-se em tom juvenil.

– Já disse que sou péssima em cumprir promessas, não disse? Mesmo assim você vai insistir?

– Clarinha!

– Com uma condição – exigiu.

– Qual condição?

– Que você vá para a Austrália cumprir o juramento feito ao seu pai.

– Prometo!

– Então tá.

– Tá, o quê? Você ainda não prometeu nada, sua espertinha – disse rodopiando-a pelo ar.

– Prometo! Prometo! Prometo!

Durante um quarto de hora deram uma pausa na conversa e beijaram-se perdidamente.

– Vamos dar uma volta na praia? – ele propôs.

Caminharam de mãos dadas até a escuridão da praia que estava deserta, a não ser por alguns siris que cavavam loucamente suas tocas.

– Você está muito diferente. Não parece a mesma pessoa.

– É verdade. Amadureci muito e hoje posso ser uma mulher para você, não somente uma garotinha. Você queria algo de mim que naquele momento eu não podia te dar.

– Hoje entendo. A vida precisou tomar outro rumo para que pudéssemos estar aqui hoje. Para que eu também não me esquecesse da promessa.

– Você vai para a Austrália e estarei aqui te esperando para sonharmos nossos sonhos juntos.

– Vou. Hoje tudo na minha vida só faz sentido se eu cumprir o juramento. Pode parecer loucura para alguns eu ir levando uma foto de meu pai, como se ele estivesse viajando comigo. Mas para mim é mesmo como se estivesse. Minha alma só ficará em completa paz quando eu for para lá e, junto com ele, passearmos por aquele lugar incrível.

– Não é loucura nada. Loucura são as pessoas fazerem promessas aos montes, não as cumprirem e ainda acharem que Deus não liga para isso. Seu pai estará contigo lá, como estive em todos os momentos de sua vida. Como está presente aqui hoje.

Clarinha respirou algum ar fresco e continuou.

– Ele tem muito orgulho de você. Olha o tanto que você caminhou para chegar até aqui. Olha como essa promessa te fez mais homem. Você foi para uma cidade grande sem conhecer

ninguém, foi traído, acabou nas ruas, tendo perdido tudo. Você se reconstruiu, baseado em seu caráter. E hoje está viajando para um dos lugares mais lindos do mundo, aonde só gente rica costuma ir. E nós vamos ainda fazer muitas coisas juntos. Todos nós temos uma jornada e essa é a sua.

Satisfeito com o tom positivo, Guido concluiu:

– A vida traz momentos inesperados de alegria. Ela está sempre me mostrando que nunca se sabe o que vai acontecer amanhã. Olha você aqui.

Ficaram por um tempo a contemplar o movimento das ondas.

Clarinha ajeitou-se entre as pernas de Guido.

– Que tal nós recuperamos o tempo perdido? – Clarinha sugeriu envergonhada.

Todas as células do corpo de Guido entenderam o pedido. Ele também desejava Clarinha ardentemente. O feliz casal sorria e se beijava sem parar. Fizeram amor sob os fogos de São João que explodiam no céu.

Capítulo 31

Quatro semanas se passaram desde a festa junina. Nesse período, Oneide, convencida, colocou um telefone em casa. Já não considerava tão caro quanto no passado, quando muitas vezes o preço de uma linha telefônica podia custar mais que um automóvel.

Clarinha e Oneide partiram cedo para a feira. Oneide, apesar de ainda forte, sentia o peso da idade. Andava com dificuldades e constantemente reclamava de dores nos quadris.

As coisas na cidade estavam voltando a ser como nos velhos tempos. O fluxo turístico tinha melhorado muito desde ampliação da estrada e o *boom* imobiliário trouxe a Esperança do Leste a prosperidade, como em tempos passados.

Guido ficou em casa dando um jeito no quintal que sua tia fazia questão que fosse mais uma horta do que um jardim. De cabeça baixa, ajoelhado no chão, tentava remanejar as flores para bem longe dos tomates.

– Onde já se viu colocar tomates e margaridas juntos? – divertia-se. – Teremos tomate com gosto de margaridas e margaridas com cheiro de tomate.

Ainda ajoelhado, percebeu um corpo encostando-se no muro. Impedido de olhar diretamente, pois o sol atrapalhava bastante, notou que se tratava de uma pessoa muito baixa, só um pouco maior do que o diminuto muro.

Antes de erguer-se, uma voz veio em sua direção.

– Ei, você! Sabe aonde posso encontrar o tal do mágico?

Guido se levantou contrariado. Agora que o descobriram, não teria mais sossego. Maldita a hora que deu aquela entrevista, pensou irado.

– Não tem nenhum mágico aqui não! Pode ir embora! – bradou.

– E o grande jogador campeão pela turma 601, também não está?

Guido examinou com cuidado para ter a certeza que a pessoa à sua frente era mesmo quem imaginava que fosse. Mesmo depois de tanto tempo, reconheceu o olhar suave e tranquilo.

– Jaiminho!

Deram um abraço semeado de carinho.

– Fiquei sabendo que você ficou famoso, dando conselho para megainvestidor. Quem diria, hem?

– Quem sou eu, Jaiminho. O que anda fazendo por aqui?

– Acerto de contas – disse orgulhoso. Estou pretendendo comprar uma casinha, aqui. Na verdade duas. Para morar daqui a alguns anos.

– Está falando sério? Não acredito!

– Sim, na verdade já fiz até proposta, vou comprar a casa onde eu morava e a da frente.

– Aquele velho sinistro ainda mora lá?

– Não, acho que o Abutre faleceu. Mas faço questão de colocar a casa dele abaixo para fazer ali um campo de futebol para a criançada.

Jaiminho vestia-se impecavelmente, elegante, com brincos cintilantes em ambas as orelhas e óculos escuros que descansavam em sua cabeça. Usava uma calça jeans colada no corpo e uma camisa preta de um tecido que Guido jamais havia visto antes.

– Como você está bem! Você fez o teste na capital?

– Fiz sim.

– E passou, é claro.

– Passei sim. Mas fiquei lá só até completar 18 anos. Foi quando um empresário prometeu que me levaria para jogar num grande time da Europa e aceitei. Entretanto, esse empresário cafajeste me deixou sem dinheiro e sem passaporte na Romênia. Um picareta que estava sendo procurado pela polícia internacional. Imagina só, jovem, sem dinheiro e sem falar uma palavra em romeno.

– Que sufoco. E como você se virou?

– Providência Divina. Ouve só. Ao tentar buscar a embaixada brasileira, parei em frente ao clube mais popular de lá. Não sei

como, até hoje, consegui entrar pelos portões do clube me fingindo de surdo. Vesti uma camisa que achei no gramado e como se eu fizesse parte do time reserva, joguei o rachaço. Fiz quatro gols e os reservas ganharam de quatro a um. Antes do jogo ninguém sabia quem era o maluco se passando de surdo, depois dos quatro gols, me pediram para ficar.

– Ainda joga lá?

– Claro! Hoje sou Claus, o atacante do time mais popular da Romênia. Estão até querendo que eu me naturalize para defender as cores do país na próxima copa – continuou falando distraidamente, até que se lembrou dos tempos de escola. – E olha que você jogava mais bola do que eu.

– Você só pode estar brincando. Você marcava quase todos os gols. Perto de você, me sentia um perna de pau. Deixa de onda!

– Foram tempos que eu gostaria de repetir, sabia? Voltar a ser criança. Mesmo hoje, nunca me esqueci daquele jogo monumental.

– Também não. Tenho todos os gols guardados na memória.

– Tem falado com o resto do pessoal?

– Não – Guido pensou em contar sobre o Vítor Bolão, mas resolveu que não tinha nada de bom para dizer.

Passaram a manhã conversando mais sobre o passado, sobre suas memórias, dando risadas ao sol. Mesmo depois de tanto tempo, um elo de cordialidade e admiração ainda os unia com força.

– Depois desse tempo todo, nem posso acreditar que você está aqui. Bem que meu pai dizia que as antigas amizades se mantêm, apesar do tempo e da distância.

– É muito bom. Porém – lamentou –, mal cheguei e já preciso partir. Vou buscar minha mãe na casa de parentes e retornar ainda hoje para a Romênia. Nas minhas próximas férias voltarei com mais tempo. O que acha de reunirmos o supertime da 601 um dia para batermos uma bolinha? – sugeriu Jaiminho.

– Seria ótimo!

– Deixa um beijo enorme para tia Oneide.

Abraçaram-se afetuosamente.

– Se cuida. Volto para o casamento – disse Jaiminho brincando.

– Estarei esperando ansiosamente.

Já fazia dois meses que mandara a documentação para a embaixada. Guido ligava todos os dias para Nadilson em busca de notícias. Agora entendia bem como Clarinha ficava todas as vezes que o carteiro passava.

Duas semanas depois, estava sozinho novamente, cuidando do renovado jardim, que hoje parecia mais uma horta. Havia chovido a noite inteira, a terra molhada facilitava seu trabalho. Observou o céu e teve a impressão que as duas voltariam mais cedo da feira. Conhecia a equação desde que era criança – tempo chuvoso era igual a poucos fregueses. A equação não falhara. Menos de trinta minutos depois, as duas chegaram um pouco molhadas, sem dinheiro nos bolsos. Contudo, traziam uma informação que renovaria suas crenças no destino.

Capítulo 32

Oneide atravessou a porta de casa puxando Guido pelo braço. Parecia que tinha visto um fantasma.

Clarinha, mais nova e mais fraca, pediu ajuda.

– Amor, me ajude aqui, não aguento mais esse peso – disse exausta.

– Vocês estão muito suadas. Vieram correndo com esse peso todo. O que foi que aconteceu?

Oneide abruptamente tirou o jornal da sacola.

– Veja! – disse apontando para a parte amassada.

Guido observou os olhos espantados das duas esperando sua leitura.

– O que tem esse jornal? – perguntou, começando a ler a parte dobrada que indicava onde devia pousar sua vista. Observou uma foto sua. Levantou os olhos verificando a data e teve a certeza de que não se tratava da matéria de tempos atrás. Não entendia a razão para estarem fazendo uma nova reportagem sobre os dois. Preguiçosamente, passou os olhos sem dar muita importância, jogando o jornal no sofá.

– Não quero mais saber de nada disso! Minha vida está maravilhosa longe dessa confusão. Deixa o investidor lá e eu aqui.

As duas o fitaram com olhar de desaprovação.

Oneide lhe retirou o jornal das mãos. Pegando uma caneta contornou impacientemente um dos parágrafos.

– Leia aqui! Deixa de ser cabeça-dura.

Guido agora lia paulatinamente o trecho sobre o qual o dedo de sua tia pousava e a tinta azul sublinhava.

“Parece loucura, mas também o pai do mágico salvou a vida do investidor. Segundo verificado com o médico que fez os dois partos 31 anos atrás, no pequeno hospital

em Esperança do Leste, foi Feliciano, o pai do mágico, que deu a autorização para que o bebê no ventre de Ângela, que já se encontrava morta após o acidente, viesse primeiro ao mundo. Feliciano só não contava que essa escolha tiraria a vida de sua amada esposa. O parto de Lucas demorou bem mais que o habitual, fazendo com que a espera de Laura resultasse em complicações, que a impediram de ver o nascimento de Guido”.

Guido se agarrava aos braços da cadeira onde agora estava sentado. Incrédulo, custava a entender as palavras lidas. Tudo lhe soava muito esquisito.

Clarinha e Oneide conversavam baixinho entre si.

– Bem que na época eu tinha pensado que toda aquela situação estranha só podia ser obra de Deus.

– Como assim? – perguntou Clarinha intrigada, levantando as sobrancelhas.

– Parece que Deus já havia escolhido que apenas duas pessoas sairiam de lá com vida e deixou na mão de Feliciano a decisão.

– E parece que agora o acaso os está unindo de outra forma – replicou Clarinha estupefata.

Quando se recobrou, Guido estava aflito, com a alma desorientada. Tentava em vão compreender os caprichos de Deus. Lucas era a vida que seu pai tinha escolhido para viver no lugar da mãe que não conhecera, a vida que insistia em cruzar com a sua com tanta intensidade. Mas por quê?

Colocando a cabeça no lugar, vasculhando as entranhas do seu ser, Guido ainda permanecia sem saber ao certo se desejava ou não reencontrar o investidor. Se precisava realmente buscar a verdade nas coisas que lera nas páginas do jornal e que escapavam de sua compreensão.

Capítulo 33

Clarinha e Guido voltavam da missa caminhando de mãos dadas. Oneide ficara mais algum tempo na igreja explicando toda a história ao carteiro Juarez, que custava a entender.

O casal andava sob a companhia do céu nublado. A tarde havia sido de total reflexão, de busca de entendimento dos fatos.

– Amor, você não tem vontade de encontrá-lo de novo? – perguntou Clarinha.

Guido já sabia o que queria, mas demorou alguns segundos a responder.

– Existe coisas na vida que é impossível ignorar. Tenho vontade sim. Só não quero esse lance de jornal e televisão, estou de saco cheio disso. Você está vendo, eles ficam fuçando nossa vida inteira, daqui a pouco vão estar atrás de você também.

– E se fossem só vocês dois? – ela voltou a perguntar.

– Possivelmente o encontraria – fez uma longa pausa. Conversava com seus pensamentos.

– As vidas de vocês dois estiveram cruzadas desde a maternidade, não acha que seria legal esse encontro?

– Sei lá. Todas essas coisas acontecendo ao mesmo tempo. Você, Jaiminho, Austrália e agora o Lucas. É estranho, mas tenho a sensação de que Deus está organizando o quebra-cabeça de minha vida.

– Talvez o nosso Senhor esteja retribuindo tudo o que você fez pela vida dos outros. Pela minha, pela do Lucas, do Jaiminho, do Nadilson e por todas as outras que passaram pelo seu caminho.

O possível encontro era o assunto mais amplamente falado naquela casa. Dias depois, Guido recebeu uma ligação de Nadilson, no horário nobre do último capítulo da novela.

– Ok. Vou aprontar tudo e depois combino com você – disse Guido desligando o telefone.

Só após a novela entrar no intervalo comercial as duas se interessaram pela ligação.

– Quem era, amor?

– Para ligar no horário do último capítulo da novela, só pode ser algum maluco – Oneide interrompeu irritada.

– Seu irmão.

– O que ele queria?

– Está pensando muito em transformar o Casarão numa casa de festa.

– Fantástico! Como não pensamos nisso antes?

– Não foi só isso – disse aguardando a pergunta que seguiria.

– O que mais que ele falou?

– Chegou o passaporte com o visto australiano. Tenho neste exato momento tudo o que preciso para a viagem.

Clarinha levanta-se do sofá e salta sobre ele. Se não fosse magra, os dois teriam se estatelados no chão.

– Não era para você estar feliz? – indagou Oneide, após observar a falta de entusiasmo no rosto de Guido, ainda que estivesse mais preocupada com o fim do intervalo comercial e a volta da novela do que com o que seu sobrinho sentia no momento.

– Mas você está feliz, não está, Guido? – indagou Clarinha, agora menos convicta.

– Estou muito feliz. E também um pouco assustado – só ele mesmo conseguiu ouvir a última frase.

Os dois caminharam até a varanda. Deitaram de barriga para cima, contemplando as estrelas como o pai e a mãe de Guido tantas vezes fizeram.

– Enquanto tudo estava longe de acontecer, a Austrália existia apenas em meus pensamentos. Existe um sentimento dentro de mim, uma mistura de dever cumprido e receio de ir para lá.

– A promessa é parte de sua história, meu amor. Você não estará lá sozinho.

– Eu sei – respirou profundo. – Finalmente vou conseguir realizar este sonho que trago comigo desde os 13 anos. Contudo,

meu coração sofre só de eu pensar em te deixar.

– Serão poucas semanas. Estarei aqui te esperando. Morrerei de saudades, é claro, mas nunca mais você vai se livrar de mim – disse Clarinha sorrindo, enquanto acariciava a nuca de Guido.

Pouco depois, Oneide apareceu de surpresa trazendo alguns biscoitinhos e copos com chocolate quente. A novela tinha acabado e ela, como sempre, detestando o final.

– Palhaçada! No fim o bandido morre, o mocinho pobre e a donzela rica se casam e todo mundo fica feliz.

Os dois se olharam rindo e sentaram no degrau que separava a casa do jardim – melhor, da horta –, comendo os biscoitos até os farelos. Oneide repousou na cadeira de balanço que Juarez tinha arrumado. Instantes depois, Guido observava as duas cochichando e trocando risinhos. Tinham nos rostos uma expressão peculiar de alegria travessa.

– O que as duas tanto tramam aí, posso saber?

Oneide soltou um olhar que Clarinha entendeu como siga em frente.

– Estamos esperando uma visita – disse risonha.

– Visita, visita de quem? – perguntou intrigado.

– Pietra – o tom de Clarinha era amável.

Excitada e ansiosa, Oneide balançava a cadeira sem parar.

– Pietra, quem é Pietra? Nunca me falou de ninguém com esse nome. Chamou alguém do Canadá a essa altura do campeonato? Já não informei a todos que gostaria de sossego nesses próximos dias – completou Guido claramente aborrecido.

– Quem chamou foi você – os dentes de Clarinha brilhavam.

Oneide, em seu interior, chamava seu sobrinho de burro. Como os homens são incapazes de compreender as coisas, pensou. Por duas vezes quase tombou da cadeira.

Guido esforçava-se para entender o que se passava. Acalmou-se contendo sua reação exagerada.

– É inútil dizer que quero paz nesses dias que antecedem a minha viagem. Me desculpem, mas não conheço nenhuma Pietra. Quem é essa tal garota?

– Então, estou te apresentando - respondeu Clarinha, colocando a mão dele em sua barriga.

– Pietra, esse é o Papai.

Era isso mesmo o que acabara de escutar? Custava acreditar que sua vida pudesse melhorar ainda mais. Os dois riram ao mesmo tempo. Nas últimas duas semanas, Guido havia reparado que o apetite de Clarinha aumentara consideravelmente, mas não observara nenhuma mudança no tamanho da barriga dela.

Guido acariciava a barriga da amada, beijando-a inúmeras vezes. Ainda que não fosse consultado, concordava com escolha do nome – Pietra. Depois de tudo que aconteceu em sua vida, não imaginara que pudesse ser tão feliz.

Voltaria para a capital uma semana depois. Já tinha combinado de encontrar com Lucas na terça-feira, véspera da viagem. Clarinha, no fundo, desejava acompanhá-lo. Mas decidiu ficar, compreendendo que se tratava de uma jornada solitária. Grávida, indisposta e sem a mínima vontade de sair daquela paz, esperaria ansiosa. Seriam apenas vinte dias de saudade, confortava a si mesma.

Clarinha e Oneide o levaram até a rodoviária. Em virtude das nuvens escuras e volumosas que cobriam o céu, a despedida acabou sendo ligeira.

– Você jura que volta logo?

– É claro que voltarei!

– Não vá esquecer o coala de pelúcia que você me prometeu. Desejo pendurar no bercinho que vou comprar.

– Pode deixar, meu amor, pode deixar.

– E para a sua tia? – perguntou Oneide um pouco enciumada.

– Vou lhe trazer alguns artesanatos aborígenes.

– Não quero nada de abóbora, não. Você não sabe que detesto doce de abóbora.

– Está ficando surdinha – cochichou com Clarinha. – Mas obedece a ela e nada de exageros, combinado?

– Combinado.

Entrou no ônibus acenando e, em seguida, olhando pela janela, pensou que tinha um grande amor e em breve seria pai. Nenhum homem em todo o mundo podia ser mais feliz do que ele naquele

momento. Como na primeira viagem à capital, anos atrás, Guido retirou a fotografia da carteira. A lembrança de seu pai surgia nítida em sua cabeça. Teve a sensação de que se encontrariam de novo de verdade, mesmo sabendo que na realidade o homem da foto já havia morrido há muito tempo. Seria o último encontro, aquele que ficaram por fazer. Daqui a três dias estaria viajando em direção à Austrália e contaria a novidade para Feliciano.

– Pai, você terá uma netinha!

Capítulo 34

Chovia tão forte que Lucas quase não escutou o telefone tocar. Procurou o aparelho desesperadamente, remexendo as almofadas coloridas no sofá. Sentou-se reconhecendo o número na telinha.

– Alô.

– Lucas, João Paulo. Como vai?

– Perfeitamente bem.

– Temos novidades – sentenciou. – Guido, o mágico, quer te encontrar amanhã à tarde no Casarão. Tem de ser amanhã, pois ele vai viajar no dia seguinte para a Austrália. Posso confirmar?

– Claro! – Lucas estava nas nuvens. – Podemos ir juntos, o que acha?

– Ele disse “sem imprensa” – lamentou.

Lucas desejou ter visto a cara de João Paulo. Conhecendo a raça dos jornalistas como conhecia, tinha a certeza de que João Paulo não ficara satisfeito com aquela restrição.

– Ficou decepcionado?

– Por ele não ter me deixado participar?

– Exatamente.

– Um pouco. Depois vou saber toda a história por você, não vou?

– Com absoluta certeza.

– Liguei para ele confirmando. Está com papel e caneta nas mãos? Anote aí o endereço.

– Pode falar.

– Ladeira da Subida, número 225. Anotou?

– Sim.

– Então, confirmado. Agora deixe-me ir que o jornal hoje está pegando fogo. aguardo seu telefonema. Vamos nos falando.

– Pode deixar. Até logo.

Lucas desliga, consulta o seu relógio e depois diz:

– Joselina! Cadê você, mulher?

– Estou aqui ao seu lado.

– Desculpa.

– Quem era no telefone?

– Vamos nos ver amanhã.

– Vamos quem?

– Nós dois! Eu e o mágico, Guido!

– Maravilha! Feliz?

– Demais. Quero recompensá-lo de alguma forma. Você sabe, hoje posso dar uma vida confortável a ele. Comprar uma casa, um carro bonito, qualquer coisa.

– Dinheiro pode não ser problema para você, entretanto, pelo pouco que conheço dele através dos jornais, nada disso lhe interessa muito.

– Hum, você tem razão – concordou Lucas, recordando da conversa no sinal, no mesmo momento em que uma ideia surgia em sua mente.

Disse encarando novamente o relógio:

– Vamos para o shopping imediatamente. Não pretendo chegar amanhã de mãos vazias.

– Não é melhor esperar essa chuva forte passar?

– Não. Se arruma, que já estou de saída.

Ao chegarem ao shopping, dividiram uma deliciosa fatia de torta de morango com cobertura de chocolate e depois saíram conversando pelos corredores.

– Joselina, o que você diria para o mágico no meu lugar?

– Sei lá! Obrigado por salvar minha vida! Ah! Agradeceria pelo o que o pai dele fez também – respondeu bem-humorada.

– Não pode ser algo tão óbvio – riu Lucas de volta, sem deixar de observar as belas moças circulando carregadas de sacolas de marcas chiques.

– Você acredita em destino? Hoje eu acredito.

– Confesso que, olhando o caso de vocês dois, mesmo se eu não acreditasse, passaria a acreditar.

– É tudo muito doido, parece que tudo tem uma razão de ser. Esse encontro agora, dias antes da inauguração da ONG.

Andaram mais alguns minutos, de vitrine em vitrine.

– Achei! É justamente o que procurava – ele apontou para uma loja que já se preparava para fechar. – Pertinente não acha?

– Muito. Tenho certeza de que ele vai gostar – disse Joselina, fixando o olhar na vitrine suja de impressões digitais.

– Vamos comprar logo, pois, pelo visto, estão querendo fechar.

Enquanto ele entrava na loja, Joselina observava confortavelmente todos os seus gestos, sentada num pequeno banco num dos corredores do shopping. Reparou no sorriso majestoso e reluzente do rapaz. Lucas agora se alegrava em fazer coisas boas para os outros. Notou também como se expressava com segurança ao conversar animadamente com a vendedora morena assanhada. As manchas, antes motivo de tanta vergonha, hoje não mais o incomodavam.

Colocando a mão nos lábios, suspirou lembrando orgulhosamente dos últimos atos de Lucas. Nos últimos seis meses, perdera a conta de todas as suas boas ações. Mês retrasado tinha, no mesmo dia, visitado um asilo e um orfanato, levando um cheque gordo. A freira quase teve um infarto diante de tamanha generosidade. Ajudava o porteiro nas despesas médicas de sua filha problemática, que melhorava progressivamente após ser tratada por um renomado e careiro médico. Comprometera-se inclusive a arcar com os custos da pequena cirurgia a que a menina seria submetida. A ONG que funcionaria em breve ajudaria muitas crianças, fornecendo novas oportunidades e perspectivas. Para completar, semana passada Lucas armara-lhe uma baita surpresa, deixando Joselina de queixo caído. Comprara uma distinta casa no subúrbio para Jurema, a irmã mais nova Joselina, que acabara de casar, bem ao lado da dela.

– Acha que Guido gostará?

– Impossível ele não gostar. Você acertou em cheio.

Caminharam até o estacionamento unidos em leveza.

– Vamos logo, senão não vai dar tempo de pegar aquele filme na TV que você queria tanto assistir.

Joselina percebeu sua artimanha, conhecia muito bem aquele olhar astuto.

– Engana-se. Eu disse que queria ver na minha casa e não na sua – contestou rindo.

– Durma lá só hoje, por favor – Lucas pediu fazendo cara de gato manhoso.

Com as portas do carro abertas, antes que pudessem entrar, Joselina imporia seus termos.

– Somente com uma condição. Estou fora do meu expediente, sendo assim você faz a pipoca – exigiu enquanto sorria.

– Moleza. Basta colocar no micro-ondas.

– Serve. Quero também café quentinho. Só me levanto do sofá para dormir.

– Assim já é demais! – ele demonstrou bom humor equivalente. Trato Feito!

– Vamos então. O sofá, a pipoca e o café me esperam.

Capítulo 35

Na noite anterior, Guido se retirara cedo para o aconchego do seu antigo quarto. Ficara acordado seis das oito horas que esteve na cama, ansioso, não se sabia se pela viagem ou pelo encontro com o escritor no dia seguinte.

Lucas, ao contrário, se mostrava calmo. Três anos após se encontrarem no cruzamento, sua vida mudara radicalmente de investidor falido e fracassado a rico e bem-sucedido escritor. Guardava uma dívida de gratidão com o mágico e, para completar, descobrira que havia sido salvo pelo pai dele 31 anos atrás. Coincidências da vida que desafiam a compreensão.

O interfone tocou. Joselina atendeu. Lucas despediu-se.

– Meu táxi. Qualquer coisa ligue para meu celular – disse fechando a porta sem ouvir as últimas palavras pronunciadas por Joselina lhe desejando sorte. Lucas preferira a segurança de um táxi a se perder em ruas que não conhecia. Entrou no carro informando o destino, Ladeira da Subida, e solicitando um trajeto sem muito tráfego. As ruas estavam mais calmas do que ele imaginava.

Com o tempo passando, Lucas se agitava. Ordenou a si mesmo para relaxar e se concentrou em olhar a cidade pela janela. Depois de alguns minutos, decidiu iniciar uma desinteressada conversa com o taxista.

– Como choveu nesses dias, não? Mas parece que o tempo está melhorando – disse buscando jogar conversa fora enquanto se esforçava em olhar para um céu ainda nublado.

– Cinco dias de ruas alagadas – respondeu o bem informado taxista. – Nesta semana choveu duas vezes mais do que o esperado para o mês inteiro. Inclusive a defesa civil ficou de prontidão, pois existe risco de deslizamento em várias áreas da cidade.

– Sério? – perguntou despreocupado para o preocupado motorista.

– Sério. O solo em várias encostas da cidade ainda está muito úmido, apesar de o tempo estar dando mostras de melhorar, como ouvi no rádio.

– Bom, tomara que melhore de vez. Está parecendo que já hoje teremos uma noite clara.

– Parece mesmo. As nuvens já começaram a dissipar – concordava o motorista estendendo a prosa.

– Moro no Morro de Dentro e lá, sempre que chove, todos ficam em estado de alerta. Quando tem tempestade, saio para trabalhar preocupado. Em anos de eleição, todo mundo vai lá prometendo mundos e fundos, mas depois continua sempre a mesma coisa. Chuva para nós é sinal de risco de vida.

Lucas desconhecia quase por completo tal realidade. Nunca tinha entrado em uma favela e só sabia que elas existiam pela violência divulgada nos noticiários de televisão.

– Estamos indo para uma região de morros também, não? Não paramos de subir – perguntou Lucas.

– Sim, mas aqui é diferente. Tem muito verde e as árvores seguram as encostas. Não se preocupe – respondeu o motorista sorrindo.

– Mas não estou preocupado. – Lucas observou o simpático taxista enquanto este passava a explicar detalhadamente como sua esposa preparava a feijoada de domingo. Fez-se um calorzinho gostoso em seu peito ao ver um homem tão desinibido e contente, simplesmente por viver. Quando se fez silêncio, Lucas refletiu que precisou estar no fundo do poço, jogado às traças, para entender a verdadeira alegria de viver. Chegou à conclusão de que o que realmente importa é curtir cada minuto, fazendo parte da vida dos outros e deixando os outros fazerem parte da sua. Lembrando e sendo lembrado exclusivamente por seu caráter e não pelo dinheiro ou status.

– Qual é o número lá?

– Duzentos e vinte e cinco.

– É bem lá no alto, talvez uma das últimas casas. Sabia que aqui já foi o lugar onde parte da elite da cidade vivia no século passado?

– Ouvi alguma coisa a respeito. Depois as pessoas foram chegando para perto do mar e essa região acabou perdendo força, não foi? – Lucas admirava o taxista por este ser tão antenado.

– Foi sim. E é uma pena ver casas tão malcuidadas.

Após algumas curvas, o taxista avisou:

– Chegamos. Número duzentos e vinte e cinco.

Lucas tirou o dinheiro, dando com prazer uma bela gorjeta.

– Pode ficar com o troco.

– Obrigado. Se precisar, ligue para a central que providenciam algum carro para buscá-lo.

– Pode deixar. Obrigado.

Lucas desceu quase caindo do táxi. A ainda cinza tarde se estendia à sua frente. Não chovia mais e alguns raios de sol brigavam para sair por entre as espaçadas nuvens. O tempo mostrava claros sinais de melhora.

Na frente da imensa casa cor de mostarda cercada por árvores de todos os lados, Lucas viu que estava um pouco adiantado. Preferiu gastar algum tempo antes de tocar a campainha. Ficou a observar as redondezas. Viu crianças brincando e senhoras levando seus cachorrinhos para passear. Reparou no Casarão que, diferente dos outros que vira na Ladeira da Subida, estava bem cuidado, com suas cores vivas. O morro logo em cima guardava um verde exuberante. O cheiro da natureza penetrava em suas narinas. Lucas respirou fundo caminhando em direção ao portão e finalmente pressionou a campainha.

Depois de tomar banho, Guido havia se perfumado. Em frente ao espelho do quarto de Clarinha, pensava em que traje usaria, se menos ou mais formal. Decidiu por uma calça cinza social, que cairia bem com uma camisa de gola vermelha. Com impaciência esperava há algum tempo o barulho da campainha. Quando ouviu o som ruidoso que vinha do portão, se apressou atendê-lo. Ao abrir o portão, reconheceu aquele rosto e o gesto também. Sorriu,

sugerindo que o visitante entrasse. Lucas atravessou o portão com um sorriso, até apertarem a mão no interior da casa.

Os dois sentaram-se no sofá. Televisão desligada.

Lucas reparou que os cabelos de Guido estavam mais ralos, com entradas bem nos lados da testa. Guido observou que as manchas brancas haviam sido bem reduzidas, sendo notadas apenas nas mãos. As do rosto eram agora quase imperceptíveis.

– Achou fácil? – Guido perguntou um tanto sem jeito.

– Na verdade, achei mais prudente pegar um táxi respondeu Lucas sorrindo.

Guido se surpreendeu com a mudança por que Lucas passara desde que se encontraram no sinal. Sua fisionomia mostrava uma pessoa totalmente diferente. Firme e confiante.

Os dois sentiram certo desconforto ao prosseguir, sem saber exatamente o que falar. Pensaram até a mesma coisa: talvez se o jornalista estivesse ali tudo fluiria mais naturalmente.

– Aceita algo para beber.

– Não. Obrigado.

Buscando quebrar o gelo, Lucas oferece o embrulho.

– É para você. Um pequeno presente.

– Não precisava – Guido pensou em recusar, mas decidiu que não. – Puxa uma máquina fotográfica! Linda! Obrigado. Não precisava.

– É para você tirar lindas fotos da Austrália – disse Lucas afavelmente, conseguindo deixar os dois mais à vontade.

– Você já esteve lá?

– Lá onde? Na Austrália? Nunca. Bem que gostaria, dizem que é um país lindo, com um povo parecido com o nosso, superanimado.

– Quem sabe não te chamam para uma sessão de autógrafos lá.

– Não estou tão bem assim – disse Lucas sendo modesto.

Conversaram sobre diversos assuntos. Acerca da viagem para a Austrália, do livro, da ONG e de como Esperança do Leste estava mudando.

– Como a vida é cheia de surpresas, não acha? Quem imaginaria que nossos destinos se cruzariam dessa maneira? – Guido refletiu sobre suas próprias palavras. O resultado de sua reflexão o

aproximou mais de Lucas, o homem que de alguma forma tirara a vida de sua mãe.

– Esse lance do acidente dos seus pais. Da morte de minha mãe. Meu pai sempre evitou tocar nessa história. Descobri tudo pelos outros, principalmente por minha tia. Alguns diziam que ele tinha salvado sua vida racionalmente em detrimento de minha mãe, pois você teria muito mais tempo de vida do que ela. No fundo acho que ele acreditava tanto em Deus que achou que nada aconteceria com minha mãe.

– Seu pai sentia alguma culpa? – perguntou Lucas melindrado.

– No começo acho que sim. Com o passar do tempo superou. Acho que de alguma maneira entendeu que Deus queria que ela morresse para você viver. Seria legal se ele tivesse a chance de conhecer o bebê cuja vida salvou.

Lucas sorriu desconfortável. Algumas cicatrizes ainda não estavam completamente saradas em seu espírito e não se sentia muito à vontade em conversar a respeito de seu falecido pai.

– Meu pai, no fundo, achava que havia sido culpado pelo acidente – o rosto de Lucas não escondia sua mágoa, mesmo fazendo um esforço diário para furtar tal sentimento de sua alma. Guido percebeu na hora. Em sua infância e adolescência também tivera vários questionamentos e se não fora o carinho de sua tia, talvez estivesse convivendo com eles até hoje.

– É melhor mudarmos de assunto, não? O livro é excelente.

– Você leu?

– Sim, logo no primeiro dia. Impossível foi parar de ler.

– Você foi parte de minha inspiração para isso tudo.

– Eu discordo. Você daria a volta por cima de qualquer jeito. Você tem talento. Ninguém sem talento escreve um livro desses. Devo te confessar uma coisa. Te achei um cara mimado e arrogante. Pensei em mandar você para aquele lugar, sabia? – disse Guido descontraído.

– Olhando para trás, acho que eu também queria me mandar para aquele lugar – replicou Lucas retribuindo o sorriso.

– Falando sério. Era nítido em sua fisionomia o quanto estava ressentido, o quanto passava por momentos turbulentos.

– É, vivia um pesadelo. Você leu o que eu estava passando.
– Li sim. Não imagino o quanto sua alma estava atormentada para pensar em suicídio. Acredito que você necessitava passar por todas essas provações para ser quem você é hoje. Somos frutos do nosso passado – ensinou, com um largo sorriso de satisfação.

– Estou muito feliz de estar aqui. A última vez em que nos encontramos tive a sensação, pensando tempo depois, que algumas coisas não foram ditas. Era como se o destino quisesse se revelar, mas acabou decidindo que faria isso aos poucos, pelas páginas dos jornais.

Guido concordou pensativo.

– Também senti isso. Tive um sentimento de que voltaríamos a nos ver, pois achava que você ficara ultrajado por não ter um real naquele momento. Só não imaginava que fosse tanto tempo depois.

– Tentei muito te encontrar. Passei por aquele cruzamento uma dezena de vezes.

– Coincidiu exatamente com nossa saída das ruas e o foco nas festas infantis. O destino desejou que fosse hoje.

Foi nesse momento que Clélia e Nadilson entraram pela porta discutindo.

– Você é a única, meu amor. Não olhei para mulher nenhuma no mercado. Por que você não acredita em mim?

– Você acha que não vi você virar o pescoço?

– Meu Deus, foi para ver se ainda tinha carne na prateleira.

– Nadilson, Nadilson! Você já tinha colocado a carne no carrinho. É melhor a gente mudar de assunto. O que o rapaz vai pensar de nós – disse acenando encabulada.

– Boa tarde. Os dois não precisavam ouvir essas coisas. Sabe o que um dia ele teve a coragem de me falar? Fala para eles o absurdo que você teve coragem de falar.

– Eu estava apenas brincando. Disse que não era porque eu estava de dieta que não podia ao menos apreciar o menu.

– A “dieta” sou eu. O “menu” são todas as outras mulheres, que, segundo sua teoria, ele pode ver, mas não saborear. É mole?! Vocês homens não são fáceis, acham que enganam a gente. Está vendo, Letícia, abra os olhos.

Indiferente, Letícia brincava com seu cavalinho de pelúcia.

– Boa tarde – respondeu Lucas achando graça.

Cumprimentaram-se sem nenhuma cerimônia.

– Pena Juca não estar aqui. Ele amou o seu livro – disse Clélia demonstrando bom humor.

– Não vai faltar oportunidade, não é? – indagou Nadilson.

Lucas concordou veementemente.

– Até que enfim vocês se encontraram. Já viraram celebridades.

– Deixa disso, Nadilson. O Lucas é que é um escritor famoso.

– É, mas quem seria ele sem o mágico, não é? Falou para ele que fui eu que te ensinei tudo, até o famoso truque das moedas? – perguntou Nadilson.

– Claro que não, pois o que você me ensinou até uma criança desvendaria. Além do mais, eu o aperfeiçoei.

Um clima de descontração tomava conta do Casarão.

– Você fica para o lanche, não fica? – Nadilson se mostrava satisfeito.

– Se não for atrapalhar, fico sim.

– Nem brinca. Claro que não atrapalha – interveio Clélia dirigindo-se à cozinha para preparar o café.

– Ele já te contou a novidade?

– Novidade? – Lucas não sabia a que Nadilson se referia.

– Sabia que ele vai ser pai?

– Sério? Parabéns!

Os dois se encararam.

– Nunca estive tão feliz – confirmou Guido animado. – Será uma menina!

Num impulso, Lucas venceu sua vergonha, levantou-se da cadeira e deu um abraço desajeitado em Guido. No começo, ele próprio estranhou aquela atitude calorosa. Depois, teve a certeza de que fora o que teve vontade de fazer e fez. Leve e feliz consigo mesmo, vibrava por finalmente conseguir sentir e demonstrar afeto por outras pessoas.

– Vamos comemorar a vida! – Nadilson sugeriu contente.

Brindaram levantando as xícaras de café.

A conversa rolou até tarde da noite. Letícia dormiu sem intervalos. Ficaram os quatro na sala contando casos. Lucas tinha a sensação de que os conhecia há décadas.

Tempo depois Clélia se levantou.

– Preciso ir dormir, meus olhos pesam. Amanhã bem cedinho alguém estará me acordando – despediu-se caminhando para o quarto.

Com todos bem à vontade, Lucas aproveitou o momento para sugerir algo que havia ruminado durante toda a tarde que se havia transformado em noite.

– Guido, como gratidão, respirei profundo, posso depositar uma determinada quantia para você? – antes de dizer as últimas palavras se arrependeu, ao ver a mudança no rosto de Guido. – Você é parte também do sucesso do livro.

Seguiu-se um breve de silêncio. Em outros momentos, Guido se sentiria ofendido. Contudo naquele instante encarou a proposta como uma manifestação da generosidade, da vontade de Lucas de agradá-lo.

– Muito obrigado mesmo, mas não.

Nadilson olhou para Guido abismado. Não sabia se pela sua integridade ou por sua burrice. Com aquele dinheiro eles poderiam transformar o Casarão na maior casa de festas da cidade.

– Qual é a razão para não aceitar?

– Se deseje me oferecer alguma coisa, me dê apenas a sua amizade e nada mais.

– Eu sei que você tem tudo o que precisa, mas eu tenho mais do que necessito.

– Basta-me a sua amizade.

– A minha amizade você já tem – disse, enquanto teve outra ideia. – Posso então lhe fazer outra proposta?

– Lucas, não preciso de nada. Obrigado mesmo.

– Quando você voltar, gostaria de me auxiliar na ONG que estou criando? Ajudar-me a lotar meu enterro de pessoas? – Lucas propôs, dessa vez com a sensação de que Guido aceitaria.

Guido observou o homem loiro à sua frente com carinho. A proposta os colocaria bem próximos, como naquele hospital há mais

de 31 anos.

– Seria uma honra – respondeu Guido entusiasmado, confirmando a expectativa de Lucas.

Um aperto de mão barulhento selou o acordo.

Tarde, entrando na madrugada, Lucas lembrou que Guido tinha uma longa viagem no dia seguinte e resolveu que era hora de partir.

– Está tarde. Vou-me embora.

– Eu te levo em casa – Nadilson se prontificou.

– Não precisa. Pego um táxi.

– Não aceito “não” como resposta. Além disso, nenhum táxi sobe até aqui tão tarde da noite.

Lucas se viu sem opção.

– Certo, se não for atrapalhar, eu aceito a carona.

– Só não acompanho vocês, porque amanhã tenho uma longa viagem pela frente – Guido justificou-se.

Lucas o abraçou pela segunda vez, agora com mais emoção.

– Boa viagem. Agradeça também ao seu pai por eu estar aqui.

– Pode deixar. Ele deve estar olhando para nós agora satisfeito lá de cima.

As nuvens haviam se dissipado por completo dando lugar a uma fresca noite estrelada.

Sem muita pressa, entraram no Chevette velho e desceram conversando distraidamente pela sinuosa rua de paralelepípedos. No entanto, antes de contornarem a segunda curva, um forte estrondo parecido com uma bomba mexeu com a calma da noite e sacudiu o carro com intensidade. O susto foi tanto que Nadilson perdeu a direção, parando a centímetros de um poste.

– Rapaz o que foi isso? Parece que foi um raio. Mas não pode ser, o céu está completamente limpo! – disse Nadilson perplexo.

Lucas observou o céu e sem perceber passou a pensar no que o taxista lhe havia falado sobre os morros da cidade. Desconfiado, um pressentimento ruim estremeceu sua cabeça, cambaleando suas pernas.

– Que cara é essa? – indagou Nadilson preocupado. – Parece que viu uma assombração.

– Precisamos retornar rapidamente.

Os olhos de Lucas eram da cor da aflição.

Nadilson engoliu em seco, manobrando o carro habilmente. Não dava para discutir, diante da angústia estampada no rosto de Lucas.

Capítulo 36

Regressaram seguindo o rastro do barulho. Largaram o carro e correram precipitadamente para constatar o que seus olhos não queriam ver. Depararam com uma avalanche de terra que deslizara cobrindo todo o Casarão. Árvores haviam sido arremessadas, a encosta de um verde abundante despencara, ficando completamente careca.

O Casarão como conheciam não existia mais, embora se mantivesse de pé. A terra arrebentara as paredes que estavam em seu caminho, contudo suas perseverantes fundações tinham força suficiente para segurar toneladas de terra em cima da laje. Mas era impossível determinar por quanto tempo o Casarão ainda aguentaria se manter de pé.

A destruição não se reservava apenas ao Casarão, mas a toda parte adjacente. A calçada destrocada, com postes arrancados como se feitos de papel, dava lugar à escuridão só rompida pelas luzes fracas dos faróis do Chevette vermelho. Ouviam-se gritos ao longe que se misturavam com o barulho ininterrupto da terra que ainda se assentava.

Nadilson não falava. Não chorava. Não se mexia. Estava com um ar de assombrado, como se não conseguisse crer no que sucedera poucos minutos antes.

Lucas examinava tudo à sua volta buscando formas de agir.

– Pensa, homem, onde ficava o quarto das meninas?

Em choque Nadilson não respondeu, até o momento em que Lucas deu-lhe uma forte sacudida, gritando em seu ouvido.

– Precisamos fazer alguma coisa!

A alma horrorizada de Nadilson saiu do transe fazendo um esforço descomunal para raciocinar. Lucas brigava contra o medo que lhe corroía, tentando ser o mais racional possível.

– Após a sala, à direita. Com a casa ainda de pé, talvez possamos caminhar por dentro.

Concentravam-se no que havia adiante, em como atravessar a parede de terra intransponível. O drama aumentou quando os faróis do carro se apagaram, ampliando a escuridão.

– Meu Deus, não tem como passarmos. Meu Deus! Meu Deus!

Nadilson começou a cavar com as mãos. Lucas fazia o mesmo agora torcendo para que a ajuda chegasse logo, ou eles não sobreviveriam tanto tempo soterrados. Depois de cinco minutos e de terra incrustada em suas unhas, deliberaram que não conseguiriam avançar sem ajuda. Foram jogados ao chão pelo desespero. Se ainda existia algum sopro de vida dentro daquela casa logo estaria extinto.

Contudo a desesperança afastou-se de seus corações quando luzes começaram a ser vistas vindo de todas as direções. Lanternas corrompiam as trevas. Moradores de casas próximas não atingidas apareciam com pás, enxadas e com tudo o que havia disponível compelidos a agir.

Lucas dá um suspiro de alívio. Nadilson agradece aos céus.

– Vamos por aqui! – ordenou Nadilson, sendo seguido por mais de dez lanternas.

Homens empregavam suas pás incessantemente, ganhando metro a metro dentro da casa soterrada. Havia uma sensação medonha de que o teto cairia a qualquer momento e ficariam sepultados sobre os escombros. Cavavam sem parar com seus corpos afundando na terra. Duas horas já haviam se passado e ainda não tinham avançado até o quarto onde deveriam estar Clélia e Letícia. Contudo a cada metro que cavavam um raio de esperança brilhava. Ninguém se deixava desanimar.

Ouviram-se sirenes ao longe.

Minutos depois, o barulho das pás foi rompido por um tênue sussurro.

– Estamos aqui.

Lucas fez sinal para que parassem. Apesar de a voz ser muita baixa, percebeu sua entonação feminina.

Nadilson se lançou na direção da voz.

– São elas! – gritou emocionado.

Os homens comemoraram, levantando suas pás enlameadas.

Nadilson respirou aliviado. Fez-se luz na escuridão do seu coração quando encontrou com vida as duas pessoas que mais amava.

Clélia e Letícia estavam abraçadas debaixo da cama que resistira, só Deus sabe como, a tamanha quantidade de terra. Letícia, por incrível que possa parecer, não chorava.

– Nadilson, leve-as para fora – sugeriu Lucas limpando a poeira dos olhos. – Fique lá com elas, pois precisarão de todos os cuidados. O socorro está chegando. Continuaremos procurando por Guido.

Nadilson e mais um homem forte de meia-idade carregaram Clélia e Letícia para a segurança da rua.

Do lado de fora bombeiros abriam espaço. Estavam tendo dificuldades para atender a grande quantidade de chamados. Vendo muita gente mobilizada nas proximidades do Casarão, partiram em direção às outras casas afetadas. Segundo relatos de moradores, existiam pelo menos outras 9 casas na mesma situação. O deslizamento ceifava vidas.

Dentro do Casarão, exaustos, mas não desalentados, os homens ainda combatiam para atravessar toneladas de escombros. Lucas gritava o nome de Guido sem parar. Já haviam saído pelo outro lado da casa sem nenhum sinal do mágico. Enquanto imaginava que talvez Guido pudesse ter-se ausentado do Casarão por alguma razão, alguém fez uma observação pertinente.

– Passamos pela casa inteira e não me lembro de ter visto nada parecido com um banheiro.

– É mesmo. Não nos deparamos com coisas naturais a um banheiro, como canos ou privadas – disse outra pessoa enquanto passava a mão no rosto demonstrando cansaço. Vamos cavar com cuidado na outra direção. A esperança voltava a surgir na expressão angustiada de Lucas. Os bravos homens continuaram cavando por cerca de 15 minutos, quando, de repente, o homem que usava a pá maior fez um sinal solicitando que todos parassem.

– Toquei em algo mole!

Cheio de cautela, Lucas conteve o alvoroço.

– Não cavem com tanta força para não machucá-lo.

Foram removendo a terra e aos poucos foram tendo acesso ao corpo lesado de Guido, que era contornado lentamente pelas pás. Lucas ajoelhou-se pegando o pulso do mágico que ainda vibrava com vida.

– Vamos todos sair daqui imediatamente! – ordenou o mais velho, limpando a terra úmida que caía de suas sobrancelhas.

Andaram apressadamente seguindo as luzes de alguns carros que agora perfilavam do lado de fora proporcionando um pequeno clarão. Lucas levou Guido pelos braços até colocá-lo deitado num lugar seguro. As pernas e os braços do mágico sangravam. Lábios e testa com cortes profundos.

Lucas transpirou de alegria no instante em que Guido abriu os olhos empoeirados.

– Aguenta firme! Você vai ficar bem. Seu rosto era agora a própria imagem do alívio.

Guido fazia expressão de dor. Abraçava as costelas e travava os dentes.

Lucas ansiava por uma ambulância.

– O socorro já está vindo – repetia sem parar.

– E as meninas? – perguntou Guido tão baixo que sua voz quase não pôde ser ouvida. Ele inspirava ar e expirava terra.

– Clélia e Letícia estão bem, fique sossegado.

– Que bom. Lucas, posso te pedir um favor? – dizia uma palavra após a outra com extrema dificuldade.

– Qualquer um. Qualquer coisa.

– Eu te imploro, se algo acontecer comigo... – fez uma pausa dada a dor que o afligia. – Cuide das minhas duas meninas.

– Cuidarei delas cada minuto de minha vida, se isto lhe conforta. Mas você ficará bem, tenho absoluta certeza.

Lucas invocava o Deus que ultimamente andava lhe dando ouvidos. Rezava o pai-nosso comendo algumas palavras e trocando outras.

De repente, para sua completa surpresa, Guido sorri com os lábios abertos e feridos. Por que ele está sorrindo?, se pergunta

Lucas enquanto reparava no esforço do mágico em retirar algo do bolso.

Nas mãos cobertas de terra e sangue surge uma fotografia. Só anos depois Lucas foi entender que aquele era um sorriso de quem se lembrava de um momento feliz. Guido pressionou a fotografia no peito, sua expressão de dor havia simplesmente desaparecido. Simplesmente sorria.

Em seguida, Guido começou a pronunciar coisas que Lucas não compreendia. Lucas se curvou um pouco mais, colando uma orelha à boca de Guido. Nessa hora conseguiu escutá-lo com exatidão.

– ... duas, três, quatro, cinco, seis, sete...

– O que está acontecendo? – reparou que Guido não olhava mais para ele. Seus olhos estavam fixos no alto, parecia contar estrelas no céu que se mostrava límpido.

– ... vinte e duas, vinte e três...

A voz de Guido foi desaparecendo. Lucas só ouviu um último número. Trinta e seis. Os lábios do mágico agora pronunciavam o silêncio. A alma agoniada de Lucas gritava enquanto ele passava a mão no rosto do mágico.

– Socorro! Socorro! Alguém me ajuda!

Soluçou pegando seu pulso pela segunda vez. Dessa vez não sentindo nenhuma vibração. Consternado, segurava firme a fotografia que o vento tentava carregar daquelas mãos extintas de vida.

Lamentava balançando a cabeça ao mesmo tempo em que suas lágrimas limpavam a face de Guido. Preso nas trevas dos seus sentimentos, justamente quando sua vida dava o maior salto de qualidade, o destino separava o que o tempo demorou tanto a unir.

Capítulo 37

- Mãe, eu preciso colar os dois juntos?
- Sim, filha. Precisa sim.
- Já coleí – disse risonhamente com o bracinho estendido.
- Pegou o barquinho?
- Está aqui.
- Colocou as duas fotos aí dentro?
- Coloquei – respondeu enquanto sua mão tocava a água abrindo espaço nas ondas. – Já posso soltar no mar?
- Pode sim, meu amor.

Pietra então colocou delicadamente o barquinho no mar com as duas fotos coladas em seu interior. Sua mãe havia lhe explicado que eram o seu pai e seu avô. Contudo não entendia por que eles precisavam partir.

– Para onde eles vão? – perguntou sorridente vendo o barquinho se afastar.

- Não sabemos, só o mar sabe.
- Mãe por que você está chorando?
- Saudades, meu amor. Certas coisas ficam sempre guardadas em nossas lembranças – respondeu enquanto observava o vento levar o barco para longe.

Pietra pareceu não se importar com a resposta. Corria pela areia molhada capturando algumas conchinhas que apareciam e desapareciam com o refluxo das ondas.

- Um dia vou poder andar também de barco?
- Você já andou ontem, não se lembra?
- É mesmo – concordou colocando a mão na testa.

Com alegria no rosto, olhou para trás e viu o seu tio Lucas com lágrimas nos olhos.

- Também é saudade, tio?

Lucas suspirou, fazendo sinal de concordância. Desistira naquele momento de achar explicações para tudo que acontecera em sua vida.

Instantes depois, Lucas e Clarinha sentiram quase ao mesmo tempo uma brisa leve bater em seus rostos e uma sensação tomar conta dos seus corpos. Compreenderam que, enfim, os dois, pai e filho, cumpriram a promessa que haviam feito um para o outro. Agora estariam ligados não somente no céu, onde já estavam, mas também naquele lugar que juraram conhecer juntos.

Pietra então se virou e abraçou Clarinha.

– Vamos tomar sorvete?

Aqueles tinham sido os melhores 15 dias de sua breve vida de 5 anos.

Visitou parques onde pôde ver e alimentar cangurus e coalas. Ficou fascinada pelo grande tubarão-branco e as arraias gigantes que contemplou no enorme aquário de Sidney. Não ligou muito para a tal da Opera House, mesmo vendo que sua mãe, ao contrário, ficara abobalhada. Dias atrás ficou na piscina de um hotel aos cuidados de uma divertida recreadora cujas palavras Pietra não conseguia entender, enquanto sua mãe e seu tio mergulhavam na grande barreira de corais.

Eles continuaram andando ao redor da baía de Sidney aproveitando seu último dia na Austrália.

– Mãe, por que a gente não mora aqui?

– Porque temos nossa casa no Brasil.

Pensou por alguns segundos, lembrando-se de algo de extrema importância.

– Vou poder comprar aquele coala de pelúcia que vocês me prometeram?

– Pergunta aí ao tio Lucas.

– Tio Lucas, eu vou...

– Claro que sim. Mas só se você ficar ao lado de sua mãe para tirarmos uma última foto embaixo da Opera House.

– Mais uma? – reclamou. – Não aguento mais tirar fotos. Você sempre me engana dizendo que é a última.

– Faz uma última pose então.

A câmara então disparou várias outras vezes. Levavam da Austrália, além das fotos, a paz de espírito com a certeza da promessa cumprida.

Capítulo 38

Clarinha se tornou a presidente da ONG que atendia crianças em situação de risco, oferecendo novas oportunidades através de estudo e muito carinho. Passou a morar num apartamento no mesmo prédio de Lucas.

Nadilson e Clélia foram morar numa casa cor de mostarda comprada para eles por Lucas. Passaram a dar aula na escola de circo apoiada pelo investidor, que acabou virando padrinho de batismo de Letícia.

Tia Oneide continua viva, perto dos 90 anos, agora com apenas uma das vistas enxergando, o que não a impede de vender seus produtos na feira. O carteiro Juarez continuava insistindo em casar com ela.

Lucas escreveu um segundo livro, intitulado *A mágica da vida*, em que contou toda a história de vida do seu amigo Guido. Jaiminho escreveu o prefácio. Lucas acabou se casando dois anos depois, tendo o amor vencido todas suas resistências, com uma jornalista. Engajava-se agora em mostrar as mazelas do mercado financeiro.

Joselina se aposentou e agora vivia tranquilamente em sua casa no subúrbio ao lado da irmã.

Guido foi enterrado em Esperança do Leste ao cair da noite. A pedido de Clarinha, todos contaram juntos, olhando para o céu, as 36 primeiras estrelas que conseguissem ver. Segundo relatos, o cemitério foi pequeno para a quantidade de pessoas que apareceu por lá. Falavam que, de tão bom que ele tinha sido, até gente da estranha Romênia apareceu por lá. Por pressão da tia Oneide e pela fama que o livro *O Investidor e o Mágico* havia lhe concedido, a nova escola a ser erguida na cidade levaria o seu nome e já tinha até localização definida. Seria construída na esquina entre as ruas Feliciano Silva de Freitas e Padre Nicolau.

FIM